

STEVEN SPIELBERG

**CONTATOS IMEDIATOS
DO TERCEIRO GRAU**

(CLOSE ENCOUNTERS OF THE THIRD KIND)



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



STEVEN SPIELBERG
CONTATOS IMEDIATOS DO TERCEIRO
GRAU

Tradução de Vera Neves Pedroso

2º Edição

Que faria você se em tudo visse uma estranha montanha?

Se seu filho saísse, de repente, como que arrastado por uma nuvem e nunca mais voltasse?

Se todos à sua volta — até mesmo sua família — começassem a duvidar de sua sanidade mental?

Se você mesmo já não soubesse distinguir entre visão e realidade? Foi esse o drama de Roy Neary e Jillian Guiler: subitamente o seu mundo tornou-se um lugar desconhecido, onde eles se sentiam forasteiros, e a sua terra de promessa, que eles precisavam desesperadamente alcançar, era uma fantástica montanha. .. nunca vista!

Contatos Imediatos do Terceiro Grau é um magistral romance de ficção científica que envolve o leitor num clima de

grande *suspense*, alternando momentos de humor e de misticismo ou mesclando sentimentos humanos conflitantes. Quanto aos fenômenos extraterrenos de avistamento, prova e contato de Objetos Voadores Não-Identificados, o assunto é tratado com completa autenticidade. Segundo o autor, a sua história é, basicamente, "um drama-aventura contemporâneo da recusa de um homem de aceitar o que lhe dizem que não deve acreditar".

SOBRE O AUTOR

O homem que fez história no cinema com *Tubarão* transferiu suas atenções das profundezas do oceano para o espaço sideral. É de Steven Spielberg, jovem escritor e cineasta, o *bestseller* CONTATOS IMEDIATOS DO TERCEIRO GRAU que ele próprio dirigiu em versão cinematográfica numa superprodução Columbia/EMI, com grande elenco encabeçado por François Truffaut, desempenhando no filme o papel de Lacombe e pela primeira vez atuando frente às câmaras sob a direção de um colega.

UM

Sete silhuetas disformes emergiram de um remoinho ofuscante de areia e artemísia, como se fossem imagens alternadamente surgindo e se ocultando por entre toneladas de terra em erupção. Três *federates* estupidificados esperavam nos limites da cidadezinha de Sonoyita, em _____, México Setentrional.

Zurrando e fazendo uma força histórica para se soltar, os burros pressentiam mais uma intrusão e davam coices contra tudo o que viam. Os vultos estavam agora quase junto deles e, aos olhos de todos, o primeiro prédio naquele lugar deserto e mal-assombrado apareceu, ameaçador. No alto, o sol dizia que era meio-dia, mas a sua cor era de sangue, combinando com um antiquado cartaz de neon de Coca-Cola, no interior da estrutura de adobe de algum oásis-cantina. A primeira figura a sair do vento tinha quase dois metros de altura e cumprimentou os três policiais mexicanos com um rápido aceno de cabeça e uma rajada de espanhol.

— Somos os primeiros a chegar? — gritou o homem num espanhol de ginásio, a roupa caqui, os óculos à Rommel e a tira de couro no rosto tornando praticamente impossível adivinhar-lhe a nacionalidade.

— Somos os primeiros? — repetiu.

O perplexo policial respondeu apontando com a cabeça em direção ao sul, onde outro grupo de exploradores pareciam materializar-se como por encanto. E, à entrada de Sonoyita, numa tempestade de deserto, em 1973, as duas equipes se reuniram, quatorze homens ao todo, entre breves apertos de mão e vozes discretas.

— O intérprete francês está com vocês?

O rosto oculto tinha uma voz americana, com leve sotaque rural, originária provavelmente do eixo Ohio—Tennessee.

— Estou, sim. Falo francês, mas não sou intérprete profissional.

Esta voz pertencia ao membro mais baixo do segundo grupo a chegar e nela havia um ligeiro traço de medo. Procurando falar mais alto, a fim de competir com o uivo do vento, David Laughlin começou a parecer mais importante.

— Minha ocupação é cartografia, topografia. Faço mapas.

— Sabe falar francês? É capaz de traduzir do inglês para o francês e vice-versa?

— Se falarem devagar e partindo do princípio de que essa não é a minha profissão.

Interrompendo a conversa, um outro vulto se aproximou e estendeu a mão para o cartógrafo, falando um inglês hesitante, com um sotaque típico de francês.

— O senhor é que é *Monsieur...* Lougoline?

— Como?... Ah, sim, Laughlin — corrigiu Laughlin delicadamente, apertando-lhe a mão. Havia algo na voz do francês que convidava respostas suaves, cautelosas.

— Ah, *oui* — riu o francês, quase que a pedir desculpas. — *Oui, oui, pardon.*

E, desta vez em francês:

— Sr. Laughlin, há quanto tempo o senhor trabalha neste projeto conosco?

Laughlin sentiu orgulho em responder a essa pergunta e escolheu cuidadosamente as palavras.

— Desde a época do acordo entre o meu país e os franceses, em 69. Assisti às conferências de Montsoreau na semana em que os franceses entraram no negócio. Meus parabéns, Sr. Lacombe.

Lacombe sorriu, mas a equipe estava ansiosa por prosseguir, na expectativa do que tanto tinha andado para ver. Sentindo isso, Lacombe pôs-se a andar, falando com Laughlin tão depressa quanto caminhava. Acenou para outro membro da equipe e, dali a segundos, Robert Watts, guarda-costas pessoal de Lacombe, estava junto deles.

— *Robert, écoute Monsieur Laugh-o-line.*

— Sim, senhor.

— Diga a Robert em inglês, Sr. Laugh-o-Line, o que eu lhe estou dizendo agora, *en français. Alors.*

Lacombe falou qualquer coisa em francês e Laughlin repetiu imediatamente em inglês o que ele dissera.

— O senhor vai traduzir não só que eu disser — traduziu Laughlin —, mas também os meus sentimentos e as minhas emoções. Preciso ser perfeitamente entendido.

À frente deles, os *federates* mexicanos gritavam e apontavam para algo numa área que estava sendo açoitada por ventos de oitenta quilômetros por hora. Era tanta a poeira que lhes soprava nos olhos que o primeiro objeto dava a impressão intermitente de ser uma libélula com um raio de asas de mais de quinze metros. Os homens se aproximaram cautelosamente e a forma fantasma começou a lhes dizer o que, vinte e quatro horas antes, fora só boato.

Havia algo parado no meio da estrada, montado no que parecia ser rodas com asas, cauda e hélice. Tinha marcas nos flancos e números na asa. Mais atrás, só visíveis quando o vento vermelho fazia uma pausa, havia mais seis iguais. Eram bombardeiros Grumman T-3 Avenger, da época da Segunda Guerra Mundial.

A expedição estacou. Lacombe deu vários passos e ergueu os óculos de aviador manchados. Tinha agora um estranho ar de paz. Nem ansioso nem passivo. O rosto do francês era absurdamente jovem, apesar do cabelo grisalho, apesar dos sulcos que começavam nas narinas e terminavam a cada lado da sua boca. Enquanto decidia o que se havia de fazer, os sulcos pareciam ficar mais fundos. Lacombe respirou profundamente, limpou a poeira da língua com as costas da mão, calçou uma luva esterilizada de polietileno e transmitiu a Laughlin a primeira ordem para traduzir. Laughlin assentiu após ouvir o jato de palavras e gritou para os outros:

— Quero os números dos motores.

Imediatamente pensou se não teria cometido um erro, ao não atribuir à ordem o subentendido "ele". Mas ninguém pareceu se importar com isso. Em questão de segundos, quatorze homens do projeto estavam engatinhando sobre as asas e a cauda, abrindo portinholas e desparafusando peças. Todos usavam luvas Playtex. Um dos técnicos levantou a capota, que deslizou sem qualquer entrave. As ranhuras e os mancais pareciam novos. Com sua luva de polietileno, um dos técnicos serviu-se de pinças cirúrgicas para extrair um calendário enfiado sob o painel de instrumentos. Era um calendário de propaganda: "Trade Winds Bar, Pensacola, Florida". Mas era a data que importava.

— Mr. Lacombe — gritou o técnico, empolgado pela descoberta. — Tem data de maio!

— *Quoi!*

Lacombe foi direto a Laughlin para que ele traduzisse, mas o técnico adiantou-se.

— Maio até dezembro de 1948.

Lacombe compreendeu bem demais. Sorriu e levantou a voz para Laughlin. Este empalideceu e gritou para os outros, em inglês:

— Vejam se há gasolina nos tanques. Verifiquem se a gasolina pode suportar combustão.

O guarda-costas estava ao lado de Laughlin, braços arriados de espanto.

— Meu Deus, estão todos em perfeita forma — uma voz, com sotaque sulista, testemunhou o triunfo.

— AE 3034567. Puxa, vida! AE 29930404. Meu Deus! AE 335444536. Nossa Senhora!

Laughlin deixou de lado as exclamações e um outro membro encarregou-se de cotejar os números com os que haviam numa folha de papel.

— Os números dos motores conferem. E os das asas também. A tira de couro que protegia da areia as narinas e a garganta de Lacombe foi erguida. Seus olhos pareciam dardejear fogo, ao ver outro dos componentes da equipe testar as luzes de aterrissagem de um dos Grumman. Acesas, elas desenharam um feixe duplo no ar espesso.

— *C'est possible?* — Lacombe bateu com as mãos nos flancos e Laughlin, completamente

atordoado, cutucou Robert, o guarda-costas.

— Quer-me explicar do que se trata?

Robert inclinou-se para a frente, confidencialmente.

— É o Vôo 19.

— Continue.

— Vôo 19, não sabe? Este foi o esquadrão de aviões que partiu de Pensacola, para manobras de treinamento, em maio de 48. Nunca mais foram vistos... até hoje. Tire as suas conclusões.

— Mas onde estão os pilotos? Onde está a tripulação?

Robert não sabia responder. Limitou-se a dar de ombros. Nisto, berros ininteligíveis se fizeram ouvir, a alguns metros dali. Lacombe correu, seguido de Laughlin. Os três *federates* tinham feito uma prisão. Um vulto diminuto se acocorava na soleira da Cantina. Os policiais mexicanos não se calavam e o barulho que faziam dava a impressão de pânico. Lacombe olhou na direção de Laughlin, como que a pedir ajuda, e David não pôde deixar de sorrir:

— *Je ne parle pas l'espagnol. Français et anglais seulement.* Mr. Tennessee-Ohio tomou a palavra:

— Estão dizendo que este homem estava aqui. Que estava aqui há dois dias. Dizem que ele viu a coisa acontecer.

Aquilo era mais do que Lacombe ou qualquer outro poderia ter esperado. O francês apoiou um joelho no chão e, suavemente, tocou o queixo do homem com sua luva esterilizada. O mexicano ergueu a cabeça. Estava chorando, mas não era isso o que impressionava Lacombe. Metade do rosto do homem estava vermelho-escuro e pelado da testa até o pescoço. Laughlin nunca vira queimadura de sol como aquela, num rosto curtido e castigado pelos verões quentíssimos do México. As mãos do homem tremiam e um estranho fodor fez com que os olhos de Lacombe se fixassem nas calças endurecidas do mexicano. Tinha urinado nelas algum tempo atrás e, ao erguer o rosto para falar, sem querer molhou-as de novo. Moveu os lábios, forçando a passagem do ar através das cordas vocais, esforçando-se ao máximo para falar. E, quando por fim conseguiu dizer uma palavra, em espanhol, o homem rompeu a chorar de verdade.

— *Qu' est-ce qu'il dit?* — perguntou Lacombe.

Laughlin virou-se para o americano que sabia espanhol, mas ele limitou-se a dar de ombros e a interrogar o trapo humano a seus pés, que crocitou novamente a mesma palavra. O cheiro de urina era insuportável. Lacombe era um homem paciente, mas o americano estava demorando muito a traduzir a palavra. Laughlin interveio:

— Que foi que ele disse? Que palavra foi essa que ele disse?

O americano ergueu as sobrancelhas e deixou escapar um suspiro, juntamente com a tradução:

— Música.

— Quê?

— Foi tudo o que ele disse. Música. Entenda quem puder.

DOIS

Barry Guiler, um garoto de quatro anos, não estava conseguindo dormir sossegado. Pela janela entreaberta do quarto, a leve brisa de Indiana entrava, agitando seu cabelo. Um zumbido baixo mas persistente, vindo de um canto qualquer do quarto, perturbava-lhe o sono. De repente, um suave clarão vermelho bateu-lhe no rosto e os olhos de Barry se abriram.

Na mesa de cabeceira, um dos maltratados brinquedos de Barry de alguma forma criara vida. Era um pequeno monstro Frankenstein, que levantava as mãos como se fosse acertar em alguém, quando suas calças caíram e seu rosto ficou vermelho.

Barry sentou-se na cama, olhou para o Frankenstein e, depois, à sua volta. Tinha uma porção de brinquedos a pilha espalhados pelo quarto — um tanque Sherman, um foguete, um carro de polícia equipado com luz vermelha e sirena, um modelo 747, um bêbado agarrado a um poste e bebendo de uma garrafa — e todos eles estavam-se mexendo, acendendo-se, zumbindo. Sem que ninguém lhes tivesse dado corda.

Barry ficou encantado. Sua vitrolinha também se pôs a girar, arranhando uma versão da música de *Vila Sésamo*.

Barry riu e bateu palmas. Pulando da cama, correu até a janela aberta. Lá fora, a distância, ouviu um cão latir, mas o quintal, nos fundos da casa, estava escuro e em silêncio.

O quarto de Barry ficava no fim de um corredor. Levado pela curiosidade, o menino foi até a sala, na frente. Tudo escuro também, à exceção de um pequeno abajur aceso, que projetava uma luz azul. Apesar disso, Barry sentiu que havia algo diferente, que alguma coisa estava fora do lugar. Todas as janelas da sala estavam escancaradas e o ar da noite penetrava através das cortinas de renda, movendo-as de maneira estranha. Além disso, Barry reparou que a porta da frente tinha-se aberto sozinha e que a luz da varanda brilhava contra a escuridão da noite.

Apesar de tantas coisas estranhas, o menino não sentiu medo. Achou tudo aquilo muito engraçado. Um cheiro diferente entrava pela porta e pelas janelas. Um cheiro parecido ao do ar, depois de uma tempestade com trovões e relâmpagos. Mas Barry não achava que tivesse havido uma tempestade de verão. Não ouvira nada, nem chuva caindo. Além do mais, aquilo era diferente.

Resolveu ir ver o que estava acontecendo na cozinha. Nossa! Lá também as janelas estavam escancaradas e o vento soprava forte. A porta dos fundos estava aberta e batia contra a corrente de segurança. Mas isso não era nada! A porta da casinha de Bingo tinha sido arrancada e estava no chão, e Bingo não se encontrava na sua cama, ao lado da geladeira.

A geladeira também estava aberta e um saco de leite, algumas garrafas de Coca-Cola,

manteiga, um pote de requeijão e restos do jantar estavam espalhados pelo chão, formando uma trilha até a porta aberta da casinha do cão. Barry apanhou uma barra de chocolate semiderretida. Foi então que algo na cozinha chamou sua atenção. Várias coisas. Deixou cair a barra de chocolate no chão de linóleo e recuou com tanta pressa, que fechou a grande geladeira com o seu pequeno corpo. Esperou, cauteloso, os olhos imóveis. E, então, Barry Guiler sorriu. Um olharão mesmo tempo tímido e brincalhão, que parecia pedir uma resposta. Barry olhou um pouco mais — riu e desviou o olhar — uh-uh! — mais risadas

— uh-uh! Uma nova brincadeira. Barry olhou fixo e depois, balançando-se para trás e para a frente, nos calcanhares, como um chimpanzé, deu meia-volta, inclinando a cabeça para um lado antes de rodá-la lentamente — Gosta? Gosta? — Era um garoto valente.

— Buuu! — gritou, fazendo uma careta horrível. — Grrrr! Buuu! — gritou de novo, com a careta mais feia que sabia fazer.

Jillian Guiler estava dormindo, em seu quarto. Passara toda a semana com gripe e a sua cabeça, a cama e o quarto estavam em completa desordem. A casa onde Jillian e Barry moravam era pequena e ficava situada no alto de um pequeno morro, na zona rural de Indiana. Era uma casa fácil de cuidar, mas Jillian sentira-se mal durante toda a semana e deixara de lado o trabalho doméstico.

Tudo estava fora do lugar. O mesmo vento que soprara no resto da casa entrara, de repente, no quarto de Jillian, fazendo esvoaçar lenços de papel e dois desenhos a carvão, ainda não terminados, de Barry. A mesa de cabeceira estava cheia de comprimidos, remédios para o nariz, restos de um sanduíche e uma lata de Coca-Cola.

Jullian acordou naquele estado de espírito peculiar que a gripe produz: cansada, mas sem sono; pensando, mas não muito claramente; capaz de fazer alguma coisa, mas sem vontade nenhuma de fazê-la. Estava debaixo das cobertas, mas vestia ainda um roupão. A televisão estava ligada e, a princípio, Jillian julgou que as risadas que ouvia viessem do estúpido programa que distinguia, a distância, na tela. Mas, durante um comercial, voltou a ouvir os risos e, finalmente, percebeu de onde eles vinham.

Barry pôs-se a imitar o que via lá fora. Primeiro, cobriu e descobriu os olhos, como se estivesse brincando de esconder. Depois, girou várias vezes nos calcanhares, como se fosse um pião. Por fim, virou a cabeça para a esquerda e para a direita, repetidas vezes.

Começou a rir alto, divertido, caminhando na direção da noite. Uma pálida luz laranja iluminava-lhe o rosto, enquanto ele avançava, rindo.

Foi esse riso, cada vez mais fraco, que, finalmente, despertou Jillian.

Isso e o movimento dos brinquedos. O riso fez com que ela acordasse, imaginando o que lhe teria perturbado o sono. Depois, já sentada na cama, os olhos se abrindo lentamente, viu o carro da polícia entrar pela porta do quarto, a luz vermelha acesa.

Atrás do carro veio o tanque, com o canhão cuspidor de fogo. Depois, o jumbo gigante, acompanhado pela sirena do carro da polícia. E, finalmente, as calças caindo, erguendo-se e

voltando a cair, entrou no quarto o pequeno Frankenstein, com os braços estendidos.

Jillian deu um pulo, já completamente desperta, atirou as cobertas para trás e saiu da cama. O carro da polícia quase lhe passou por cima dos dedos dos pés, na sua trajetória rumo à parede, onde se chocou contra o reboco. Atrás dele, os outros brinquedos começaram a se empilhar, numa confusa colisão de vários veículos.

— Barry? — chamou Jillian.

Lembrou-se, então, do seu riso. Quase tinha desaparecido, apenas a lembrança dele perdurava na noite.

O relógio na mesa de cabeceira marcava 10:40. Que teria dado em Barry? Havia só duas horas que tinha ido para a cama.

Jillian foi andando, pelo corredor, até o quarto do filho. A cama de Barry estava vazia. As janelas estavam abertas. Saiu correndo do quarto e foi até a sala. Ficou olhando para as janelas e a porta escancaradas, para a luz que brilhava na varanda.

Não havia mais dúvida de que a risada de Barry vinha do lado de fora da casa, do meio da noite. Jillian soltou um pequeno grito e depois espirrou.

De novo as risadas. Mais fracas dessa vez.

Oh, meu Deus! — pensou Jillian e saiu correndo para o quintal. Tentando, sem resultado, acostumar os olhos à escuridão para além da varanda iluminada, Jillian começou a chorar, mas logo, procurando controlar-se, gritou "Barry! Barry!" e correu na direção do riso, cada vez mais distante, do filho.

TRÊS

O mundo, dentro de qualquer centro de controle de tráfego aéreo, é irreal. Há dezenas deles, espalhados por todos os Estados Unidos, e o que está semi-enterrado, perto de Indianápolis, é igual aos demais.

O mundo artificial, criado dentro desses grandes abrigos subterrâneos de concreto, quase não é percebido lá fora. O lugar é escuro. A única luz vem de pequenas lâmpadas veladas e de baixa voltagem, que mal mostram onde ficam as portas.

A maior parte da luz provém de telas de radar, que varrem o céu por sobre o espaço aéreo de Indiana. Não há dia nem noite, apenas uma penumbra artificial, e o brilhante clarão do radar, com seu quadro eletrônico do que está acontecendo no mundo real, lá em cima.

O tráfego aéreo da nação, depois de ser passado em revista, anotado no radar, interrogado pelo rádio, identificado convenientemente, é finalmente liberado, recebendo informações, e aterrissa em Indiana ou — o que é mais comum — segue a cerca de 900 quilômetros por hora para o seu destino.

Por mais falso que esse mundo seja, ele apresenta o que todo controlador de tráfego aéreo espera que seja um quadro acurado dos acontecimentos reais. O controlador espera que cada Jumbo, cada teco-teco, sejam devidamente anotados e encaixados num sistema que garanta a todos uma passagem segura pelo espaço aéreo de Indiana.

Essa é a esperança do controlador. Mas não é o que sempre acontece.

Harry Crain estava trabalhando em regime de meio-plantão, naquela semana. Nesse regime, havia apenas cinco ou seis homens.

Harry costumava ficar atrás deles, andando de um lado para o outro, ou descansando, ocasionalmente, num banco alto. O seu fone era ligado, por um longo fio, às faixas de rádio em uso, tendo um pequeno tubo plástico curvo, que captava a sua voz e a levava, através do microfone, até o mundo real sobre a sua cabeça.

Nessa noite, quatro controladores constituíam a equipe de frente. Sentavam-se lado a lado, aos pares, todos vestidos com camisas brancas, de colarinho aberto, mangas enroladas, e cada dupla atenta ao seu receptor. Sobre suas cabeças, os alto-falantes transmitiam o costumeiro zumbido, no momento mais espaçado porque, no espaço aéreo acima de Indianápolis, era agora uma noite tão escura quanto no centro de controle, lá embaixo.

— Controle de Tráfego Aéreo — ouviu-se a voz de um piloto. — Algum aparelho perto do Aireast 31?

Harry Crain estudou atentamente uma das telas. Havia apenas três blocos de dados

completos e um parcial. Os aviões que iam na mesma direção estavam a vinte e quatro quilômetros de distância; o terceiro, rumando em direção oposta, estava muito longe do Aireast. O resto da tela estava limpo.

Harry colocou o seu microfone em circuito:

— Aireast 31, negativo. O único aparelho que tenho aqui é um L-Ten Eleven da TWA, na sua posição de seis horas, a vinte e quatro quilômetros, e um DC-9 da Allegheny, na sua posição de doze horas, a oitenta quilômetros. Fique na uma. Deixe-me dar uma olhada na faixa de ondas largas.

Harry estendeu o braço e apertou um botão. A tela passou de computador de faixa estreita para radar normal. Harry olhou rapidamente, apertou de novo o botão e, logo depois, outro. Olhou para a primeira imagem em forma computadorizada. *Havia* um objeto não assinalado, na vizinhança do jato da Aireast. Harry examinou mais atentamente a tela, ao mesmo tempo em que o piloto dizia:

— Aireast 31 assinala aparelho na posição de duas horas, entre cinco e nove quilômetros, levemente acima e descendo.

Um dos controladores de Harry inclinou-se, olhou e grunhiu uma confirmação surpresa.

— Aireast 31, recebido e entendido — disse Harry Crain. — Tenho agora um objeto primário mais ou menos nessa posição. Não temos conhecimento de tráfego de grande altitude. Deixe-me verificar na baixa.

Harry virou-se para o homem no interfone e pediu:

— Ligue para a baixa altitude e veja se eles sabem quem é esse...

— Centro, Aireast 31 — disse o piloto, interrompendo Harry. — O aparelho não está na baixa. Está na posição de uma hora, ainda acima de mim e descendo.

— Pode descrever o tipo do aparelho?

A voz do piloto era calma, considerando a informação que estava a ponto de dar.

— Negativo. Nenhum contorno distinto. O objeto é brilhante. Tem as luzes anticolisão mais brilhantes que já vi — alternando de branco a vermelho e as cores são lindas.

Os outros controladores de setor estavam agora olhando e prestando atenção. O coordenador estendeu o braço, apertou um botão, chamou alguém e murmurou algo ininteligível.

Harry ficou um momento sentado no seu banco alto, olhando para as telas de radar.

— TWA 517 — disse ele, para o outro avião. — Quer confirmar, por favor?

Uma voz diferente disse pelo alto-falante:

— Centro, TWA 517 falando. O aparelho agora parece ter luzes de aterrissagem muito brilhantes. Pensei que o avião da Aireast tivesse as luzes de aterrissagem acesas.

— Qual a situação, Harry? — perguntou o coordenador.

— Quer repetir, TWA 517? — pediu o da Aireast. O piloto da TWA enunciou, lenta e claramente:

— As suas luzes de aterrissagem estão acesas?

— Negativo.

Harry resolveu intrometer-se:

— TWA 517, Centro de Indianapolis. O jato da Aireast está na sua posição de doze horas, voando-a vinte e quatro quilômetros de distância, na mesma direção e altitude. Identifique-se, por favor.

Voltou-se para o coordenador.

— Aireast alega haver um aparelho estranho, voando quase à mesma altitude. Não sei o que possa ser.

A identificação da TWA surgiu na tela e Harry perguntou ao piloto se ele podia ver o jato da Aireast.

— Afirmativo.

— TWA 517, pode ver o aparelho?

— Sim — respondeu o piloto, cautelosamente. — Temos observado esse aparelho e podemos vê-lo agora.

— Que é que ele parece estar fazendo?

— Exatamente o que Aireast 31 disse.

— Está descendo, a cerca de quinhentos metros abaixo de mim — interrompeu o piloto do Aireast 31. — Um momento... fique na uma... OK, Centro. Deu meia-volta e está vindo diretamente na nossa direção. Vamos virar à direita e deixar o nível de vôo 350.

Harry Crain pulou do banco e todos ficaram tensos, na sala às escuras.

O coordenador virou-se e disse:

— Ligue para a Wright-Patterson e veja se descobre que diabos eles estão testando lá.

— Aireast 31; recebido e entendido — disse Harry, ao mesmo tempo. — Desça e mantenha o nível de vôo a 310... Allegheny DC-9, vire imediatamente 30 graus para a direita...

aparelho a doze horas três zero quilômetros. Jato da Aireast descendo para NV-310.

Ainda extraordinariamente calmo, o piloto da Aireast disse:

— O aparelho luminoso está agora em descida angular, executando alguns movimentos não-balísticos.

Harry e o seu coordenador limitaram-se a olhar um para o outro, sem dizer nada.

— OK, Centro — volveu o piloto da Aireast, em tom de bate-papo. — O aparelho está se aproximando firme. É extremamente brilhante e move-se a grande velocidade.

— TWA 517 falando — disse o outro piloto. — Vamos desviar um pouco para a direita, para nos afastarmos também do aparelho.

— TWA 517, recebido e entendido — disse Harry Crain. — Desvios para a direita da rota aprovados.

— Centro, Aireast 31 saiu fora de três-um-zero e o aparelho passou à nossa posição de dez horas, a uns quinhentos metros e a grande velocidade.

O supervisor da equipe, que se colocara um pouco atrás de Harry, falou pela primeira vez:

— Pergunte-lhes se querem fazer um relatório oficial.

— Aireast 31 — disse Harry —, comunique nível de vôo três-um-zero. TWA 517, quer comunicar um objeto voador não identificado?

Durante vários minutos, só se ouviu a estática. Depois:

— Negativo... Não queremos comunicar.

— Aireast 31, que comunicar um OVNI? Mais estática.

— Negativo. Não queremos comunicar.

— Aireast 31 — insistiu Harry Crain. — Quer fazer algum tipo de comunicação?

— Não saberíamos o que comunicar, Centro.

Harry sorriu, já mais calmo.

— Nem eu — disse ele. — Vou procurar descobrir o destino do aparelho.

— E mostre-nos o nível três-um-zero, agora — disse o piloto, acrescentando: — As meninas estão-me dizendo que vários passageiros tiraram fotos do aparelho, quando ele passou por perto.

Harry Crain voltou-se para o supervisor de equipe e disse baixo:

— Essas eu gostaria de ver.

Depois, falando de novo ao microfone, disse:

— Allegheny 34 vire à direita para interceptar J-8. Retome a navegação normal. TWA está ao nível três-um.

O supervisor saiu de junto de Harry, desaparecendo novamente na penumbra da sala. A tensão deixara o Centro.

— Que diz o manual sobre esse tipo de coisa? — perguntou o coordenador de Harry.

— Como é que eu vou saber? — retrucou Harry Crain. — A Força Aérea começou a escrever esse manual há trinta anos. Ela que trate de terminá-lo.

QUATRO

Aireast 31 passou por sobre a casa de Roy Neary por volta das nove horas naquela noite, seus motores a jato soando muito leve dentro da casa, e nenhum dos seus ocupantes pareceu reparar no barulho.

Roy confiscara a sala de recreação da sua casa no subúrbio e transformara-a numa oficina que mais parecia uma sala de *hobbies* do Exército de Salvação. Penduradas e abandonadas ao longo das paredes e dos cantos, viam-se várias invenções eletrônicas e havia brinquedos de adultos suficientes para frustrar muita criança.

A coisa que mais se destacava na sala era uma pequena ferrovia, arrumada sobre a mesa de pingue-pongue da família. Os trilhos corriam através de uma paisagem tirolesa, cheia de lagos e montanhas.

Nessa noite, Roy Neary e Brad, seu filho de oito anos, estavam sozinhos na sala, sentados lado a lado. Roy tentava ajudar Brad com os seus exercícios de matemática. O garoto, com uma pilha de livros de aritmética caídos no chão, a seus pés, interessava-se bem menos em aprender a somar do que por trens elétricos.

Neary explicara diplomaticamente a Ronnie, sua esposa, que de vez em quando gostava de jogar pingue-pongue, que uma estrada de ferro em miniatura era uma necessidade, quando havia garotos na família.

— Uma necessidade para o pai — retrucara ela. — Como o pingue-pongue é para a mãe.

Roy prometera desarmar a ferrovia nos fins de semana mas, com o correr dos meses, em vez de ser desarmada, a estrada de ferro fora crescendo e ficando mais complexa, até tomar quase todo o tempo livre de Neary só para fazê-la funcionar.

— Que tal uma ponte levadiça sobre essa passagem? — perguntou Brad.

Neary franziu a testa para o filho.

— Pensei que você estivesse interessado em fazer o seu dever.

— Odeio aritmética — disse o garoto, pousando o lápis e olhando, desafiador, para o pai.

— Você não está se esforçando.

— Maquinistas de trem não precisam saber aritmética. Neary pegou no lápis e colocou-o de novo na mão do garoto.

— Imagine — disse ele —, que o chefe da estação põe a seu cargo dezoito carros. Aí, ele

diz para você formar dois trens com o mesmo número de vagões em cada um deles. Que é que você faz?

Brad pousou de novo o lápis e enfiou no bolso de trás das calças, apanhando uma minicalculadora.

— Não vai ter problema — respondeu —, porque eu vou usar uma dessas.

Roy suspirou e olhou para o céu. O longo momento de silêncio entre os dois foi quebrado por Toby Neary, de apenas seis anos mas um verdadeiro terremoto, que abriu um caminho de destruição pela sala adentro e só foi parar diante do pai. Toby estava furioso. Seus olhos azuis faiscavam e ele enfiou um dedo não muito limpo na cara de Roy.

— Você roubou minha tinta acrílica — gritou Toby.

— Não *roubei* nada.

— Eu não roubo as suas coisas — prosseguiu Toby, inexorável.

A atenção de Roy foi distraída quando viu Ronnie entrar lentamente na sala, de olhos fechados, com as mãos estendidas para a frente, como se fosse uma sonâmbula.

Normalmente, ela era uma mulher cheia de caprichos, com longos cabelos louros e um rosto oval, que acabava num queixo suave e pontudo. Seus olhos estavam geralmente bem abertos, muitas vezes sob as sobrancelhas levantadas ante uma das idéias esquisitas do marido. Naquele momento, porém, estava andando como se fosse cega e trazia uma réplica em miniatura a reboque. A pequena Sylvia, de três anos, agarrara a saia longa de Ronnie e estava levantando lentamente os pés e pousando-os devagar, os olhos também fechados.

— Ronnie — disse Neary.

— Brad — falou Ronnie, ignorando o marido, os olhos ainda fechados, e o pequeno rosto inexpressivo. — Brad, tenho um problema de aritmética para você. Se uma semana tem sete dias e sua mãe fica em casa todos os sete dias, quantos dias sobram para a sua mãe?

Ele não precisou da máquina de calcular:

— Zero!

— Ronnie — repetiu Neary, não gostando do que estava acontecendo —, abra os olhos.

— Por quê? — retrucou ela. — Posso andar por toda a casa de olhos fechados. Fazer as camas, preparar o café, dar de comer às crianças, tudo sem abrir os olhos. Sou como o *hamster* de Toby, dentro da sua gaiola.

— Fora de brincadeira — disse Roy —, abra os olhos. Quero que você veja isto.

Ronnie abriu lentamente os olhos. Cantarolando uma música sem melodia, indicando que estava satisfeito consigo mesmo, Neary apertou um botão no painel de controle da ferrovia em

miniatura. As crianças e a mãe viram um diminuto barco à vela começar a andar, deslizando sobre um lago de espelho. Aproximou-se de uma ponte de estrada de ferro, sobre a qual um trem deveria passar. Quando o trem chegou à ponte, o barquinho parou.

A ponte afastou-se para o lado, girando sobre um eixo central. Com pequenos movimentos, o barquinho atirou-se no espaço e a ponte começou a fechar-se. Mas, antes que ela se fechasse, o trem avançou e precipitou-se no espaço, indo bater no lago com um estalo metálico.

O sorriso de Neary desapareceu.

Ronnie ergueu os olhos do trem caído para o rosto do marido.

— Puxa, Roy — disse ela, numa voz desanimada. — Foi mesmo... fantástico.

— Ainda há pouco funcionou.

— Hum-hum.

O seu olhar, ainda mais azul do que o de Toby, não se desviou.

— Dou mais duas semanas a essa estrada de ferro — disse ela. — Aposto como vai acabar no porão, junto com o autotênis, o vaso elétrico e tudo mais.

— Você não está sendo justa.

— Está bem, nem tudo — concedeu ela. — Aquela coleção de minhocas que vocês tinham aqui. Pelo menos, isso vocês jogaram no quintal e não no porão.

Pegou no jornal e começou a passar as folhas, à procura de algo.

— Puxa, será que não tem jeito mesmo? E como se eu fosse prisioneira desta casa.

— No último fim de semana, nós saímos — lembrou Neary.

— Atravessar a rua para visitar os Taylor *não* é sair.

— Você sai todos os dias, para levar Brad à escola — sugeriu Neary.

— É uma experiência tão emocionante quanto levar Toby para o colégio. Ou levar Sylvia ao supermercado. Ou levar o carro para trocar os pneus de neve por pneus comuns.

Neary suspirou intimamente.

— Você está pintando um quadro demasiado preto.

— Então, me dê um pincel diferente.

— Escute, se você está pensando que o meu trabalho na companhia de eletricidade é muito

glamouroso...

Neary não continuou, pois não sabia até que ponto Ronnie estava mesmo chateada. Ela costumava esquecer logo a irritação.

— Escute — disse-lhe ele —, quando a gente conserta um transformador queimado, é como se tivesse consertado todos.

Ronnie olhou fixo para ele.

— Acho que é essa coisa nova de que tanto falam — disse ela.

— Que coisa nova?

— Estilo de vida. Acho que precisamos mudar o nosso.

— Isso é para gente rica, querida — retrucou Roy. — Para eles, é só ligar para a loja e encomendar um novo estilo de vida.

— Talvez não seja estilo de vida — disse Ronnie. — Talvez seja essa outra coisa de que as revistas falam... qualidade de vida.

— Parece coisa de novela.

— Deve haver mais coisas na vida do que percorrer o supermercado, à procura de três rolos de papel higiênico por um dólar.

Neary ficou calado por um momento. Ela nunca reclamara do ordenado dele, nem discutira com ele por causa de dinheiro. Ele sempre partira do princípio de que o que ele ganhava dava para viver.

— Fui aumentado em janeiro — lembrou ele. Ela sacudiu a cabeça.

— Não estou falando em dinheiro. Não me incomodo de procurar ofertas no supermercado, desde que a minha vida não seja só isso. E, Roy — acrescentou ela —, você me conhece. Eu não sou difícil.

— Como?

— Não estou pedindo uma semana de férias em Acapulco. Estou tão ansiosa para que algo aconteça, que ficaria louca de alegria se você me trouxesse uma flor. Uma linda rosa.

Neary suspirou de novo.

— Nunca me lembro disso.

— Quando a gente está ansiosa por uma mudança, como eu estou — continuou Ronnie —, qualquer coisa serve. Novos pegadores de panela. Ir até a agência Hertz e ver o pessoal alugar carros. Telefonar para o Serviço de Meteorologia e para a Hora Certa.

— Escute — disse Toby, teimando em voltar para as coisas importantes —, ele tirou as minhas tintas acrílicas.

Ronnie dobrou o jornal na página de cinema e colocou-o diante do marido.

— Olhe só para isso — sugeriu ela. Neary percorreu a página com o olhar.

— Ei, já viram? *Pinóquio* está passando de novo.

— Quem? — perguntou Brad.

Ronnie tinha aberto a bolsa e examinava o rosto no espelho do pó-compacto.

— Sorrio demais — disse ela. — Minha boca está ficando fina. Estou chegando à idade perigosa.

— *Pinóquio* — disse Neary. — Garotos, será possível que vocês nunca viram *Pinóquio*? Que sorte, estar passando de novo!

Brad franziu a testa.

— Você prometeu que a gente ia jogar minigolfe este fim de semana.

Por uma vez, Toby concordou.

— Isso mesmo. Minigolfe.

— Mas *Pinóquio* é o máximo — falou Roy.

— Ficando fina — repetiu Ronnie, em voz alta, para si mesma —, e amargurada. Como a boca da minha mãe.

Brad suspirou fundo.

— Quem quer ir ver um desenho bobo, de censura livre?

— Quantos anos você tem? — perguntou-lhe o pai:

— Oito.

— E quer ganhar presente, quando fizer nove?

— Quero.

— Então, vamos ver *Pinóquio* amanhã — disse Neary.

— Conquistando os corações e as mentes das crianças — comentou Ronnie para si mesma, no espelho.

— Estava só brincando — retrucou ele. — Mas eu vi *Pinóquio* não sei quantas vezes. As crianças continuam crianças, Ronnie. Vão adorar.

Assobiou baixinho uma melodia, e depois pôs-se a cantar, mas logo parou. Percebia que não estava convencendo ninguém, nem os filhos, nem a mulher.

— Vocês têm razão — disse ele, capitulando. — Garotos, podem escolher o seu programa, que eu não vou procurar influir. Amanhã, vocês podem ir jogar minigolfe, isto é, esperar na fila, ser empurrados, empurrar e talvez fazer um score de zero... ou... vocês podem ir ver *Pinoquio*, que tem música, bichos, mágicas e coisas de que vocês vão lembrar para o resto da vida.

Finalmente, já desesperado, sugeriu:

— Vamos fazer uma votação.

— Golfe! — gritaram as três crianças. Neary fingiu recuar.

— Muito bem, amanhã... golfe. Agora... para cama. Já.

— Não, espere — protestou Toby. — Você disse que a gente podia ver *Os Dez Mandamentos* na televisão.

Do outro lado da sala, o telefone tocou. Ronnie apressou-se a atender.

— Esse filme leva quatro horas — disse ela, atendendo. — Alô! Oi, Earl!

Neary retrucou, quase para si mesmo:

— Eu disse a eles que podiam ver só cinco mandamentos.

— Fale mais devagar, Earl — disse Ronnie, no telefone. — Não consigo guardar tudo. É melhor você falar com Roy.

Passou o telefone para o marido.

— Parece que aconteceu alguma coisa. Neary rodeou a mesa de pingue-pongue.

— Meus filhos não querem ver *Pinoquio* — resmungou. — O mundo está perdido!

— Ele já vem — disse Ronnie ao telefone. — Estava atravessando os Alpes.

Roy retrucou com um sarcástico "ah! ah! ah!" e estendeu a mão para o telefone. Em vez de lhe passar o telefone, Ronnie colocou-o num dos ouvidos dele com uma mão, enquanto dava meia-volta em torno do marido e lhe beijava a outra orelha. Neary estava acostumado a essas súbitas mudanças de humor na mulher. Curvou-se e pegou Sylvia, que também queria lhe beijar a orelha.

— Qual o problema, Earl? — perguntou ele ao colega de trabalho na companhia de energia

elétrica.

— Recebi um telefonema do chefe — disse Earl Johnson, numa voz preocupada. — Problemas na voltagem primária.

— Na primária? — repetiu Roy. — Como diabos...

— Cale a boca e preste atenção — atalhou Earl. — Perdemos metade de uma bateria de transformadores na subestação de Gilmore — prosseguiu ele, procurando falar o mais rápido possível. — Vai atingir os bairros residenciais a qualquer momento, de modo que pode ir tratando de vestir as calças enquanto ainda tem luz.

— Earl, que di...?

— Vá voando para Gilmore, Roy.

Earl desligou. Neary voltou-se para a mulher.

— Você ouviu?

A sala ficou às escuras e tudo parou.

Em meio à escuridão, Neary foi o primeiro a vê-las. Diminutas poças de luz azul sobre a estrada de ferro em miniatura, onde o rio passava debaixo da ponte e desaguava no pequeno lago. A água pintada era de um verde-azulado, igual aos olhos de Ronnie.

— Eu não disse? — gritou Toby, de repente. — Eu não disse que ele roubou a minha tinta acrílica?

CINCO

Um sintetizador Moog é tudo menos uma coisa simples. Ainda há poucos no mundo e são ainda menos as pessoas que sabem montá-lo e menos, ainda, as que sabem o que fazer com ele, as que conhecem a sua capacidade, o seu potencial, os seus limites.

Por isso, quando veio a ordem de modificar o sintetizador que tinham construído para Stevie Wonder, dois anos antes, os jovens barbudos, de óculos e bigodes, que entendem desses misteriosos aparelhos, agiram com perplexa diligência.

Perplexa porque, evidentemente, Sr. Wonder estava emprestando ou dando o seu Moog a um grupo não conhecido anteriormente por seus interesses musicais. Mas, que diabos? Que é que eles podiam fazer com um sintetizador Moog, que não pudessem fazer com um míssil balístico intercontinental de longo alcance e ogiva nuclear?

SEIS

Ike Harris estava agarrado a dois telefones quando Roy chegou: um, ligado diretamente com o elevador de um edifício de apartamentos, onde o Supervisor Grimsby ficava preso, e o outro, ligado com o igualmente tumultuado mundo exterior.

Harris estava muito agitado.

— Um cabo de 27KV reventou, em Gilmore — disse ele a Grimsby, pelo telefone, ao mesmo tempo em que punha Neary a par da situação. — Todos os disjuntores se abriram e começamos a perder cabos de alimentação. Tolono está às escuras. Crystal Lake também. Como? Ah, é isso mesmo. O senhor também está às escuras.

Harris olhou para Neary, e ergueu os olhos por um momento, indicando o tipo de bronca que Grimsby lhe estava dando, do outro lado do fio.

— Muito bem — disse Ike, aproveitando uma pausa de Grim-sby. — Recebi relatórios de vandalismos. Alguns cabos de 890 megawatts parecem ter sido derrubados. Pedi à Companhia Municipal de Luz que os consertasse, mas não podemos mandar a força enquanto a torre de 500KV não entrar em funcionamento. Como? Sim, senhor!

Harris colocou a mão sobre o fone.

— Neary, sabe qual a tensão normal dos fios nessa área?

— Quando não há vento, a tensão normal é de aproximadamente oito mil quilos por fio. Trabalhei na reparação dessa área há dois anos.

Ike tirou a mão do fone.

— Vou mandar Neary para lá agora.

— Vai mesmo? — perguntou Roy, em voz baixa.

Com a mão que não estava segurando o fone de Grimsby, Harris acenou para que Neary saísse da sala de controle.

— Ponha-se a andar, bolas. Não, não estou falando com o senhor, Sr. Grimsby.

Roy já estava atravessando a porta, quando ouviu Ike gritar para alguém, para todo mundo, para qualquer pessoa:

— Diga à Companhia Municipal que vamos ligar a força daqui a dez minutos.

Agora, quinze minutos mais tarde, correndo por uma estrada escura, cujo nome ou número

ele não sabia, Neary estava quase confessando ter-se perdido. O carro de Roy era uma versão reduzida da sua oficina em casa. Tinha um mapa da rede elétrica estendido sobre o volante e procurava em vão traçar as coordenadas do problema, uma caneta-lanterna saindo-lhe da boca.

Neary, que já era uma ameaça na estrada, ficou ainda mais distraído pelos chamados da polícia, captados pelo rádio do seu carro.

— Aqui falando do gabinete do Xerife. Temos alguma patrulha perto de Reva Road?

— Alô, Condado. Patrulha de estrada seis-dez. Estamos em Reva Road. Podemos ajudar?

— Seria ótimo. Dirijam-se à casa número 211 de Reva Road. Uma mulher quase histérica. Qualquer coisa sobre a iluminação externa. Os cães estão latindo. Vejam do que se trata.

O rádio calou-se e Neary parou o carro, encostando-o na beira da estrada. Reva Road ficava em Tolono, ele tinha certeza. Mas Ike dissera que Tolono estava às escuras. Roy pegou o telefone.

— TR oitenta e oito dezoito para o Chefe de Emergências — pediu.

— Emergências — atendeu Ike Harris, não menos histérico do que quinze minutos atrás. — Que é que você quer?

— Já devolveram a energia a Tolono?

— Está brincando? Tolono está às escuras.

— Acabei de ouvir a polícia falar de luzes em Tolono.

— Diabos! — gritou Harry. — Que é que você está fazendo, escutando os chamados da polícia, numa noite destas? Está tudo por terra, Neary. Toda a rede caiu.

Harris desligou abruptamente.

Neary voltou para a estrada. Minutos mais tarde, viu, a distância, uma luz âmbar, giratória, que o fez sentir-se melhor. Pelo menos, não estava perdido. Estacionou atrás de um carro de consertos e saiu. Havia duas turmas de trabalhadores, à espera de alguém que lhes desse ordens. Junto deles, um guindaste amarelo, pronto para levar os homens até o alto da torre, que se avistava, indistintamente, em meio à escuridão.

Neary sentiu-se pouco à vontade. Era a primeira vez que chefiava turmas de reparos. Aqueles homens eram, na sua maioria, veteranos. Roy trabalhara também algum tempo reparando cabos, mas aqueles homens tinham bem uns quinze anos mais do que ele e dez vezes mais experiência. Só porque ele subira no sistema, não queria dizer que aqueles homens obedeceriam automaticamente às suas ordens, se é que ele podia pensar em ordens para dar.

Roy avistou então um rosto amigo, o rosto negro de Earl Johnson, que ligara para sua casa.

— Oi, Earl — disse ele. — Que está havendo?

— O que você está vendo — retrucou Earl, os dentes muito brancos brilhando à luz âmbar.

— Por que razão alguém roubaria quase três quilômetros de cabos?

— Você está brincando.

Como resposta, Earl ergueu a lanterna de seis volts e iluminou o alto da torre. Depois, com o foco de luz, traçou uma linha onde dois grossos cabos de cobre deveriam ligar-se à torre seguinte. Só que não havia mais cabos.

— A linha não caiu — disse ele. — Sumiu. Não há nada, absolutamente nada, de M-Dez até M-Doze.

— Com todos os diabos! — exclamou Neary. — Talvez seja o alto preço do cobre.

Earl e Roy dirigiram-se para o carro, a fim de informar à Central o que tinha acontecido.

— Isso mesmo — concordou Earl. — O cobre está valendo uma fortuna. Eu disse a eles para colocar cabos subterrâneos.

— Mas onde é que os passarinhos iriam pousar? — retrucou Neary.

Antes que Roy pudesse comunicar-se com Ike Harris, o rádio transmitiu um chamado da polícia:

— A qualquer carro que esteja nas vizinhanças de Tolono... uma dona-de-casa diz que... hein?... o abajur antigo dela está acendendo e apagando na janela da cozinha... de cabeça para baixo...

— Onde foi que eles disseram? — perguntou Johnson. — Tolono?

— É o segundo chamado de Tolono — disse-lhe Neary.

— Não conseguimos entender bem — voltou o rádio da polícia. — A mulher está muito nervosa... número quatro-um-cinco-cinco de Osborne Road.

— Mas Tolono está às escuras — disse Earl.

— Talvez' — retrucou Roy, pegando o fone do carro. — TR oitenta e oito dezoito falando. Chamem Ike.

Passou o mapa para as mãos de Earl.

— Procure Osborne — pediu. — Nunca consegui ler esses malditos mapas.

Harris atendeu:

— Neary! Que está havendo?

— Bem — disse Roy, tranqüilamente —, estou aqui em Mary-dez. E... todos os cabos foram roubados. Daqui até Mary-doze, segundo Earl. Parece que vândalos andaram cortando os terminais, depois pegaram um caminhão e recolheram todos os cabos, mas ainda tem mais uma coisa...

— Eu também tenho mais uma coisa para você — interrompeu Ike. — Temos que consertar todo o sistema dentro de uma hora.

— Uma hora! — exclamou Neary. — Só aqui, há quase dois quilômetros de postes sem fios. É impossível.

— Nada é impossível quando um supervisor-geral está preso num elevador e louco para sair.

Roy soltou uma risada e depois perguntou:

— Escute, Ike, vocês já devolveram a energia a Tolono?

— Já lhe disse que foi em Tolono que a coisa começou. Está tão às escuras quanto o tal elevador de Grimsby.

— Por favor, Ike — começou Neary, cauteloso —, preste atenção. A polícia está dizendo que há luz em Tolono. Se os cabos estão transportando energia e isso não aparece aí no seu computador, uma das pessoas trabalhando nesses terminais... bem... Já aconteceu uma vez em Gilroy, lembra?

— Eu e dois computadores garantimos que Tolono está tão às escuras quanto o interior da sua cabeça, Neary — berrou Harris.

Earl Johnson fingiu não ter ouvido a bronca.

— Entrem em contato com a Reserva Sul de Tolono — alertou, de repente, o rádio da polícia. — A iluminação de Natal deu início a um pequeno incêndio no mato.

— Ouviu isso, Ike? — gritou Neary ao telefone. — Ouviu? Agora, estão falando em iluminação de Natal.

— Estamos em maio e não em dezembro — respondeu Harris, recuperando o costumeiro bom humor. — Não se pode pensar em Natal durante um *blackout*.

E desligou, antes que Roy pudesse dizer alguma coisa. Neary voltou-se para Earl Johnson.

— Que é que há com ele? Foi assim que Jordie Christopher morreu, substituindo isoladores danificados, em Gilroy.

— Você ouviu o que ele disse, Roy — retrucou Earl. — Mandou que você consertasse a linha.

— Certo.

Neary ficou um momento cantarolando baixinho. Depois, voltou-se novamente para Earl Johnson e disse, em tom de cumplicidade:

— Escute, Earl, que tal você comandar esta operação durante mais ou menos uma hora?

Subiu para o carro, fechou a porta e ligou o motor antes que Johnson pudesse responder.

— Eu? Dirigir esta operação? Quem vai me ouvir? Não tenho nenhuma autoridade. Nem sequer sou branco. Não vire as costas, Roy. Escolheram você para chefe.

— Earl, se ele estiver enganado, alguns colegas nossos lá em Tolono podem acabar morrendo.

— É, mas se ele estiver certo, você não só vai perder o emprego, como vai custar a achar outro.

Neary começou a avançar com o carro.

— Tolono fica onde, no mapa? — perguntou, pondo a cabeça para fora. — Sessenta e seis para setenta?

Roy afastou-se.

Johnson levou as mãos à cabeça, em desespero pela falta de sentido de orientação de Neary.

— Você ainda vai acabar em Cincinnati — gritou. — É setenta para sessenta e seis.

Neary acenou para Johnson. Setenta para sessenta e seis.

Um momento depois, a noite engolia a forma e o barulho do seu carro.

Earl Johnson ficou vendo as luzes traseiras desaparecerem na distância. Soltou um fundo suspiro e voltou lentamente para a turma de trabalhadores, que o observava com um misto de desconfiança e divertimento.

Earl ficou diante de todos aqueles veteranos, pensando em que diabos lhes diria para fazer. Por fim, respirou fundo e apontou para a torre.

— Consertem aquela coisa.

SETE

O voo 31 da Aireast aterrissara às 23:40. A torre do aeroporto de Indianapolis dera instruções rotineiras de taxiamento: um desvio de apenas três minutos da pista Leste-Oeste.

Um pelotão de policiais de segurança do aeroporto esperava, seus *walkie-talkies* funcionando sem parar, enquanto uma voz anunciava ao público que as zonas brancas se destinavam apenas ao desembarque imediato dos passageiros.

Um Ford LTD preto abriu caminho através do leve congestionamento noturno, parando a alguns centímetros da frota de patrulhas do aeroporto. Um dos pneus chegou a subir no meio-fio, com barulho e risco suficiente para fazer qualquer policial pegar o seu bloco de multas.

Em vez disso, um dos policiais de segurança apressou-se a abrir a porta traseira do carro. Três homens saíram dele. Seriam jogadores profissionais de futebol, disfarçados de executivos da Sperry-Rand? Seus ternos impecáveis, de listras finas, pareciam ter sido passados em cima dos seus físicos de dois metros de altura. Dois deles usavam óculos escuros e o outro tinha um bigode grisalho, que não combinava com os curtos cabelos louros.

Um quarto personagem de tipo semelhante saiu, ofegante, pelas portas automáticas do terminal.

— Já pousou!

— Quando?

— Faz mais ou menos um minuto. Onde vocês estavam? Já está taxiando para o Portão 55A.

Os quatro puseram-se a correr para o anexo do terminal, empurrando as portas com os ombros, quando elas não abriam suficientemente rápido.

Subiram pela escada rolante, galgando dois degraus de cada vez. Ao chegarem ao alto, o primeiro derrubou uma mulher que não os vira e os outros três quase caíram por cima deles. Em vez disso, contornaram o colega e a mulher, que estava grávida e estendida no chão, e saíram correndo.

O primeiro homem ajudou a senhora, com muitos pedidos de desculpa, a se levantar, certificou-se de que ela estava bem, apenas assustada, e correu atrás dos amigos. Ela notou um pequeno cartão plastificado, com a foto do homem, pendurado de uma fina corrente de metal, em volta do seu pescoço.

O homem conseguiu alcançar os colegas quando já estavam passando pelos detectores de metal. Mostraram os cartões, pendurados das correntinhas metálicas, e o pessoal da

segurança mandou-os passar. Imediatamente, os quatro puseram-se a correr pelo comprido corredor que levava aos portões de partida e chegada, como se quisessem recuperar o tempo perdido.

Mas, em vez de se dirigirem a qualquer um dos portões, pararam de repente diante de uma porta marcada com um pequeno "6" — conforme alguém, mais tarde, recordaria — e, sem se dar ao trabalho de bater, foram entrando.

Segundos depois, os quatro reapareciam, trazendo com eles três funcionários, muito espantados, da FAA, todos com cartões de identificação plastificados, mas nenhum parecido com um jogador de futebol. À medida que o grupo se dirigia para a entrada da torre do aeroporto, remexendo nos bolsos, à procura de passes, eles ficavam cada vez mais furiosos.

O vôo 31 da Aireast, um Boeing 727, fizera uma parada de trinta segundos, à espera do poder avançar. Agora, voltara a taxiar, rumando diretamente para a área de estacionamento 55A. De repente, o aparelho freou e tremeu uma vez, antes de parar. A roda da frente começou a embicar para estibordo.

Guiando o aparelho para a pista de estacionamento, um funcionário sinalizava *com flashsticks*. O jato continuava virando para estibordo, fazendo com que o homem agitasse nervosamente os *flashsticks*:

— Para este lado, por aqui.

Ignorando totalmente a sinalização, o avião deu meia-volta e dirigiu-se para uma área particular da pista, cujos limites eram demarcados por luzes azuis.

O funcionário deixou cair os sinalizadores e deu de ombros na direção dos carregadores, que olhavam para a torre de controle, à espera de que ela desse sinais de vida.

Enquanto isso, em outra parte do aeroporto — sem saber da confusão que causara — Lacombe aterrissava. Seu jato militar taxiou de uma das pistas principais para uma área de estacionamento pouco usada e parou ao lado de um Cadillac preto. Os dois motores calaram-se, a porta abriu-se e o francês desceu, rápida mas não apressadamente, pela escada de metal, atravessou a pista de concreto e entrou no banco traseiro do carro.

No banco da frente estavam um motorista do governo, fardado, e um outro homem, de terno escuro. Com seu jeito austero e controlado, Lacombe dispensou todos os comentários sobre a sua viagem, e perguntou:

— Eles estão preparados?

— Sim, senhor — respondeu o homem de terno.

O motorista levou-os do terminal de passageiros para uma área onde a carga era guardada para embarque. Havia mais quatro outros carros estacionados lá, todos com os motores ligados e os faróis apagados. Assim que o Cadillac parou em frente dos outros, a porta de um dos carros se abriu e dele saíram Lacombe e Lau-ghlin. Começaram a andar na direção do

Boeing 727, o francês seguido pelo seu intérprete.

No interior do Aireast 31, os passageiros — cansados demais para fazer queixas e aliviados por terem, finalmente, aterrissado em Indianapolis — viram, os olhos vermelhos de fadiga, a porta da frente ser aberta por uma aeromoça e seis homenzarrões subir pela escada móvel, que tinha sido colocada em um dos lados do avião, e penetrar no compartimento. Dois deles, vestindo ternos, sumiram na cabina da tripulação, enquanto os outros quatro — trajando calças, gravatas e paletós descombinados, as identificações plastificadas penduradas por cima das gravatas — postavam-se junto à porta aberta e ao corredor, como para impedir que alguém saísse.

A essa altura, todos os quarenta e quatro passageiros estavam mais curiosos do que cansados, principalmente depois de verem o piloto, o co-piloto, o radiotelegrafista e o engenheiro de vôo sair da cabina, escoltados pelos dois homens de terno. Os que podiam olhar pelas janelas de estibordo viram a tripulação entrar em dois automóveis, que logo se afastaram. Os homens subiram de novo a escada e voltaram a entrar no avião.

Dois dos homens de roupa descombinada começaram a andar pelo corredor, entregando aos passageiros lápis e pequenos cartões IBM. Ao mesmo tempo, um dos homens de terno pediu à aeromoça que lhe passasse o microfone da cabina.

— Pessoal — disse ele —, meu nome é Jack DeForest e estou falando em nome do Comando de Pesquisas da Força Aérea, para lhes pedir desculpas pelo atraso no vôo e nos horários de cada um de vocês. Vamos fazer tudo para livrá-los o mais rápido possível.

"Muito bem — continuou ele, como se fosse o diretor social de bordo. — Ninguém tem culpa disso mas, durante este vôo, sem que o piloto ou a Aireast Airlines soubessem, este avião atravessou, acidentalmente, um corredor onde o governo estava realizando testes.

Imediatamente os passageiros reagiram com uma série de "Eu logo vi" e "Eu não disse?".

— Eu prometi que isto não demoraria e não vai demorar — prosseguiu Jack DeForest. — Vou pedir a todos os passageiros com máquinas fotográficas, filmes, revelados ou não, e gravadores para entregá-los à nossa equipe agora.

A reação foi instantânea e indignada. Jack ergueu uma das mãos, que ninguém pôde ver, a não ser a aeromoça.

— Só por algum tempo, pessoal. Vocês receberão tudo de volta dentro de duas semanas. Prometo. Preencham esses cartõezinhos que lhes demos com os seus nomes, endereços e uma descrição do que estão entregando à Força Aérea. Receberão tudo de volta... *slides*, impressos, tudo... por nossa conta.

Jack DeForest deixou que se queixassem até cansar. Lacombe entrou no avião, com Laughlin a tiracolo, e ficaram observando os passageiros, ainda resmungando, começar a preencher os cartões IBM.

Lacombe virou-se para Laughlin e susurrou-lhe qualquer coisa em francês.

— Sr. DeForest — disse Laughlin, fazendo com que todos os passageiros levantassem os olhos, para ver o que estava acontecendo agora —, diga à tripulação que precisamos da gravação do vôo intacta. E mais uma coisa.

— Sim?

— Não lavem o avião.

Laughlin transmitiu as ordens que Lacombe lhe murmurava sem pensar noutra coisa senão em traduzi-las para o inglês. Mas agora, ao ver a reação assustada e preocupada dos passageiros, percebeu que teria sido mais inteligente ter falado pessoalmente com a tripulação.

Os rostos dos passageiros refletiam exatamente o que ninguém queria que eles refletissem. Tudo por causa daquilo de não lavar o avião.

Foi um mau momento. Mas ninguém falou. Talvez estivessem demasiado cansados. Talvez não quisessem realmente saber. Talvez achassem que era demais para um só dia.

Lacombe, Laughlin, DeForest e os outros sabiam que pelo menos dois dos passageiros começariam a procurar nos jornais, no dia seguinte. Mas tinham certeza de que as únicas notícias que seriam publicadas sobre a experiência apareceriam nas páginas do *The Enquirer*, *The Star*, *Argosy* e de outros jornais que ninguém levava a sério.

Apesar disso, eles sabiam que não havia maneira de deter o que estava acontecendo essa noite. Aquilo era apenas o início.

OITO

Não havia maneira de o despachante alcançar Neary. Ele tinha desligado o fone em seu carro. Roy não queria que Ike Harris o chamasse. Atravessando a noite, a caminho de Tolono, viu um manto de estrelas sobre ele, embora o costumeiro *fog* primaveril subisse das valas, refletindo os faróis do carro.

Neary não viajava sozinho no carro. Tinha os chamados da polícia para lhe fazer companhia.

— U-cinco. Longly falando. Câmbio.

— Pode dizer.

— Respondendo ao chamado de 10-75, em Cornbread Road e Middletown Pike. Estou vendo... acho que são luzes da rua, nos bairros residenciais do sopé do morro. Estamos a caminho.

Um grupo de faróis surgiu por cima do ombro de Neary, pela janela traseira. Estava observando os mapas e acenou distraidamente com o braço para fora da janela lateral. Os faróis do automóvel passaram por ele e alguém gritou:

— Você está bem no meio da estrada, imbecil!

— Duzentos vizinhos de pijama pensam que é sábado à noite, aqui — observou Longly, na frequência da polícia.

Neary estendeu um mapa sobre o volante e conseguiu localizar Cornbread e Middletown. D-cinco, M-trinta e quatro. Partiu para lá, os pneus guinchando.

Depois de cinco minutos, Neary estava completamente perdido. Finalmente, já desesperado, encostou junto a uma fileira de carrocinhas de cachorro-quente. Aparentemente, o *blackout* fornecera a todo mundo uma perfeita desculpa para tomar conta das áreas de estacionamento. Tão logo viram o carro de Neary, várias pessoas se aproximaram, com lanternas elétricas e latas de Coca-Cola.

— A luz já voltou? — perguntou ele.

— Vejam só quem está perguntando! — exclamou uma mulher de rolinhos e lenço na cabeça. — Em que é que você trabalha, hein?

— E a luz da rua? Quando se apagou, voltou de novo? Ficou acendendo e apagando?

Um garoto metido a espertinho apontou uma lanterna para o rosto de Roy.

— Assim? — perguntou ele, fazendo a lanterna piscar, acendendo e apagando, nos olhos de Neary.

— É.

— Não — disse o garoto, rindo com um jeito de retardado.

— Eu estou em Tolono, ou não? — perguntou Neary à mulher de rolinhos.

— Está tudo aceso aqui — disse, de repente, o policial Longly. — A iluminação das ruas... acho que é a vapor de sódio. As luzes não querem ficar quietas. Parece que estão se inclinando para o lado, sendo sacudidas por uma ventania. Sobem e descem...

— Jesus! — exclamou Neary.

— Longly — disse o despachante, com voz chateada —, dê-nos a localização.

— Também quero — disse Neary.

— Está sobre a Escola Primária de Ingleside, dirigindo-se para nordeste.

— Onde fica a Escola Primária de Ingleside... alguém sabe dizer? — gritou Roy, pela janela do carro.

— É fácil — disse um sujeito que, por uma razão qualquer, carregava uma espingarda. — É só voltar para 70 e depois...

— Não, espere um momento — disse Longly. —... está se dirigindo para noroeste, sobre Daytona.

— Onde fica Daytona? Rápido!

— Isso é ainda mais fácil. — O homem da espingarda estava louco por ação. — Pegue qualquer estrada a leste daqui até chegar a cidade-nove e fazenda-onze, mas não pare, porque há uma placa de desvio: "Desculpe, mas estamos trabalhando para o progresso."

Ainda estava falando, quando Neary deu marcha à ré.

Cinco minutos mais tarde, ele estava perdido na sua própria cidade natal. Trafegava por uma estradinha de terra, rodeado por mais/og. Atravessando, aos solavancos, uma encruzilhada, o carro parou e Roy Neary apontou a lanterna para uma placa de sinalização. Diabos! Verificou de novo o mapa. Deu marcha à ré, parou e estendeu o mapa sobre o volante, torcendo a pequena lâmpada interna a fim de ver melhor.

Atrás dele, os faróis de um veículo que se aproximava iluminaram a janela traseira. Logo depois, o carro parou. O clarão dos faróis, refletindo-se no retrovisor e no espelho lateral, era quase tão irritante quanto aquele mapa municipal, com todas as suas linhas míopes. Distraidamente, Roy pôs a mão esquerda para fora da janela e fez sinal ao veículo para passar.

Durante um momento, nada aconteceu. A luz intensa, que parecia vir de faróis duplos de algum caminhão, agora lhe feria os olhos. Já impaciente, fez outra vez sinal para que o veículo o ultrapassasse.

Sem fazer barulho, movendo-se num ritmo lento e hipnótico, os faróis duplos obedeceram... erguendo-se *verticalmente* do chão, deixando atrás deles o escuro.

Atento ao mapa, Roy Neary não vira nada. Seu subconsciente registrava, muito vagamente, que as luzes já não o incomodavam. O que finalmente o despertou foi o barulho. Parecia um arrastar de latas. Neary olhou para cima, depois em volta e, por fim, focalizou a lanterna sobre a placa da estrada.

Estava vibrando de tal maneira, que as letras pareciam multiplicar-se e superpor-se. Olhou de novo, deixando escapar um "Hein?" Logo depois, todas as luzes do carro diminuíram e acabaram por se apagar.

Abruptamente, toda a área num raio de trinta metros foi tomada por uma explosão silenciosa da mais brilhante luz imaginável. De repente, era como se fosse dia. Neary tentou olhar pela janela aberta, mas a luz era por demais brilhante e ele teve de recuar a cabeça. Sentiu como se estivesse queimado e, depois, uma comichão do lado do rosto que pusera para fora da janela. Estendeu a mão para o telefone, mas ele estava mudo. O rádio também não funcionava.

O medo parecia ter congelado todos os movimentos de Roy. Levou as mãos aos olhos e bateu à procura dos óculos escuros com armação de metal, presos ao visor, logo acima do pára-brisa. Conseguiu colocá-los, mas logo — para seu horror — descobriu que estavam zumbindo contra as suas têmporas, vibrando tão intensamente quanto a placa da estrada.

Foi então que o porta-luvas, abrindo-se sozinho, começou a sacudir violentamente, ao mesmo tempo em que tudo o que era metálico começava a se grudar. Uma caixa de cliques se abriu, voando por sobre a cabeça de Neary, como um enxame de insetos, e foram-se prender no teto da camioneta.

Os óculos queimavam-lhe a pele. Neary arrancou-os e deixou-os cair no assento, mas eles também saíram voando e acabaram presos no teto. Roy fechou os olhos, procurando defender-se daquela luz ofuscante. O cinzeiro esvaziou-se como se tivesse sido sugado por uma corrente de ar vinda de fora e...

A luz quente desapareceu. Cliques começaram a chover sobre a cabeça de Roy. Ele já não ouvia mais a placa balançando. Olhou para cima e — pelo espaço de um segundo — viu as estrelas. Depois, como se uma enorme bandeja estivesse deslizando sobre a sua cabeça, todas as estrelas (exceto algumas, nas beiradas) foram encobertas por uma forma estranha. Mas a massa logo se afastou e as estrelas voltaram a aparecer.

Um distante chocalhar fez com que Neary metesse a cabeça para dentro e se virasse no assento. De repente, os faróis e a luz interior voltaram a se acender. Um pouco mais adiante, na estrada, havia um cruzamento. Todos os quatro sinais dançavam e vibravam de maneira tão violenta, que o metal estava ficando retorcido. Durante um segundo, o cruzamento ficou

iluminado pela mesma luz ofuscante. Mas foi só um segundo. No escuro, os sinais já não vibravam.

Tudo estava quieto. Nem o mais leve sinal de brisa.

E então o rádio começou a funcionar e Neary gritou de susto.

O rádio estava fazendo barulhos estranhos, que pareciam sobrecargas elétricas, e as vozes não eram muito claras.

— Não sei. Estou *lhe* perguntando. Hoje temos lua cheia?

— Negativo — respondeu uma voz de mulher, a despachante. — No dia treze é lua nova.

— Saia daí. Eu e o meu colega estamos vendo essa coisa, por cima de Signal Hill. É a coisa de que todo mundo está falando. É a lua... — A voz foi interrompida pela estática. — Um segundo. OK. Está começando a se mover. De oeste para leste.

— Aqui fala Tolono — disse uma voz nova. — Patrulha dez-onze. Também estamos vendo e podemos confirmar que se trata mesmo da lua. Mas não está se movendo. As nuvens por trás dela é que estão se movendo, dando a ilusão de movimento...

— Onde foi que vocês estudaram astronomia, Tolono? — perguntou uma voz, que Roy reconheceu como sendo de Longly. — Onde é que já viram nuvens movendo-se *por trás* da lua?

— Qual a sua localização? — perguntou a despachante, com voz cansada.

— Perto da Via Expressa de Telemar, rumando para Harper Valley.

— Jesus! — exclamou Roy Neary. — Eu sei onde isso fica. Começou a correr a mais de cento e quarenta. Logo se viu entrando num túnel comprido e escuro e, assim que os faróis o iluminaram, Roy sentiu de novo a mesma estranha comichão num dos lados do rosto. Estava agora perseguindo a coisa que tanto o havia assustado. Devia parar, dar meia-volta e regressar para junto de Earl e dos outros. Mas Neary deu-se conta de que estava agora mais excitado do que assustado. Sentia-se como se fosse um garoto. Era demasiado tarde para parar. Estava-se divertindo demais. E o mesmo acontecia com a polícia.

— Estou vendo, Charlie! E correndo atrás.

— Não posso *lhe* dizer do que se trata. Só sei que essas coisas não foram fabricadas em Detroit. — A voz de Longly!

— Está diminuindo de velocidade. Não sei por que, só sei que está se aproximando. A distância agora é de quase trezentos metros.

— Acha que pode alcançá-la? — perguntou a despachante.

— Acho que não. Está cerca de duzentos metros, mas acho que não devemos nos

aproximar.

- Está dobrando em todos os cruzamentos. Todas as estradas.
- O radar indica que a velocidade baixou para quarenta quilômetros por hora.
- Ei, não acabamos de passar por uma escola?
- Olhem só os sinais de trânsito! Ficam verdes assim que a coisa chega perto.

Outra vez estática.

- Pois é... Está virando à direita, para os lados de Harper Valley.

Neary saiu do túnel e entrou numa curva a mais de cento e quarenta à hora, bateu de leve numa mureta, derrapou e conseguiu endireitar o carro sem ir parar na outra pista. Passou por uma placa que dizia: Saída Leste de Harper Valley — 5 quilômetros. Neary continuou pisando no acelerador e diminuiu para cento e trinta e cinco quando avistou a saída de Harper Valley.

Derrapando e freando, seguiu pela estrada à sua direita. Assim que se viu numa estrada de mão dupla, Roy diminuiu a marcha para cem.

A sua frente, pareceu-lhe ver algo na...

Uma criança!

Neary pisou nos freios. Um minuto depois, uma mulher corria para a estrada e agarrava a criança. O carro estava derrapando perigosamente, enquanto Roy lutava para controlá-lo. A mulher e a criança ficaram paralisadas à luz dos faróis, pelo espaço de mais um minuto — a alguns metros apenas de distância, bem na direção das rodas.

Neary girou o volante para a esquerda, passou de raspão pelos dois vultos e mergulhou numa cerca de neve, arrastando parte com ele, antes de conseguir parar.

Durante um longo momento, tudo ficou em silêncio. Só se ouvia a sua respiração ofegante. Desligou o motor. Foram necessárias três tentativas para conseguir girar a maçaneta da porta, tão trêmulos estavam os músculos dos seus braços.

Finalmente, conseguiu sair do carro e dirigir-se, por entre o mato alto, para o meio da estrada. A mulher olhava cegamente para ele, os braços em volta do menino, as mãos cobrindo os olhos do garotinho, como se quisesse evitar que o clarão dos faróis o ofuscasse.

— Desculpe — disse Roy —, mas a senhora não devia deixar o seu filho...

— Há horas que estou procurando por ele — desabafou Julian Guiler. — Ele desapareceu de casa. Há horas que o estou procurando. Ele fugiu. Há horas e horas que eu...

— OK — atalhou Neary. — Desculpe se eu...

— Essa curva é muito perigosa — disse uma voz.

Neary voltou-se e viu um velho fazendeiro, sentado numa cadeira, na parte de trás de uma velha *pickup*. A família, esposa e dois filhos, estavam agrupadas à volta dele, munida de binóculo, um dos rapazes com um telescópio de brinquedo.

— É como o circo chegando à cidade — dizia o fazendeiro, tomando um trago de uma garrafa. — Chegam à noite... chegam bem tarde, para não perturbar os moradores.

Uma súbita rajada de vento afastou o cabelo de Julian do seu rosto. Roy sentiu o seu próprio cabelo mover-se na mesma direção. Voltou-se para enfrentar o vento, que assobiava através da cerca de neve.

No carro de Neary, emaranhado em vários metros de cerca derrubada, o rádio da polícia continuava a falar.

— Será que você pode correr atrás deles?

— ... pode ser.

— Desde que continuem na estrada.

— Aqui fala do Condado de Randolph. Estamos pegando a sua transmissão na frequência de emergência. Que é que vocês têm aí?

Olhando contra o vento, Neary pôde ver algo vindo pela estrada, mas era apenas um bando de pássaros, fugindo de alguma coisa. De algo no horizonte. De algo que brilhava.

Coelhos passaram saltando, as orelhas achatadas contra as cabeças.

— Lá vêm eles de novo — disse o fazendeiro. Neary deu meia-volta para olhar para a estrada.

— Meu Deus! — murmurou ele para si mesmo. — Meu D... Todo o fôlego parecia ter-lhe saído dos pulmões. O vácuo ficou cheio de um ronco baixo, como se o ar estivesse sendo castigado por relâmpagos. Avançando sem barulho para eles, a alta velocidade, aproximava-se como que um feixe de luzes de Klieg, apoiadas em algo muito grande. Neary teve a impressão de ver uma forma por trás das luzes, algo sólido, com porcas e parafusos. Era como se o sol tivesse subitamente se levantado às 2 da manhã e estivesse passando por cima dele, de leste para oeste.

Sem pensar, Roy cobriu o rosto com um braço e agarrou a mulher e o garoto com o outro. Jillian sentiu o rosto e o pescoço arder e depois picar. Os três agarraram-se e ficaram bem juntos vendo algo parecido com um pôr-de-sol de verão, cores outonais piscando por cima deles, diminuindo de velocidade sobre a estrada. Um cartaz mostrando os Arcos Dourados de McDonald foi alterado por seis tons de luz, antes que o enorme ornamento de Natal continuasse a se deslocar, um holofote branco iluminando a linha pontilhada na estrada embaixo.

Um terceiro veículo — que Neary achou semelhante a uma abóbora iluminada por dentro, pois tinha a impressão de que havia um rosto fantasma saindo daquelas luzes, daqueles milhares de pequenos pedaços coloridos, como se fosse um vitral — passou por eles e, seguindo a estrada, virou à direita, assinalado por três luzes direcionais sucessivas, piscando vermelho como um Cou-gar'71.

Neary e Jillian não podiam falar de tanto medo, mas o pequeno Barry pulava e gritava:

— Sorvete! Sorvete! — sem parar de rir. Estava feliz da vida. O velho fazendeiro, ainda sentado na cadeira, na traseira da *pickup*, disse, calmamente:

— É, eles podem voar em volta da lua, mas nós estamos muito à frente deles na estrada.

Aquilo foi demais para Roy e Jillian. Entreolharam-se, sem saber o que dizer.

Neary engoliu em seco, tentando fazer sair algumas palavras, alguns sons, algo que fosse da sua boca. Pela estrada vinha mais alguma coisa. Com um empurrão, ele se atirou, arrastando Jillian e Barry para o lado da estrada.

Por um triz. Duas patrulhas passaram voando por eles a mais de cento e noventa por hora.

Neary dirigiu-se para o seu carro.

— Não vá embora — disse-lhe o fazendeiro. — Devia tê-los visto, há uma hora.

— Tudo isto é uma loucura — falou Neary, vendo passar outro carro da polícia de Indiana.

— Posso estar bêbado, mas sei que estou aqui — gritou o velho, por cima do barulho.

Neary estava furioso.

— Vocês quase nos mataram! — berrou ele para o último carro.

Barry estava novamente rindo.

Neary começou a dar marcha à ré para sair do emaranhado de cerca e mato. Após várias tentativas frustradas, conseguiu acalmar-se e tirar o carro.

— Onde estamos? — perguntou ele a Jillian.

— Em Harper Valley.

O carro saiu em disparada.

— Eles sabem brincar — disse Barry, aninhando-se contra a mãe.

— Como é, Barry?

— Eles brincam muito bem.

NOVE

Acelerador rente ao chão, Neary curvou-se sobre o pára-brisa, seguindo as curvas da rampa de subida para a auto-estrada e o clarão acima e à frente dele.

Ao entrar na auto-estrada, ouviu um carro da polícia chamar um outro, embora ainda não pudesse vê-los.

— Estou quase em cima deles, Bob!

— Veja só como entram naquela curva!

A cabeça de Roy estava quase encostada no vidro. Recuou um pouco e olhou para o velocímetro. Cento e vinte, cento e trinta, cento e quarenta.

— ... estamos bem no pedágio de Ohio!

— A essa velocidade, quem pode distinguir pedágios?

A frente, as luzes vermelhas e amarelas do último carro da polícia surgiram de repente. Neary teve que diminuir ligeiramente a velocidade, para não sair da estrada, pois as curvas eram muitas. A formação de luzes brilhantes continuava a distância, contornando as curvas como se a gravidade fosse alguma teoria abstrata.

Ao longe, a fila de cabines de pedágio parecia deserta. A iluminação normal, azulada e fluorescente, estava também aparentemente apagada pela falta de energia. A essa hora da noite, havia pouco trânsito entre Indiana e Ohio.

Nos postos de pedágio, um dos funcionários cochilava, sentado numa banqueta. A formação luminosa de objetos cor-de-laranja passou calmamente por cima das cabines. Imediatamente, o caos reinou. Luzes de alarme, operadas por baterias, começaram a apagar e a acender. Sirenes dispararam. Campainhas tocaram. O funcionário acordou, com um pulo. Algum engraçadinho estava tentando passar pelo pedágio sem pagar.

Momentos mais tarde, o primeiro carro da polícia passou disparado pelo pedágio, atrás da misteriosa formação. O segundo carro passou também, sirenes e luzes à toda. Quando o funcionário saiu da cabine, para ver que diabo estava acontecendo, o terceiro carro passou, seguido pelo carro amarelo de Neary.

— Vou chegar mais perto! — disse um dos policiais.

— Homem, você precisa ver isto! Parecem grudados na estrada!

Havia uma curva logo à frente e, pela primeira vez desde que a perseguição começara, os

objetos decidiram não ficar grudados na estrada. Passaram por cima do *guard-rail*, precipitando-se no ar. Um momento mais tarde, o carro que ia na frente, sem dúvida atento às luzes e não à estrada, e avançando a pelo menos cento e sessenta, atravessava também o *guard-rail* e se projetava no espaço, durante um sensacional minuto, antes de aterrissar, de nariz para baixo, no barranco.

— DeWitt! Você está bem, DeWitt?

O segundo carro aproveitou a oportunidade para se safar e parar bem em cima da hora. Roy viu os dois policiais pular por cima do achatado *guard-rail* e descer o barranco em direção ao carro acidentado.

O terceiro carro e o de Neary pararam com uma freada. Os outros policiais desceram pelo barranco e Neary olhou para o céu. Os três clarões subiram verticalmente para uma formação baixa de nuvens. Como que as incendiaram durante alguns segundos e, depois, toda a luz no interior das nuvens se apagou, fazendo com que a noite voltasse ao normal.

Neary deu meia-volta na direção de Indiana. A iluminação fluorescente, em ambos os lados dos postos de pedágio, estava começando a piscar. Logo depois, viu, a distância, todas as luzes de uma pequena área se acenderem ao mesmo tempo. Tolono? Harper Valley? O *blackout* parecia haver terminado.

Felizmente, o patrulheiro Roger DeWitt estava em melhor estado do que o carro, que ficara completamente inutilizado. Tinha quebrado o nariz, sofrido muitas contusões e uma possível concussão. Havia uma hora que andava de um lado para o outro, todo agitado, contando a quem lhe desse ouvidos a sua versão dos acontecimentos daquela noite.

Agora, estava lá dentro, fazendo o seu relatório verbal ao Capitão Rasmussen, enquanto que, na sala de processamento de Patrulha Rodoviária do Estado, os outros policiais e Roy Neary trabalhavam nos seus relatórios sobre os acontecimentos e divertimentos da noite. Eram três e meia da manhã e Neary estava arrasado. Há ocasiões em que um homem precisa de uma dose extra de adrenalina, pensou ele. Aquela era uma delas. Não havia máquinas de escrever suficientes, de modo que Roy teve que fazer o seu relatório a lápis. Sentia uma terrível dor de cabeça.

— Alguém tem uma aspirina? — perguntou. Ninguém lhe deu atenção.

— Se Longly não estivesse comigo — disse um dos patrulheiros para um colega —, eu teria ficado louco.

Longly riu.

— Não vou entregar este relatório — disse ele. — Vou é querer publicá-lo.

Nesse momento, uma porta se abriu na sala e DeWitt saiu, coxeando, do gabinete do capitão, fechando a porta atrás dele depois que o capitão passou.

— Todo mundo aqui parece ter perdido o bom senso — disse o capitão, dirigindo-se aos

que estavam na sala. — As pessoas esperam que a polícia *não* faça relatórios estranhos, como esses.

— O que eu disse é a verdade, juro por Deus — retrucou DeWitt, na defensiva.

— Não quero ver este departamento imprensado entre as páginas do *National Enquirer*.

Rasmussen olhou para Longly e para outro patrulheiro, que escreviam a máquina, e disse, outra vez, para todos os presentes:

— Quando Flash Gordon e Buck Rogers tiverem terminado, mandem-nos falar comigo.

Bateu com a porta, deixando a sala num silêncio mortal.

— Ele ficou furioso porque o carro vai virar táxi? — perguntou Longly.

— Furioso? — De Witt estava não só quebrado como com ar estonteado. — Conteí tudo a ele. Não escondi nada. As estrelas cadentes. A velocidade. Que diabo, ninguém amassa um carro por nada!

— E?

— Ele me deu uma suspensão de suas semanas.

— Quê?

Todos os outros patrulheiros pararam o que estavam fazendo e olharam para o colega.

— É isso mesmo que eu disse.

DeWitt pôs-se a mancar na direção da porta.

— Vá alguém lhe dizer a verdade para ver o que acontece. E DeWitt saiu da sala.

Roy viu os policiais concentrarem-se nas suas máquinas. Alguns trocaram sorrisos forçados. Como se fossem autômatos, várias mãos arrancaram ao mesmo tempo as folhas, que amassaram e jogaram nas cestas de papéis.

— Para o inferno todos vocês! — exclamou Neary, levantando-se — Eu vou dizer tudo o que vi.

— Vá em frente, irmão — disse um dos policiais, sorrindo e colocando uma nova folha na máquina. — Fique à vontade!

Neary olhou em volta, à procura de um amigo, de alguém que o apoiasse, mas logo compreendeu a situação. Levantou-se e saiu da sala.

DEZ

Já passava das quatro quando Neary chegou em casa. Parecia ter recebido uma nova carga de energia e entrou no quarto gritando:

— Ronnie! Ronnie!

Não podia controlar-se. Todos os seus músculos vibravam. A excitação provocava-lhe uma leve náusea e quase puxou Ronnie para fora da cama.

— Meu bem, acorde.

Os olhos dela encheram-se de terror, seus longos cabelos louros, emaranhados pelo sono, arripiaram-se.

— Que foi, as crianças... incêndio...?

— Está tudo bem, as crianças estão OK — disse ele. — Meu bem, você não vai acreditar.

Ronnie respirou fundo e fitou o mostrador luminoso do relógio.

— É, não posso acreditar que você esteja me acordando às quatro e dez da manhã.

— Você não vai acreditar no que está acontecendo.

— Não estou escutando — retrucou Ronnie e tapou a cabeça com as cobertas.

— Não precisa escutar.

A respiração de Roy lembrava a Ronnie a maneira ofegante com que o pequeno Toby devorava a sobremesa.

— Eles não fazem barulho. Era só ar, e de repente... uma luzinha vermelha e... meu Deus!

Mas nem as cobertas puderam impedir que Ronnie ouvisse e se lembrasse.

— Lá do Departamento estão querendo se comunicar com você. Não conseguiram...

— É, eu sei. Desliguei o meu telefone. Ela acordou de repente.

— Roy, você não devia ter feito isso. Eles estão precisando falar com você. Estão acontecendo coisas fora do normal. O telefone tocou fora do gancho. Agora me lembro. Eles querem que você ligue imediatamente!

Neary percebeu que não estava conseguindo transmitir o que sentia com palavras, de modo

que começou a tirar a mulher da cama.

— Vamos! Saia dessa cama. Vista-se depressa. O sol vai expulsar as estrelas.

— Roy! De que é que você está falando?

— De nada. Só que você precisa ver uma coisa. Com os seus próprios olhos, Ronnie. É muito importante que você veja comigo, que você esteja comigo.

Ronnie viu que ele não estava brincando.

— Não podemos deixar as crianças sozinhas — disse ela.

— Eu também vou acordar as crianças — replicou Roy, subitamente entusiasmado. — É algo que só acontece uma vez na vida e quero que elas também vejam. Crianças! Acordem!

E saiu do quarto para ir acordar as crianças. Enquanto apressava a família, Neary apanhava as máquinas fotográficas, os binóculos e cobertores.

— Vamos ao *drive-in*? perguntou Brad, ainda meio adormecido.

— Você roubou minhas tintas acrílicas — lembrou Toby.

— Você vai ver só que lindas tintas! — disse Neary. — Tudo luminoso!

Levou-os até a cozinha, onde Ronnie fez uma parada na geladeira. Abriu a porta e tirou o saco plástico de vegetais crus. A luz da geladeira era de um verde não-apetitoso e Toby comentou.

— Esse verde me dá enjôo.

— Tudo vai mudar assim que perder mais dois quilos — prometeu a mãe, pela vigésima vez.

Neary apressou a família para fora de casa e em direção ao *station wagon*, estacionado nos fundos da casa.

— Roy — disse Ronnie, mal-humorada —, nós já lhe fizemos a vontade. Saímos todos de casa. Será que não podemos voltar para a cama?

Em vez de responder, Neary abriu uma das portas do carro e começou a empurrar as crianças para dentro.

— Isto só tem graça se terminar aqui mesmo — disse Ronnie, dando a volta ao carro.

— Você prometeu que a gente ia jogar minigolfe — disse Toby, já sentado, os olhos quase se fechando.

Finalmente, todos estavam acomodados. Ronnie não fechara a porta do seu lado e a luz do

teto, dentro do carro, continuava acesa. De repente, ela notou algo muito estranho. Neary tinha metade do rosto vermelho. Vermelho-vivo.

— Roy, que é isso? Você está queimado.

Ele olhou-se no espelho retrovisor e a constatação fez com que ficasse ainda mais vermelho.

— Puxa! — murmurou — Acho que tirei férias enquanto vocês estavam dormindo.

— Mas é só metade do rosto.

Neary não respondeu. Já estava dando marcha à ré, voltando para o lugar de onde viera.

Rumou velozmente para o local onde a coisa tinha acontecido, saiu da estrada e parou perto da cerca destruída. O fazendeiro e sua família tinha ido embora, deixando um rastro de papéis e uma garrafa de uísque.

Ronnie e as crianças pareciam uma sinfonia de adenóides superdesenvolvidas, mas Roy estava excitado. Pôs-se a andar de um lado para o outro, naquela manhã fresca, esperando... esperando o quê? Esperando que a experiência se repetisse. Volte, por favor, pensou consigo mesmo. Por que seria que algo tão assustador era, ao mesmo tempo, tão fascinante? Queria uma repetição, mas a escuridão não estava ajudando. Os policiais não estavam com ele agora. Roy estava sozinho. Gostariam de gente que esperava sozinha? Seria mais fácil escapar quando...

Algo despertou Ronnie. Olhou para trás e viu os três filhos dormindo, encostados uns aos outros. Olhou para fora e viu o marido andando nervosamente de um lado para o outro, olhos voltados para o céu. Saiu do carro, fechando a porta sem fazer barulho, e foi até onde ele estava. — Que estamos fazendo aqui, Roy? Por que você não me diz o que está esperando?

— Você já vai ver — respondeu ele, sem muita confiança.

— Escute — disse Ronnie — eu vim até aqui com você. Estou aceitando tudo isto muito bem. Mas me diga: com que que parecia?

Roy esperou mais um pouco, olhou para cima, olhou para a estrada, olhou para o céu e, depois, disse:

— Parecia uma espécie de sorvete de casquinha.

Aquilo foi demais para Ronnie.

— De que sabor? — perguntou ela, com perversa inocência. Mas Neary levou-a a sério.

— Laranja. Era cor-de-laranja... e não era bem uma casquinha de sorvete... parecia mais como se estivesse dentro de uma concha... assim...

E desenhou a forma com as mãos.

— Como um abacate?

— Não, mais redondo e maior... Parecia... parecia... lembra-se daqueles pãezinhos que a gente comeu ontem?

— Pães de queijo?

— Não! No café...

Neary percebeu que a mulher o estava gozando e começando a ficar impaciente mas, mesmo assim, insistiu:

— Não, foi no jantar. Que pãezinhos eram aqueles? Curvos...

— Você está falando dos *croissants*? — disse ela, como se estivesse lidando com uma criança ou um débil mental.

— Isso mesmo! — exclamou ele, novamente entusiasmado. — E emitia uma espécie de luz neon.

Foi a última gota para Ronnie. Pegou no saco de comida e tirou uma cenoura. Neary afastou-se, enquanto ela mastigava, e acocorou-se perto de uma rocha, olhando novamente para o céu. Ronnie seguiu-o com os olhos ansiosos. Era evidente que Roy estava passando por alguma coisa... algo que ela não conseguia entender mas que, aparentemente, era importante para ele. Talvez ela tivesse sido demais sarcástica.

Aproximou-se do marido e perguntou, numa voz estudadamente meiga:

— Você não acha que estou aceitando bem tudo isto?

Ele não respondeu. Levantou-se, ainda olhando para as estrelas que começavam a desmaiar no céu já clareando.

Ronnie olhou também para o céu e estremeceu. Não sabia dizer por que, mas estava um pouco apreensiva. Tudo aquilo era tão estranho!

— Abrace-me! — pediu ela.

Neary imediatamente passou os braços ao redor da mulher, atraindo-a para si. Ronnie enlaçou-lhe a cintura e começou a morder-lhe a orelha.

— Ainda me lembro de quando costumávamos vir a lugares como estes só para olhar um para o outro — disse ela, baixinho.

Neary olhou para ela e, como se também recordasse os bons tempos, sorriu. Ronnie sorriu também e começaram a beijar-se. Não tardou que a paixão tomasse conta dos dois e os beijos se tornassem mais quentes. Mas Roy não estava tão dominado pela paixão que não abrisse os olhos para fitar o céu.

De repente, tudo se iluminou e um clarão azul-forte envolveu-os. Neary quase deu um pulo, vendo as luzes vermelhas diminuírem na distância, mas Ronnie viu que era apenas um *trailer* e nem se alterou.

O encanto, porém, fora quebrado.

Querendo testar o marido, Ronnie perguntou:

— Se uma dessas coisas descesse neste momento e a porta se abrisse, você entraria nela?

Entusiasmado com a idéia, Roy exclamou:

— Claro!

Mas logo, vendo e sentindo que a magoara, acrescentou:

— Acho que todo mundo faria isso.

Não adiantou: Ronnie afastou-se, dirigindo-se para o carro. Roy correu atrás dela.

Ronnie parou e voltou-se para ele.

— Quer saber o que você fez? — gritou ela. — Sabe o que esse seu capricho significa? Você nos trouxe até aqui, a mais de trinta quilômetros de casa, no meio da noite... e atrapalhou todo o nosso ciclo de sono. Seus filhos vão dormir no meio da aula e Sylvia vai ficar acordada até uma hora da manhã durante três noites, só porque o pai jura que viu um *croissant* cor-de-laranja que voa. Podíamos aproveitar para tomar o café agora mesmo.

Parou para tomar fôlego e, em voz mais baixa, acabou por arrasá-lo:

— Nunca mais faça isso. Somos a sua família. Isso não é normal.

Ronnie não podia ter dito nada mais decisivo. Claro que aquilo não era normal mas, conforme Neary não tardaria a descobrir, a normalidade, como ele a conhecera, estava com as horas contadas.

ONZE

Não há maneira rápida de se chegar a Benares. A antiga cidade sagrada dos hindus é atingida principalmente através da fé.

Chegar até lá por avião militar estava fora de questão. Mandar um avião de bombardeio ou de combate atravessar o espaço aéreo da Índia teria não só sido uma provocação para os militarmente neutros indianos como, mais importante ainda, teria posto em perigo todo o caráter secreto do Projeto.

David Laughlin achava, particularmente, que, se tivesse havido tempo, Lacombe teria viajado para Benares de maneira adequada, ou seja, descalço, com um pano em torno dos rins e apoiado num bastão de madeira. Já Laughlin apreciara enormemente o pequeno jato Corvette de quatorze passageiros, emprestado pela Air Alsace, que fizera a viagem de Paris a Rangun em apenas meio dia.

Meia hora mais tarde, quando o sol já se estava pondo, um helicóptero Vertol transportava-os por sobre as espirais e as cúpulas de Benares. O rio movia-se preguiçosamente lá embaixo,, suas sagradas águas escurecidas pelo mais santo dos lodos.

O morro ficava a alguns quilômetros da cidade. O Vertol pairou a uma distância discreta, enquanto o piloto procurava encontrar um lugar onde pousar. Não era fácil.

— Olhem para eles! — disse Laughlin. — Milhares!

— Dezenas de milhares — corrigiu Lacombe.

— Ê fantástico. Eu...

— O Saddhu é um homem muito santo — interrompeu Lacombe, por cima do barulho dos rotores. — Mas também muito prático. Também ele quer uma resposta. Há muitos anos que está esperando por ela. Com ele, é mais do que uma questão de fé. É uma questão de resultados.

Laughlin meditou sobre isso.

— Mas eu pensei que os hindus seguissem outro caminho — gritou ele. — Nirvana, e não este.

Lacombe deu de ombros.

O helicóptero pousou suavemente perto de dois ônibus de turismo. O piloto parou os motores e os rotores guincharam até pararem também. A poeira começou a se espalhar em torno. Lacombe foi o primeiro a sair e ficou um momento iluminado pelo brilhante pôr-do-sol,

junto com Laughlin e os dois técnicos.

Os raios laranja-avermelhados do sol estavam agora quase horizontais. Dali a pouco, a grande bola de fogo, filtrada e distorcida por milhões de quilômetros de atmosfera poeirenta, se incharia, escureceria, escondendo-se por trás da baixa cadeia de morros, a oeste.

— Vamos — disse Lacombe.

Laughlin acenou para os dois técnicos, que pegaram os microfones, no gravador Magra, nas baterias portáteis e leve câmara Arriflex de 16mm. Os quatro homens avançaram lentamente através da multidão de peregrinos.

Alguns estavam sentados em pequenos tapetes, tendo ao lado cestas de comida. Havia famílias inteiras, até mesmo avós que talvez tivessem menos de quarenta anos, mas estavam envelhecidos e emaciados pela doença e pela fome.

Os ocidentais subiram, com velocidade prudente, pelo morro, rumo à clareira onde o Saddhu estava sentado, sobre as pernas cruzadas, na posição lótus, os olhos fechados, as palmas das mãos unidas, os cotovelos para fora, como se fosse uma estranha, meditativa ave de arribação.

Um jovem e elegante brâmane, que usava uma roupa branca de cidade, levantou-se à aproximação de Lacombe. Laughlin preparou-se para traduzir, ao mesmo tempo em que os técnicos começavam a arrumar tudo.

— Falta meia hora para o sol morrer — disse o brâmane a Lacombe.

O sotaque soou estranho aos ouvidos de Laughlin. Um sotaque tipicamente, educadamente britânico. O jovem calçava botas muito bem engraxadas, calças afuniladas, de musselina branca, e uma túnica da mesma fazenda. Parecia por demais um homem da cidade para estar ali, naquele lugar, e também demasiado bem falante. Mas, raciocinou Laughlin, até mesmo os homens mais santos precisam de empresários.

O Saddhu não havia mexido um só músculo. Nem uma pálpebra sequer. Lacombe ficou um momento de pé, num silêncio contemplativo, e depois sentou-se, em posição de lótus, a uma distância respeitosa do Saddhu.

Os microfones já estavam prontos para ser usados. A Arriflex ia ser manejada, pois Lacombe insistira para que não a montasse num tripé. Queria que o técnico a carregasse ao ombro, para poder filmar... tudo o que houvesse para filmar.

Olhos fechados, o francês parecia estar relaxado, embora tivesse as costas eretas. Pelo canto da boca, murmurou uma ordem em francês para Laughlin, que se virou para o técnico de som.

— Ele quer ter a certeza de que você vai isolar o Nagra.

— Por quê? — quis saber o técnico. — Não estamos perto de nenhuma interferência elétrica.

— Ele não tem tido sorte com gravações. O mecanismo de comando geralmente falha e as cabeças do gravador perdem o magnetismo.

— É mesmo? — disse o técnico. — Bem, se ele diz isso... Pegou uma espécie de caixa, grande e coberta de rede de cobre, que colocou sobre o pequeno gravador de precisão Nagra. Depois, enfiando pedaços de cobre na terra, prendeu cuidadosamente o escudo isolante.

Laughlin pôs-se a pensar, e não pela primeira vez, que diabo eles estavam fazendo naquele lugar estranho, com aqueles milhares de pessoas, esperando... esperando o quê? O relatório falava de um acontecimento incrível, mas Lacombe mostrara-lhe como deixar a incredulidade de lado, como se abrir para o incrível.

Laughlin deu meia-volta e observou o inchado disco do sol, cuja beirada inferior os morros a oeste já começavam a morder. Em um momento, apenas a metade do sol era visível. O Saddhu mexeu-se levemente.

O que aconteceu a seguir pareceu, a Laughlin, ser uma câmara lenta. Viu os cotovelos do Saddhu virarem-se para dentro, para o seu peito emaciado e escuro. As palmas das mãos, ainda apertadas uma contra a outra, começaram lentamente a se separar, até apenas as pontas dos dedos se tocarem.

As pálpebras do Saddhu ergueram-se devagar, como se fossem as cortinas das janelas de um templo. Os olhos, abertos, eram enormes, muito pretos, contornados em volta por branco, por sua vez contornado por brilhantes pestanas pretas.

O corpo do Saddhu mexeu. Lentamente, sem qualquer esforço aparente, ele começou a se levantar da posição de lótus. O jovem e elegante brâmane deixou-se cair de joelhos. Laughlin deu consigo sentando-se abruptamente, como se a única pessoa que tivesse o direito de ficar de pé fosse o Saddhu. Pelo canto do olho, Laughlin viu o o técnico de som e o cinegrafista porem-se, incrivelmente, de joelhos. Tinha a certeza de que eles não tinham a menor idéia do que estavam fazendo.

Com grave deliberação, os braços nus do Saddhu afastaram-se do seu corpo como se fossem as poderosas asas de alguma grande ave, pronta a alçar vôo rumo ao céu. Atrás dele, tudo o que restava do sol era uma beiradinha. Diante dos olhos de Laughlin, o sol desapareceu por completo, dando imediatamente lugar à escuridão.

Os longos braços do Saddhu ergueram-se até a altura dos ombros. Pararam e depois continuaram a subir até as costas nodosas das suas mãos tocarem uma à outra, bem acima da sua cabeça. Aí, pararam de novo, e depois ele baixou os braços, com um gesto amplo — como se fosse um regente à frente de uma grande orquestra.

De dez, vinte mil gargantas elevou-se uma nota baixa e melodiosa. Sustentaram-na com tal força, que ela pareceu perfurar o cérebro de Laughlin. Viu os olhos de Lacombe se abrirem e virarem para o lado, indicando aos técnicos o que tinham que fazer. Laughlin fez um gesto. O homem do som ligou o gravador e Laughlin viu as bobinas girarem através da rede de cobre.

Saddhu levantou os braços e entoou uma outra nota, um intervalo acima da primeira e mais alta na escala musical. Seus adoradores imediatamente encheram o ar com duas notas, alternando-as, entoando-as separadamente e juntas, num intervalo que Laughlin calculou como sendo menor de terça. Ou nem isso.

O Saddhu entoou outra nota, logo em seguida outra e mais outra. Laughlin começou a perceber uma certa melodia na cacofonia de todas aquelas vozes. O chão, sob seus pés, parecia vibrar com a intensidade das notas, estranhas e nada melódicas aos ouvidos ocidentais. Notas que os relatórios disseram terem vindo das estrelas, quatro noites atrás, e que o Saddhu e seus seguidores vinham entoando noite após noite, desde então.

Os intervalos não eram inteiros, achou Laughlin. Eram divididos em quartos, em metades, em microtons, cada cantor alterava ligeiramente as notas, produzindo uma espécie de uivo, que se erguia aos céus num cantochão, por vezes ameaçador, fazendo não só a terra mas também o próprio ar vibrar.

O crepúsculo tropical convertera-se agora em noite. Uma escuridão úmida descera sobre todos eles. E, embora já não pudessem ver o seu Saddhu, os milhares e milhares de seguidores continuavam com o seu cantochão, forçando-o a alcançar uma intensidade quase insuportável.

Lá em cima, as estrelas já tinham surgido. Laughlin olhou para o céu, tremendo com a veemência do canto à sua volta. Viu a estrela na extremidade da Ursa Maior ficar mais brilhante, empalidecer, brilhar de novo. Havia uma certa freqüência nela, como se fosse uma mensagem em código Morse. H então... ela explodiu.

Um clarão escarlate iluminou os rostos voltados para cima da multidão. Lacombe estava agora de pé, ao lado do Saddhu. O cinegrafista apontara a sua Arriflex para o céu.

A luz escarlate afunilou-se numa coluna rolante e tornou-se cor-de-laranja. Depois, passou a amarela. A seguir, verde-pálido. Pairou um instante e, de repente, o céu ressoou com as mesmas cinco notas. O mesmo acorde, tocado em algo que não era humano. Puro. Melódico. Limpo. Os adoradores ficaram em silêncio. E, uma vez mais, o céu cantou para eles.

— Maldição! — exclamou o cinegrafista.

A coluna de fogo desapareceu. A canção terminou. Os adoradores caíram de bruços, os rostos contra a terra. O Saddhu voltou-se para Lacombe.

— O céu — disse ele, numa voz fina —, o céu cantou para nós.

Os dois homens abraçaram-se. Lágrimas rolaram pelas faces do francês.

— Ele canta para todos nós, meu amigo — disse Lacombe, a voz carregada de emoção.

DOZE

Horas mais tarde, nessa mesma manhã de sábado, Neary, olhos vermelhos, diante do espelho do banheiro, procurava criar ânimo para, ao menos, começar a fazer a barba. Brad, Toby e mais dois outros garotos das vizinhanças estavam correndo em volta da casa, gritando "minigolfe" e outras coisas. Por fim, Roy pegou no creme de barbear e colocou um pouco de espuma branca na palma da mão direita. Ergueu automaticamente o creme na direção do rosto, mas algo o deteve.

Olhou vagamente para a espuma que tinha na mão. Inclinou a cabeça e colocou a espuma junto dos olhos. Depois, começou a mexer nela com o dedo indicador da mão esquerda.

— Não, não está certo — disse ele para si mesmo, sem ter consciência real do que fazia ou dizia.

Aquela imagem recordava-lhe algo — alguma coisa exasperantemente fora do seu alcance mental: conhecia de sobra aquela forma, mas era como se a conexão estivesse a um milhão de quilômetros de distância. Piscou, desanimado. Todo mundo experimenta momentos assim, pensou: imagens que parecem familiares, pessoas que você sente que já visitou, embora saiba que nunca viu. Momentos que alguns psicólogos chamam de *déjà vu* e que sempre demoram apenas alguns segundos. Só que aquele estava custando a passar. Neary também parecia não poder tirar os olhos do monte de creme de barbear, na palma da sua mão. Então...

Ronnie surgiu — no espelho — de pé, junto à porta do banheiro e Roy como que acordou.

— Ronnie — disse ele —, isto faz você se lembrar de quê?

Ela ignorou completamente o monte de espuma e sentenciou com voz firme:

— Hoje à noite, na festa, vamos dizer a todo mundo que você adormeceu do lado direito, debaixo de uma lâmpada de bronzear.

— O quê? Para quê?

— Não quero ouvir você falar daquilo na festa — disse ela. — Pelo menos, enquanto você não souber do que está falando.

— Se eu não falar — retrucou ele, apelando para a lógica —, como é que vou saber do que se trata?

— Fale com os seus colegas do Departamento, não nas festas.

— E que é que o Departamento sabe disso? Enquanto isso, Brad e Toby tinham entrado no banheiro.

— Papai, essas coisas existem mesmo? — perguntou Brad.

— Não, não existem — atalhou Ronnie.

— Não diga isso — falou Neary.

— Mamãe... eu acredito — teimou Brad.

— Não, você não acredita.

— Papai diz que existem.

— Diz nada! — replicou Ronnie. E, em tom de súplica: — Roy?

— Eu só quero saber o que é que está acontecendo — admitiu Neary, o monte de espuma ainda na mão direita.

— Ora, uma coisa qualquer — disse Ronnie, como se aquilo encerrasse o assunto.

— Que coisa?

— Não quero mais ouvir falar nisso.

— Eles vivem na Lua? — perguntou Toby.

— Têm bases na Lua — disse Brad, todo excitado — e, à noite, entram pela janela e puxam as cobertas para trás!

Ronnie fechou os olhos.

— Não quero ouvir mais, não quero.

— Ontem à noite — disse Neary, o mais calmamente possível — vi uma coisa que não posso explicar.

Ela abriu os olhos azuis e fitou-o através do espelho.

— Ontem à noite, às quatro da manhã, eu também vi uma coisa que não consigo explicar. Um homem adulto...

Ronnie estacou abruptamente, vendo que os garotos estavam prestando atenção.

— Ronnie, você sabe que eu vou voltar lá esta noite, não sabe? Ela já ia saindo, mas disse, como se falasse com uma criança:

— Não, você não vai.

— Vou, sim — retrucou ele, após uma pausa dramática. O telefone começou a tocar.

Ronnie voltou-se e disse, em tom de brincadeira:

— Não vai, não!

Entrou no banheiro, agarrou p pulso direito do marido e encostou-lhe a mão no rosto. A espuma de barbear espalhou-se pela face dele, deixando Neary parecido com um dos Três Patetas.

Olhou-se no espelho. A espuma, apesar de branca, enfatizava a cor avermelhada da face. Espalhou um pouco no queixo e na outra face.

— Não é uma queimadura de luar, bolas! — murmurou para si mesmo.

Tinha começado a se barbear, quando Ronnie surgiu de novo no espelho. Estava com ar de quem tinha recebido uma notícia horrível. As lágrimas começaram a lhe brotar dos olhos e ficou encostada à porta, tremendo.

Roy voltou-se imediatamente.

— OK, Ron... Eu não vou.

— R-roy — disse ela —, era Grimsby, do Departamento.

— Hein?

— Você está despedido, Roy.

Ronnie começou a soluçar e caiu nos braços dele, o rosto apoiado ao do marido, as lágrimas misturando-se à espuma.

— Eles... ele nem sequer quis falar com você. Que é que nós vamos fazer? Você foi despedido. Que está acontecendo, Roy?

— Meu Deus! — exclamou Neary, perplexo.

Ficou em pé, com a gilete na mão, o rosto cheio de espuma e de lágrimas, a mulher soluçando encostada nele, olhando para tudo através do espelho, mas sem ver nada.

— Que vai ser de nós, Roy?

Ainda estonteado, Neary não ouviu bem o que ela dizia. Seu olhar, fixo no espaço, acabou se focalizando num objeto branco, que ele viu através da porta aberta do banheiro. Era um travesseiro sobre a cama do casal. Tinha ficado ali, todo amassado numa forma que lembrava o montinho de creme de barbear na sua mão.

— Não — murmurou Neary, para si mesmo. — Não está certo.

TREZE

Quando se é despedido de repente, pensou Neary, devia-se ter tempo para meditar nas coisas. Em coisas como luzes lindas e malucas, luzes ofuscantes, que queimam a sua pele e não aparecem outra vez, para você poder provar à sua mulher que elas realmente existem.

Naturalmente, ele voltara lá na noite seguinte. E nas outras duas noites também. Depois de três noites, vendo que nenhuma cor nem qualquer objeto estranho reaparecia, ele jurara não insistir mais. Mas acabara voltando na noite seguinte.

Neary e as pessoas que encontrara lá estavam começando a se conhecer. O fazendeiro, na sua *pickup* vermelha, com a meia garrafa de uísque e a família, era um *habitué*, como também uma velha senhora, que trouxera uma cadeira de balanço e fazia crochê, a fim de encher o tempo antes que aparecesse o que todo mundo chamava "as luzes noturnas".

Outra velhinha tinha um álbum de fotos "delas", produto de outras noites em outros locais. Um súbito barulho fez com que todos olhassem para o céu. A distância, ouviu-se passar um avião a jato.

— Se isso continuar, vamos ficar aqui a noite toda — queixou-se um dos velhos.

Roy ajoelhou-se ao lado de uma senhora que devia ter cerca de oitenta anos.

— Será que esta noite vêm? — perguntou-lhe, num murmúrio.

Foi como se tivesse pronunciado palavras mágicas. O rosto enrugado da velha floresceu. Com os olhos cheios de lágrimas, respondeu:

— Espero que sim. O senhor não?

— Eu também — retrucou Roy, muito sério.

A velha olhou para ele como se a avaliar-lhe o fervor, piscou um olho e, pondo no colo um álbum de fotos forrado de plástico imitando couro, abriu-o na primeira página.

— Eu mesma tirei — disse ela, orgulhosa. — Perto da Escola Paroquial.

Neary olhou para as seis fotos coloridas, simples manchas de amarelo, branco e azul desfocado. Qualquer pessoa que não soubesse usar uma máquina fotográfica cometeria erros como aquele, nos primeiros rolos de filme.

Não era só por serem maníacos, do tipo que está sempre avistando discos voadores. Neary não sentia em nenhum deles, com exceção da velha, a mesma necessidade que ele tinha de descobrir o que acontecera. Pareciam satisfazer-se apenas com testemunhar o

acontecimento, como o público no circo, que vê o engolidor de fogo tragar e cuspir chamas, mas não quer saber como ele consegue fazer aquilo.

Na segunda noite depois de as "luzes noturnas" terem aparecido, uma verdadeira multidão se reuniu no local. Havia gente que Neary não se lembrava de ter visto antes. Pela primeira vez, reparou na jovem e no garotinho que puxara do caminho dos carros da polícia, em disparada.

Neary acenou para ela, por sobre as cabeças da multidão. A moça pegou o menino pela mão e aproximou-se.

— Lembra-se de nós?

— Como não iria me lembrar?

— Jillian Guiler — disse ela, apertando-lhe a mão. — e este aqui é o Barry.

— Roy Neary. Foi uma noite e tanto, não é mesmo?

— E não parece ainda ter acabado. Tocou-lhe a face.

— Você está queimado.

— Espero me queimar do outro lado, esta noite.

— Pois eu fiquei com o rosto e o pescoço queimados.

Abriu a blusa, deixando ver a curva dos seios e a base do pescoço.

Roy ficou ainda mais vermelho.

— Desculpe — disse ela, abotoando a blusa. — Não sei por que, mas sinto como se você fosse um amigo velho.

Riu.

— Só é preciso uma experiência como esta!

Neary assentiu, já à vontade. Nisso, um homem de aspecto cordial, trajando calça e paletó esporte descombinados, apontou uma lanterna para eles, fazendo com que os bronzeados se destacassem ainda mais. O homem sorriu e tirou uma foto com a sua Pentax, antes que eles pudessem objetar. Jillian piscou e virou-se, ao ver o homem preparar-se para tirar uma foto de Barry, sentado perto da cerca, brincando com um monte de terra.

Avançando rapidamente, Jillian colocou-se na frente do fotógrafo amador e disse, furiosa:

— Ele é pequeno demais para publicidade.

O homem gaguejou uma desculpa qualquer e afastou-se.

— De onde você acha que ele é? — perguntou Neary.

— Da terra — murmurou ela, aborrecida.

Abaixou-se para tirar um pouco de terra de cima de Barry, que estava muito ocupado em esculpir um monte alto e cônico.

— Eu tenho três garotos — disse Neary.

— Contou à sua mulher o que nós vimos?

— Claro.

— E qual foi a reação dela? — perguntou Jillian.

— Entendeu perfeitamente — disse Neary, sarcástico.

— Sei o que você quer dizer — falou ela. — Liguei para a minha mãe... Ela disse que esse era o resultado de eu morar sozinha.

Fez uma pausa e Neary percebeu que ela estava envergonhada, quase tanto como ele, ao lhe ver parte dos seios.

— Bem, tenho Barry e os vizinhos. Não estou assim tão só.

— E o pai de Barry?

— Morreu. E, após uma pausa: — Mas acho que ele também não teria entendido.

Neary ficou sem saber o que dizer. Agachou-se e começou a brincar com o menino.

— Está fazendo serão hoje, garoto? — comentou.

— Acho que ele já devia estar dormindo — retrucou Jillian, com ar culpado — mas, depois que ele fugiu de casa, na outra noite, não quero mais perdê-lo de vista.

Neary fez que entendia. Pegou num pauzinho e enfiou-o num dos lados do monte de terra de Barry. Depois, procurou umas pedras.

— Assim está melhor. Agora, experimente colocar essas pedras em volta — sugeriu.

E arrumou-as em redor do cone, como se fossem pedregulhos ali jogados por alguma explosão natural.

— Ei! — Exclamou Roy, espantado. — Que é que isso lhe lembra?

Jillian procurou uma resposta, pois o bolo de terra lhe lembrava algo, mas não soube dizer o quê. Inclinou-se e alisou um dos lados do montículo.

— Gosto mais assim — disse ela.

Era estranho como o garoto e sua mãe achavam tudo aquilo perfeitamente natural.

— Eu também — disse Neary.

— Lá vêm eles! — gritou uma voz.

— Estão vindo de noroeste! — berrou alguém.

Neary e Jillian olharam para onde todo mundo apontava. Fizera-se um silêncio total. Adultos e jovens pegaram binóculos, telescópios e cameras. Num rádio de pilha, os Eagles cantavam *Desperado*.

Os pontos de luz moviam-se para trás e para a frente, subindo, caindo, cada vez mais brilhantes em meio à escuridão.

— Ali! — disse Jillian. Neary preparou a câmera.

— Desta vez, estou pronto!

Ela colocou a mão no braço dele.

— Você está tremendo!

— Eu sei — retrucou Roy, rindo. — E se formos apenas dois loucos , de pé num morro, junto com mais trinta loucos?

— Seus olhos não ardem?

— Há dois dias que estão ardendo.

— Os meus também.

— Isto é uma loucura — disse ele, os dentes batendo. — Parece a noite das bruxas.

As luzes desciam agora inexoravelmente sobre eles, ofuscantes, implacáveis, cada vez maiores, fazendo doer a vista.

Neary apontou a câmera, mas tremia de tal maneira, que duvidava que conseguisse bater uma boa foto.

— Se essas coisas parassem e abrissem a porta — perguntou ele — você entraria?

— Se essas coisas pararem, eu vou para casa.

— Escute — disse Neary —, escute só!

O grupo reunido no campo agitou-se, ao ouvir um ruído estranho avançar, atravessando o ar. Era um ruído ritmado, soprando contra o vento... cada vez mais alto. Ninguém esperara que viesse tão rápido e fosse tão forte e o medo tomou conta de todos, incapazes de

interpretar aquele pulsar interno... até que duas luzes ofuscantes engoliram tudo. O próprio ar foi deslocado. O céu ficou branco e as luzes de repente diminuíram, revelando dois helicópteros da Força Aérea, que desceram, zumbindo, sobre o ajuntamento de curiosos, atirando lufadas de ar quente em cima deles, sugando terra, papéis, guardanapos e outros refugos, fazendo-os girar em espirais e levantando até mesmo cadeiras de alumínio, mesas de jogo, mantas e restos de piquenique.

— Que loucura! — disse Neary.

Perplexo e aborrecido, quase furioso, viu os dois helicópteros da Força Aérea pairar a uns quatro metros de altura. Correu atrás deles e viu a velhinha das fotos tentando proteger os olhos, ofuscada pelo reflexo das luzes.

Barry gritou, deu um pulo e começou também a correr, mas Jillian conseguiu agarrá-lo.

— Barry! São só helicópteros, Barry.

— É — gritou Neary, por cima do barulho e da poeira. — E helicópteros nossos.

O deslocamento de ar provocado pelos rotores tinha feito tremer uma placa de sinalização da estrada. Neary ficou um momento a vê-la vibrar, como na outra noite, só que então aquilo lhe parecera estranho, sobrenatural, algo causado por... bem, por "luzes noturnas".

Agora, ele via que a placa vibrava ao vento levantado pelos helicópteros. Era algo que estava acontecendo ali, diante de uma centena de testemunhas.

Pela primeira vez, em toda aquela loucura, Neary duvidou não só do que vira, como também do que pensara a respeito.

QUATORZE

Ali, no deserto, as estrelas eram grandes e duras como diamantes. Algumas delas, as mais próximas do horizonte, cintilavam em meio ao calor deixado por mais um dia escaldante.

Era meia-noite em Barstow, Califórnia, e o monstruoso orelhão parabólico do Radiotelescópico Goldstone auscultava os céus. A versão oficial era que a estação 14 ia sofrer uma vitória. Mas o mesmo disco de 70 metros de diâmetro que cobrira as missões Viking, Helios, Pioneer, Mariner, Jupiter, Saturno e Voyager, estava ligado num vetor estadual ao "espaço profundo". Dentro da casa pré-fabricada, um cartaz prevenia a todos os que entravam: *Atividades de Processamento de Dados. Entrada permitida apenas ao pessoal de serviço. Contatar MC COPSCON 5883.*

Um posto de identificação bloqueava, como se fosse uma sentinela, uma porta selada a vácuo. Era uma noite especial e pairava no ar uma grande carga de ansiedade, de *angst...* Seis mãos direitas fizeram pressão na caixa identificadora, as impressões digitais foram tomadas e a porta abriu-se automaticamente. Parecia mais uma área de estocagem do que um centro de computação. O pólo das atividades era um cubículo envidraçado, apoiado num *trailer* plano, no meio daquele armazém escuro e vazio. Por dentro, o cubículo dava a impressão de um trote de calouros. Vinte e quatro membros do projeto estavam mergulhados até o pescoço em CRTs, controladores de comando, unidades transmissoras e, o que parecia deslocado, um minissintetizador Yamaha, em cujo teclado Claude Lacombe tocava um exercício de cinco notas, parecendo estar transmitindo alguma mensagem. Seus dedos tocavam em *staccato*, mas o som era indiscutivelmente indiano. Benares. A música celeste, finalmente servindo ao seu propósito hipotético.

A resposta não se fez esperar. O painel do CRT iluminou-se e logo resmas começaram a sair de uma IBM, espalhando-se pelo chão e levando os membros do projeto a se abaixarem para tentar ler. Mas a resposta não vinha em notas musicais a sim em números. Durante quinze minutos, as pulsações foram enchendo o papel. Havia pausas, longos intervalos e, depois, novas e mais rápidas pulsações. Lacombe tinha a certeza de que a comunicação estava se processando. Sentou-se e apertou a testa com as palmas das mãos. Respirou fundo e exalou o ar, com frêmito. O barulho do teletipo era ensurdecedor para os ouvidos mais jovens, dentro daquele espaço claustrofóbico, mas, quando por fim parou, o coração de Lacombe sofreu um baque. Só quando a comunicação recomeçou é que o francês sossegou e quase sorriu.

— OK, turma! — Quem estava falando era o Assessor de Operações. — Recebemos dois *broadcasts* de quinze minutos cada. Cento e quatro pulsações rápidas antes de uma pausa de cinco segundos, depois quarenta e quatro* pulsações e outra parada de cinco segundos, mais trinta pulsações rápidas e um intervalo de sessenta segundos antes de um conjunto inteiramente diferente de sinais, assim discriminados: quarenta mais cinco. Trinta e seis mais cinco. Dez, sessenta, pausa e novamente cento e quatro.

Lacombe tocou as cinco notas no equipamento de transmissão e um assessor da Universidade da Califórnia perguntou:

— Não obtivemos resposta a isso?

Lacombe olhou para ele e deu de ombros. Talvez amanhã ficassem sabendo o que significavam aquelas cinco notas. Agora, a corrida começara, e vinte e quatro assessores do Projeto estavam transformados em executivos pensantes.

Um rapaz de cabelos compridos, que lembrava ligeiramente Rod Stewart, foi o primeiro a falar, ao mesmo tempo em que passava em revista os números repetidos.

— O número da minha carteira de identidade é que não é. Algarismos demais!

Outro brincou:

— Talvez seja um número de telefone de um outro planeta.

O próximo a falar foi um rapaz do Texas. Assobiou e sorriu, pensativo:

— Aquele segundo conjunto de números. Podiam ser as medidas de uma pessoa forte e troncuda, mas sem quadris.

Todo mundo riu, exceto Lacombe. Não entendeu a piada e olhou para o intérprete, à espera de que ele traduzisse. Mas Laughlin não o fez. Nem sequer estava olhando para ele, tão interessado parecia nas resmas de papel da IBM. Lacombe olhou para ele. Laughlin estava preocupado com algo e, quando olhou para cima, todo mundo estava olhando para o outro lado. Todo mundo, menos Lacombe. O francês acenou com a cabeça para o intérprete, encorajando-o a dizer o que tinha em mente. Foi o que Laughlin fez:

— Com licença!

Todos estavam dando tratos à cabeça e falando, de modo que Laughlin adotou uma voz de trovão e exagerou a nota:

— COM LICENÇA!

Fez-se silêncio na sala. Até mesmo os painéis pararam de transmitir. Por coincidência, era o fim de um ciclo receptor.

— Muito bem!... Antes de ter sido contratado para falar francês, eu ganhava a vida lendo mapas, e esse número aí está-me parecendo uma longitude.

Ninguém reagiu. A opinião de Laughlin provocou apenas olhares parados, de modo que ele continuou:

— Dois conjuntos de três números, certo? Muito bem, o primeiro número tem três algarismos, os últimos dois têm pouco menos de sessenta.

Laughlin levantou-se e aproximou-se de Lacombe, que já estava de pé, pronto para explodir em *eurecas!* A sala continuou num silêncio perplexo. Mas, à medida que todos foram percebendo a coisa, um núcleo de excitação formou-se no centro do grupo e foi se espalhando pela sala.

— Talvez... — disse alguém. — Talvez eles estejam nos dando uma localização em ascensão e declínio no céu. Talvez nos estejam fornecendo coordenadas galácticas.

— Nada disso — replicou alguém. — Isso não corresponde à direção do nosso "Orelhão". Acho que o homem está certo! Acho que estamos recebendo coordenadas terrestres.

E esse foi o estopim.

De repente, todos os funcionários do projeto estavam pedindo um mapa. Um punhado de homens saiu do cubículo do som e correu pelo corredor, rumo ao escritório do supervisor da missão.

Dentro do escritório, havia um grande globo terrestre. De repente, a porta se abriu e a luz do corredor entrou de jorro. A aurora se fez no hemisfério ocidental de Rand McNally e um excitado grupo de membros do projeto invadiu o escritório do diretor, como um bando de colegiais adolescentes. Tentaram retirar o globo do seu suporte de aço, mas ele parecia pesar trezentos quilos. Um ás em matemática usou os ombros para tirar o globo do suporte e levá-lo para o corredor.

Outros membros formaram um time e o planeta Terra, arremessado como uma bola de vôlei, contornou um canto e entrou no cubículo das comunicações, onde Laughlin afastou os dedos extras e indicou a longitude a partir do Pólo Sul.

— Antártica, oceano... oceano... oceano... beirando a Ilha de Páscoa, beirando a Ilha de Sala Y Gómez. Aterragem no México. Beirando Puerto Vallarta... cortando pelo Novo México e pelas Carvernas de Carlsbad, continuando...

Os dedos de outro homem começaram a traçar uma outra linha, na direção oeste, atravessando o coração dos Estados Unidos.

— Maine... New Hampshire... Os Grandes Lagos... Minnesota... South Dakota...

E então os dedos de ambos se juntaram no canto nordeste do estado de...

— Wyoming? — Laughlin olhou para Lacombe. — Wyoming. O silêncio foi quebrado pelo sotaque texano do chefe da equipe.

— Bem, não fiquem aí parados, como um bando de pingüins, vão me buscar um mapa geodésico de Wyoming. Tragam-me tudo o que houver a respeito!

Enquanto isso, Lacombe voltava a sentar-se, colocava os audifones, tocava de novo as cinco notas musicais para o transmissor, e ficava à espera, à escuta. Nada.

Tocou novamente no Yamaha. Nada. Inclinou o corpo para a frente, alerta. Voltou a tocar

mas, dessa vez, os sons quase foram abafados pelos vinte e quatro membros do projeto, festejando a sua primeira pista definitiva.

QUINZE

O xilofone de brinquedo era muito desafinado, por isso as cinco notas haviam soado tão esquisitas, quando tocadas por Barry. Não tinha conseguido tocá-las todas ao mesmo tempo, observou Jillian, do quarto ao lado. Estivera toda a tarde tentando, até conseguir tocá-las mais ou menos.

Aos ouvidos de Jillian, embora a melodia fosse estranha, a música e o riso de Barry eram uma alegria. Prova de que ele estava ali, com ela. De que estava feliz. A curiosa seqüência de cinco notas — onde seria que os garotos iam buscar tais idéias? — era, na verdade, perturbadora, mas também aqueles xilofones nunca eram afinados, sendo fácil produzir neles um som... esquisito.

Jillian passara aquele dia e o anterior fazendo desenhos a carvão e a pastel. Abandonara uma carreira de desenhista pelo simples fato de ter-se mudado para tão longe das grandes cidades. Mas o hábito era difícil de abandonar e ela de vez em quando dava consigo desenhando Barry, uma cadeira, um saleiro, uma garrafa de *ketchup* e um prato sobre a mesa da cozinha.

Nesse dia, Jillian desenhara paisagens, todas elas montanhosas. Do jeito que as desenhara, fileiras distantes e desiguais de dentes, picos aqui e ali, elas faziam-lhe lembrar a melodia que Barry não parava de tocar no xilofone.

A mais pura forma de escolha ao acaso fizera com que as montanhas tivessem aquele aspecto, obra das erupções vulcânicas, da gravidade e da ação das intempéries sobre séculos e séculos de formações geológicas.

Da mesma maneira, só o acaso poderia ter levado Barry a escolher aquelas cinco notas. No entanto, uma vez escolhidas, ele continuava a tocá-las, como se realmente existissem uma casualidade. Estava em tudo o que os cercava, na disposição das nervuras de uma folha, exclusiva e jamais repetida noutra folha. Cada pedra da praia era um pouco diferente, em tamanho, contorno, cor ou textura, das demais pedras.

Mas, da maneira pela qual Barry tocava aquelas notas, era quase como se no acaso houvesse uma mensagem.

Jillian jogou quase todos os seus desenhos no lixo, guardando apenas um, que lhe recordava algo — o que, ela não saberia dizer exatamente. Aquela montanha que ela desenhara, terrivelmente alta e fina, cheia de agulhas e distorcida, como uma dessas espirais do deserto, formadas quando o vento e a areia desgastaram a pedra mais macia, deixando a nu o núcleo de lava mais dura, que formava a extinta garganta de um vulcão.

Seus flancos estavam arrebatados por estrias brutais e ele se erguia da paisagem desolada, qual um dedo disforme, apontando acusadoramente para o olho do sol.

O trovão ribombou perto dali. Jillian estremeceu e correu para fora, a fim de ver se a chuva já estava chegando. As nuvens tinham começado a se juntar a oeste, obscurecendo o sol, já fraco, com massas de um tom cinza-chumbo. Por trás das nuvens, Jillian podia ver os relâmpagos. Uma grande tempestade elétrica se aproximava, mas os relâmpagos pareciam prolongar-se estranhamente, como se estivessem congelados. Pequenos pontos distantes de luz começaram a pular de nuvem em nuvem.

O ar foi se espessando, com um ruído que lembrava o zumbir de abelhas. As nuvens pareciam agora estar descendo. Sim, descendo na direção dela, e trazendo, no seu bojo, estranhos clarões de luz colorida, que pareciam ricochetear de uma nuvem para a outra.

— Não — disse Jillian, em voz baixa.

Do outro lado da paisagem, uma espécie de formação maciça de nuvens mais escuras dava a impressão de se estender do chão até o céu, numa coluna que ia aumentando à medida que subia, quase como um furacão. Jillian sentia-se indefesa, como a jovem Dorothy, em *O Mágico de Oz*, ao ver o furacão surgir, ameaçador, no horizonte do Kansas.

Mas isto não é o Kansas, disse ela para si mesma. E essas coisas brilhantes e coloridas, pulando de nuvem em nuvem, não são... não são verdadeiras? Mas claro que são verdadeiras.

— Não! — gritou ela, subitamente assustada.

Pensou na segurança da casa e virou-se lentamente, muito lentamente, dando o primeiro dos quinze longos passos até a porta da cozinha. Estava apavorada e não queria aumentar esse pavor correndo, de modo que continuou a andar numa espécie de movimento em câmara lenta. Entrou em casa e, lenta e deliberada-mente, fechou a porta dos fundos e trancou-a. Depois, dirigiu-se para a sala e começou a correr as venezianas. À medida que andava de um lado para o outro, seus movimentos tornavam-se cada vez mais rápidos, sem que ela fizesse por isso, ou sequer se apercebesse. Acabou correndo de um quarto para o outro, puxando as venezianas para baixo de qualquer maneira, o pânico tomando conta dela e descontrolando-lhe os movimentos.

Parou um momento, procurando pôr ordem nas suas emoções. *Tinha* havido um trovão, não tinha? E relâmpagos? Aquele zumbido distante, semelhante ao produzido por um enxame de abelhas, tivera algo que ver com a tempestade. E as nuvens, descendo sobre ela. Jillian nunca vira as nuvens fazer aquilo.

Barry estava rindo. Nunca tivera medo de trovoadas, graças a Deus, pensou Jillian. Mas, ouvi-lo rir daquela maneira, enquanto o trovão ribombava e os relâmpagos iluminavam o céu, era um pouco demais para a sua paz de espírito. Nenhuma criança tinha o direito de se sentir tão feliz assim.

Correu para o quarto dele. Barry parará de tocar e estava diante da única janela da casa cuja veneziana ainda não fora corrida. Olhava atentamente para o céu e o que via, enchia-o de grande alegria.

Começou a correr pela casa, levantando as venezianas, abrindo portas e janelas. — Barry,

não!

Jillian correu atrás dele, fechando e trancando janelas e portas. Alcançou-o na sala. O garoto acabava de puxar a veneziana para cima.

Jillian empurrou o filho para o lado e desceu a veneziana. Imediatamente, um tremendo trovão sacudiu toda a casa. Por trás da veneziana, o clarão do relâmpago brilhou com uma cor-de-laranja tão intensa, que a parede pareceu estar em chamas. Tudo isso acompanhado do zumbido.

Jillian procurou proteger-se, mas Barry bateu palmas e riu. Agora, a casa estava às escuras, apenas iluminada pelos ocasionais clarões vindos do céu. Jillian pegou a mão de Barry e levou-o para o quarto dela. Depois, pegando na lista telefônica, começou a procurar o número de Roy Neary.

Nesse momento, outro grande trovão, seguido de um clarão laranja, se abateu sobre a casa como um punho gigantesco. A televisão ligou sozinha e o mesmo aconteceu com o toca-discos. As lâmpadas começaram a apagar e a acender. Jillian ouviu o aspirador, dentro do armário do material de limpeza, começar a trabalhar.

Barry soltou-se da mão dela, correu para a janela e levantou a veneziana, com um grito de triunfo. Imediatamente uma estranha quietude caiu sobre a casa. A televisão e o toca-discos pararam. O aspirador também. Não se ouvia o menor barulho, nem mesmo o vento ou o zumbir distante de insetos.

Foi então que Jillian escutou. Algo assim como... garras. No telhado. Por cima das telhas. Garras. Unhas compridas e afiadas. Provocando um som forte e agudo.

Olhou fixamente para o teto, na direção de onde vinha o ruído. Por um momento, ele parou junto à chaminé. Mas logo começou a descer por ela.

Jillian correu para a sala. Custasse o que custasse, tinha que fechar a boca da lareira. Barry seguiu-a, feliz.

— Entrem! — gritou ele. — Entrem!

Os ruídos de garras deslizaram pelo interior da chaminé. Jillian correu a fechar a boca da fornalha.

Imediatamente, uma espécie de rugido sacudiu a casa e um clarão laranja inundou todos os cantos da sala, ao mesmo tempo em que as venezianas se erguiam.

Jillian deixou-se cair no chão, as mãos tapando os ouvidos. A televisão berrava. No aparelho de som, o toca-discos girava. Os amplificadores transformavam a voz de Johnny Mathis, cantando *Chances Are*, num verdadeiro urro de leão.

Jillian precipitou-se de novo para o telefone, arrastando Barry com ela.

Olhos arregalados de pavor, não tardou a encontrar o número de Neary. Mas, enquanto

esperava, com o fone no ouvido, o sinal de discar, ouviu, em vez dele, a mesma melodia de cinco notas que Barry estivera tocando no xilofone. Jillian apertou o gancho, ouviu como que um furioso zumbido de abelhas e discou o número de Neary. As luzes da sala comportavam-se estranhamente, diminuindo de intensidade até dar a impressão de uma neblina vermelha, e depois crescendo até um branco-azulado, que lhe feria os olhos.

O telefone zumbiu.

— Alô? — atendeu uma mulher.

— Roy? — A voz de Jillian estava rouca de medo.

— Ele não está — disse Ronnie, calmamente. — Quem fala aqui é a esposa dele. Quem quer falar com Roy?

O próprio ar parecia escaldar, cor-de-laranja e com um terrível zumbido. Era como se uma enorme torre de alta-tensão, carregada de milhares de volts, tivesse tombado sobre a casa, descarregando nela toda a voltagem.

O aspirador, como se fosse um preso sendo torturado numa cela, soltou um guincho de horror. Os alto-falantes do aparelho de som começaram a vibrar e acabaram estourando.

Um cinzeiro de metal ergueu-se no ar e ficou um momento pairando, suspenso no terrível calor do ar. Jillian ouviu-o cair de novo no chão, ao mesmo tempo em que o telhado recomeçava a ranger.

Perdeu inteiramente o controle dos nervos. O fone tombou-lhe da mão e ela escorregou para o chão. Barry não estava em lugar...

— Barry!

Entrando pelo quarto como um carro desgovernado, o aspirador começou a ziguezaguear pelo chão, perseguindo-a para onde quer que ela fugisse, obrigando Jillian a correr.

Em meio àquele horror de barulhos e clarões, ela perdeu a noção do que estava acontecendo.

— Barry! — gritou.

A distância, distinguiu, por sobre os estrondos e os ruídos, a risada alegre de Barry. A cozinha! Incapaz de andar, Jillian começou a se arrastar na direção da cozinha.

A geladeira vibrava intensamente. A porta abriu-se e a luz interna pôs-se a piscar, apagando e acendendo.

Foi então que ela viu o filho. Também ele se arrastava pelo chão, rumo à abertura feita na porta para deixar passar o cachorro. Alcançou-a e tentou atravessá-la.

Jillian deu um pulo e agarrou o pé do garoto, puxando-o para trás, com toda a força. Ele

deslizou pelo linóleo, na direção dela. O ar estava pesado e carregado de eletricidade.

Nisso, algo puxou o menino. Uma força puxava-o para fora da casa.

— Larguem o meu filho! — gritou Jillian.

Cerrou os dentes com força e puxou-o de novo para ela. O corpo do garoto andou alguns centímetros para a frente e para trás.

Jillian agarrou-se ao filho até sentir que, se não o largasse, ele acabaria se partindo. Soluçando, soltou-o e Barry passou pela pequena porta.

Num abrir e fechar de olhos, ele desaparecera.

Jillian ergueu-se do chão e abriu a porta da cozinha, cambaleando até o quintal, mas nada de Barry. Viu a formação de nuvens, que lembrava um furacão, pairar sobre a casa, como se estivesse estacionada, iluminada pelos minúsculos pontos geodésicos de luzes que pareciam explodir..

Logo as nuvens se dispersaram em meio à escuridão cada vez maior. E Jillian, sem saber bem o que fazia, sem se importar mais com coisa alguma, começou a segui-las, a persegui-las, até que uma imensa forma se levantou e pareceu envolvê-la com braços gigantescos, fazendo com que Jillian caísse, ofegante, num milharal.

Trêmula, olhou para o enorme vulto à sua frente. Um espantalho a contemplava, sorrindo à sua maneira idiota, braços pendentes. Jillian perdera. Barry se fora.

Ficou um momento ali caída, soluçando de raiva e de dor. Olhando para cima, através das lágrimas, viu uma estrela solitária mudar de branco para azul para vermelho.

E, depois, desaparecer.

DEZESSEIS

— Que é que você estava fazendo, no telhado da garagem? — perguntou Ronnie.

Neary entrara em casa e fora direto para o banheiro, se lavar.

— Uma pequena obra — gritou ele, por sobre o barulho da água corrente.

Ronnie debruçou-se na janela da cozinha e viu que ele tinha construído uma espécie de plataforma no alto do telhado da garagem, uma plataforma sobre a qual se via uma cadeira de plástico e alumínio.

— Ê um posto de observação, não é? — perguntou ela. Neary tinha saído do banheiro e enxugava o rosto numa toalha.

— Roy, em vez de construir plataformas...

Ronnie parou — não queria transformar-se no tipo de esposa que fica chateando o marido para procurar um novo emprego. Mas também não queria ficar conhecida como a esposa do maluco do bairro, empoleirado no seu planetário doméstico, esperando ver *croissants* cor-de-laranja no céu.

— Telefonaram para você — disse ela. Roy abaixou a toalha.

— Tempestade a caminho de Harper Valley! — prognosticou ele. — Pela sua cara já estou vendo.

— Ela não disse o nome.

— Ela?

— Acho que não quis dizer — Ronnie respirou fundo. — Parecia sem graça de estar falando com a sua mulher.

— Quem?

— Acabei desligando, já que não se ouvia senão estática e interferências, do outro lado.

Neary sacudiu a cabeça, distraído, olhando para o relógio da cozinha.

— Puxa, não temos muito tempo. Ê uma hora de viagem. A moça que vai ficar tomando conta das crianças já chegou?

-Já.

Ronnie respirou fundo de novo.

— Roy, espero que você compreenda que, na situação em que estamos, não vamos poder ficar gastando dinheiro com *babysitters*. Pelo menos até que...

Ele fez um ar contrito.

— É, eu sei. Estou-lhe grato por você me acompanhar nisto, Ronnie.

— Mas só com uma condição.

— Qual?

— Quando a reunião acabar, você vai esquecer tudo isto. Não foi para isso que a Força Aérea convocou esta reunião?

Os oitenta quilômetros de distância pareceram a Roy muito mais, tudo porque Ronnie não estava com vontade de falar.

Chegaram à base da Força Aérea cerca de dez minutos antes da hora marcada para o início da reunião, que fora anunciada, vários dias antes, pelo rádio e pela televisão.

Ao se aproximarem da primeira guarita, Ronnie afundou no assento.

— Juro que nunca lhe perdoarei, Roy — disse ela —, se dermos de cara com alguém que eu conheço.

Neary perguntou à sentinela onde ficava o Centro de Informações a Civis.

— È aquele edifício grande, todo de vidro — respondeu o cabo, enfiando um cartão verde, de visitante, no pára-brisa. — Não há como se perder.

— Claro que não — murmurou Neary.

O prédio era alto e fino, como uma caixa de fósforos de pé, com quilômetros de janelas envidraçadas e esquadrias de alumínio. Roy estacionou ao lado da velha *pickup* vermelha do fazendeiro, que também ostentava um cartão verde no pára-brisa.

A sala de espera daquele monstro de vidro *fume* era enorme, interminável. Uma funcionária, sentada a uma mesa, anotou o nome de Neary e entregou-lhe um cartão de identificação, pois já havia mais de trinta pessoas na sala.

— Toda essa gente — murmurou Ronnie, ao ouvido do marido, assim que se sentaram — é completamente maluca.

— Shhh!

— Eu sabia que ia ser assim.

— Você não sabe o que está dizendo — murmurou Neary.

— Olhe só para aquela ali, junto do elevador — sussurrou Ronnie, indicando uma mulher de cinquenta e muitos anos, sardenta, cabelos brancos voando para todos os lados, olhar fixo e esgazeado.

— Prontinha para o hospício — murmurou Ronnie.

Nesse instante, Julian Guiler entrou na sala e imediatamente os repórteres pularam das cadeiras e a rodearam.

— Poderia dar-nos uma declaração? — perguntou um repórter, enquanto os *flashes* estouravam em cima dela e as cameras entravam em ação.

Jillian, com ar exausto e desorientado, nada disse.

— O relatório que a senhora fez à polícia foi... bem... algo espetacular. Gostaríamos de chegar a tempo para o noticiário das seis. Às onze, a garotada já está na cama.

Jillian parecia não ter ouvido.

Um outro jornalista perguntou a um colega:

— É ela, não? A mulher das nuvens. Jillian pareceu acordar.

— Será que vocês podem *me* dizer o que foi que aconteceu? — perguntou ela.

— Bem, não.

— Então, nada temos a dizer.

— Mas ouvimos falar que não foi pedido resgate. O primeiro repórter não desistiu:

— E a história do FBI? É verdade que a criança sumiu? A senhora contou uma história à polícia. Poderia repeti-la para a televisão?

Jillian entrou em pânico. As perguntas eram insidiosas, sem sentido. Já estava recuando para os elevadores, quando avistou Neary, do outro lado da sala. Quando o elevador chegou, ela formou, com os lábios, as palavras:

— Eles o pegaram!

— Como?

Roy não entendera, mas Ronnie sim e deitou ao marido um dos seus olhares fulminantes, ao mesmo tempo em que as portas do elevador se abriam e tragavam Jillian.

Um sargento, de uniforme completo, entrou na sala.

— Pessoal... podem entrar. Sala 3655. Venham comigo, por favor.

O grupo de Tolono, liberado por Neary e Ronnie, saiu para o corredor. As cameras de TV estavam esperando do outro lado da porta e, mal eles surgiram, *os flashes* e as luzes começaram.

Ronnie procurou proteger o rosto com a bolsa, como se tivesse sido presa.

— Tudo por sua culpa, Roy! — resmungou, por trás da bolsa.

Os trinta civis pareceram de repente malvestidos e insignificantes, ofuscados pelas luzes brilhantes das lâmpadas de quartzo, montadas em refletores que iam até o teto.

Com a entrada do grupo da Força Aérea e de uma falange de repórteres e fotógrafos, ficou claro, aos olhos de Neary, que o que a Força Aérea queria era publicidade. Muito bem. Uma vez na vida, ele e os militares estavam de acordo. Que o mundo inteiro soubesse o que acontecera!

Mas o seu sentimento de satisfação diminuiu bastante quando percebeu que os porta-vozes da Força Aérea, todos à paisana, ficariam sentados em belas poltronas giratórias, de madeira e espuma de borracha, colocadas sobre uma plataforma acima do resto da sala, ao passo que as testemunhas voluntárias formavam um círculo em volta deles, desconfortavelmente instaladas em cadeiras dobráveis, despreparadas para tanta publicidade e, na sua maioria, vestindo ainda a roupa que tinham usado o dia inteiro, no trabalho ou na fazenda.

— Sou o Major Benchley — disse um oficial ainda jovem. — E isto aqui — continuou ele, segurando uma grande foto colorida, de um estranho disco em movimento — é um disco voador.

Logo se ouviram vários "oohs" e "aaahs", além de comentários como: "Iguazinho ao que eu vi" e "É assim mesmo".

— Feito de metal — continuou Benchley, tão logo os ânimos serenaram. — No Japão. E atirado no gramado da minha casa, por um dos meus filhos. Mostrei-lhes isso para dar a esta reunião um cunho informal. E também para esclarecer um outro ponto. No ano passado, só os americanos tiraram mais de sete bilhões de fotos e gastaram seis milhões e meio de dólares em filmes, equipamento fotográfico e revelação. Apesar disso, onde está a prova fotográfica indiscutível de que existem mesmo fenômenos desconhecidos nos nossos céus?

As "testemunhas" caíram num silêncio perplexo ou intimidado, até que um dos jornalistas presentes retrucou:

— Quantas vezes temos a máquina ao alcance da mão, quando algo nos pega de surpresa? Quantos desastres de carro ou de avião conseguem ser filmados na hora, ou são apresentados "ao vivo" nos noticiários de televisão?

O grupo de Tolono deu mostras de que concordava e um dos seus mais sensatos componentes levantou-se e disse:

— Afirmar que não há provas conclusivas de que os OVNI's existem não acabará com o medo de estarmos ameaçados de exploração por parte de forças desconhecidas.

— Sou uma pessoa equilibrada — disse a velhinha que colecionava fotos de objetos não identificados. — Uma pessoa equilibrada. O que sei dizer é que testemunhei algo que nunca na minha vida tinha visto.

Ninguém disse nada, de modo que Neary levantou a mão.

— Deixe que outros falem — sibilou Ronnie, puxando-o pelo braço.

— Escute, major. Os senhores andam pelos céus, não é mesmo? Pois bem, já olharam para eles, nestes últimos tempos? Há um verdadeiro circo voador lá em cima.

— Só posso reiterar — disse o major — que, após dez anos servindo à Inteligência Tática da Aeronáutica e ao Departamento de Investigações Especiais, nunca vi uma única prova irrefutável da existência material dessas coisas.

— Que coisas? — perguntou Neary.

O Major Benchley tinha-se inclinado para conferenciar com dois colegas. Endireitando-se, olhou para o cartão de identificação pendurado no peito de Roy.

— Por favor, Sr. Neary, não pense que estou pondo em dúvida as suas afirmações...

— Não se preocupe com isso. Só queremos saber o que está havendo.

— Não estamos certos. Não podemos partir do princípio, como parece ser o seu caso, de que se trata de veículos em excursão, vindos de outro planeta.

— Bem, não era nenhum dirigível Hindemburgo — retrucou Neary.

Muitas das "testemunhas" riram, mas Ronnie não achou a menor graça.

— Digamos que se trata de tecnologia estrangeira — disse o major, em tom conciliatório.
— Por que partir do princípio de que é *tão* estrangeira assim?

E apontou com o dedo para o céu.

— Ótimo. Muito bem — respondeu Neary. — Digamos que os russos estão fabricando e pondo nos ares esses artefatos. Que é que eles estão fazendo no espaço aéreo de Indiana?

Todos riram — o pessoal da Força Aérea, os civis, a imprensa e as "testemunhas".

O Major Benchley esperou que a ordem voltasse e recomeçou:

— Estamos realizando algumas manobras extraordinárias de reconhecimento. Essas manobras vão prosseguir por toda a próxima semana. Fui informado de que a eletricidade estática aumentou bastante, provocando relâmpagos e clarões. Temos também um fenômeno

conhecido como inversão de temperatura, no qual uma camada de ar frio fica, como num sanduíche, entre camadas de ar quente.

Neary olhou, com ar incrédulo, em volta da sala cheia de gente.

— Vocês nos chamaram para nos dizer o que estava havendo e acabamos ouvindo boletins meteorológicos.

— Que é que o senhor gostaria de acreditar que está acontecendo?

Ronnie tentou fazer com que Roy se sentasse, mas ele afastou-lhe a mão e disse:

— Gostaria de acreditar que a Força Aérea dos Estados Unidos sabe o que está acontecendo.

E sentou-se.

— Quem vai pagar os estragos feitos às minhas terras? O Major Benchley pestanejou.

— Desculpe, mas não entendi.

— Sou dono das terras onde essa gente ficou de vigília toda a santa noite — explicou um sujeito que parecia ter dinheiro. — Esse homem aí — e indicou Neary — destruiu vários metros da minha cerca. Há lixo espalhado em volta do lugar onde esse pessoal passou a noite, comendo frango assado e bebendo cerveja. Quem vai pagar por tudo isso?

O Major Benchley apontou para o dono das terras.

— O senhor viu alguma coisa, naquela noite? O homem riu.

— Há mais de oitenta anos que a minha família é dona dessas terras e nunca vimos nada de mais.

As cameras de televisão tinham-se desviado para o proprietário e Neary percebeu que a reunião estava começando a se desintegrar. Se não agisse depressa, tudo iria por água abaixo.

— Um momento! — disse ele, bem alto, sentindo Ronnie afastar-se, ao mesmo tempo em que se punha novamente de pé. — *Eu vi algo!*

As cameras voltaram-se outra vez para ele.

— Perdi o emprego por causa disso! Para mim, a coisa é muito séria. Está acontecendo algo e queremos saber o que é.

Benchley tinha começado a falar, tentando diminuir o impacto das palavras de Neary.

— Se a prova for boa e puder ser levada a sério...

— *Nós somos a prova!* — gritou Roy. — E queremos ser levados a sério!

— Por favor, Sr. Neary!

— Por favor, Major Benchley — arremedou-o Neary. — Gostaria de poder acreditar que não estou ficando louco. Há outras pessoas nesta sala que viram o que eu vi e também gostariam de acreditar que não estão loucas. Será isso pedir demais?

Benchley ficou alguns minutos calado. Quando voltou a falar, via-se, pelo seu tom de voz que, pela primeira vez, falava espontaneamente.

— Acho que há muita coisa em que seria ótimo a gente poder acreditar. Viagens no Tempo e Papai Noel, por exemplo. Eu gostaria de ter visto isso. Há anos que venho desejando ver uma dessas coisas voando pelos céus, porque acredito que haja vida em outro lugar do universo. Mas... tudo indica que não há vida. A hipótese extraterrestre é apenas uma dentre muitas alternativas possíveis. Parecemos querer provas de que existe algo capaz de resolver os nossos problemas. Trata-se de uma situação emocional. Também nós queremos respostas, e não mistérios.

Neary afundou na sua cadeira dobrável.

— Pode nos dizer, ao menos, se a sua base está realizando testes na região de Tolono? Testes secretos, por exemplo?

O major hesitou de novo, mas logo, olhando fixo para Neary, respondeu:

— Seria fácil mentir e dizer que sim. O senhor sairia daqui com uma resposta concreta. Mas tal não é o caso e não quero iludi-lo. Para lhe dizer a verdade, não sei o que o senhor viu.

Neary sorriu e disse:

— O senhor não pode iludir-nos, fingindo que concorda conosco.

Isso provocou uma risada geral que, por um momento, confundiu Neary. Não tinha dito aquilo como piada, era o que ele pensava realmente.

Benchley também riu, mas logo ergueu a mão, pedindo silêncio, e prosseguiu:

— Vocês precisam compreender que há outras coisas a considerar. Está se formando uma onda de histeria em torno disto. Soubemos de crianças que ficaram seriamente queimadas por estarem brincando com fogos. Esta noite, tivemos inclusive notícia de que uma senhora de Harper Valley culpa essa coisa misteriosa pelo desaparecimento do seu filho de quatro anos.

A essa altura dos acontecimentos, o velho fazendeiro resolveu compartilhar a sua experiência com os outros.

— Vi uma coisa que parecia um pé enorme, uma vez — anunciou. — Foi no Parque Nacional de Sequoia. No inverno de mil novecentos e cinquenta e um. Media quase um metro, do calcanhar até à ponta. E fazia um barulho que, só de me lembrar, fico todo arrepiado.

— E a estrela de Belém, que guiou os três Reis Magos até Jesus? — perguntou uma velha senhora, com cabelos azulados e uma Bíblia na mão. — Os astrônomos nunca conseguiram explicá-la satisfatoriamente.

Os homens da televisão estavam se deleitando.

— Major, há alguma verdade nessa história do monstro de Loch Ness?

Quando já se dirigiam para o corredor, o Major Benchley aproximou-se deles, mão direita estendida.

— Sr. Neary — começou ele. — Só queria lhe dizer...

— Por que diabo os seus helicópteros caíram em cima de nós, sem avisar, na outra noite? — gritou Roy. — Que diabo foi aquilo?

— Roy?

— Sr. Neary, não sei do que está falando. Só queria...

— Não acredito! — explodiu Neary. — Não acredito em nada do que você diz, Benchley.

Perplexo diante daquela inesperada reação, Benchley recuou. Ronnie interpôs-se entre Roy e o oficial.

— Pare com isso, Roy! Pare! — pediu ela.

Empurrou-o na direção de uma máquina de Coca-Cola e voltou para pedir desculpas ao major.

Neary enfiou algumas moedas na máquina e, Coca-Cola na mão, meteu-se por um corredor, procurando acalmar-se, descobrir o que estava acontecendo com ele. Não costumava agir assim, explodir sem ser provocado. A verdade era que Benchley não lhe tinha feito nada. Desincumbira-se apenas da sua tarefa.

Roy descobriu-se olhando fixamente para uma pequena abertura numa parede. Sempre bebericando, abriu a porta do painel e descobriu uma caixa central de controle de circuitos, com centenas de interruptores.

O dedo indicador de Neary acompanhou o mapa interno do edifício, pregado no interior da portinhola. Depois, agindo rapidamente, começou a mexer nos interruptores. Seus dedos moviam-se, ágeis, para trás e para a frente, para cima e para baixo, à medida que ele consultava o mapa e apertava os interruptores.

— Roy!

Ronnie encontrara-o.

Neary estava agora sorrindo. Fechando a portinhola, pegou Ronnie pelo braço e saíram

juntos do edifício, em direção ao estacionamento.

— Roy, que é que há com você?

— Nada. Estou bem. Está tudo bem, muito bem, até. Sentia-se tolamente satisfeito consigo mesmo

Ligou o motor e tirou o carro do estacionamento, rumando para o posto da guarda. Havia uma fila de carros parados, com os motoristas e os passageiros — civis e militares — do lado de fora, olhando para o arranha-céu de vidro. Roy freou atrás da fila e ele e Ronnie também saíram do carro.

Tudo resultará como ele queria. Fizera com que algumas salas ficassem às escuras e iluminara outras. Em toda a fachada da sede da Administração da Força Aérea, refulgindo na noite, de modo a serem vistas num raio de quilômetros de distância, as janelas soletravam quatro letras: O V N I.

O fotógrafo e o repórter olharam para os jornais da semana, espalhados pelo gramado, para as garrafas de leite azedo e, depois, um para o outro. Subiram o jardimzinho da casa de Julian Guiler e tocaram a campainha.

Tocaram durante alguns minutos e bateram à porta outros tantos. Tentaram olhar através tias venezianas corridas, primeiro nas janelas da frente e, depois, nas traseiras. Mas não conseguiram. Estavam convencidos de que Jillian se encontrava dentro da casa às escuras. Tanto o FBI como a polícia tinham garantido ao chefe deles que ela não saíra de casa. Mas acabaram desistindo e indo embora.

Lá dentro, Jillian pregara todas as janelas com madeira. A sala, a cozinha e quarto dela estavam um autêntico caos. Embora tivesse limpado um pouco a cozinha, arrumar a casa estava além das suas forças — até mesmo fazer a cama lhe parecia impossível — e tudo estava praticamente como na noite em que Barry fora levado e no dia seguinte, em que os homens do FBI e da polícia a tinham revistado, bem como os campos e bosques em volta da casa, à procura de pistas.

Jillian tirara todos os telefones do gancho. A polícia e o FBI nada tinham a lhe dizer, não lhe tinham dito nada, em toda aquela semana, desde que Barry se fora. Apenas que, se ele tivesse sido raptado, os raptadores logo teriam entrado em contato com ela. Não lhe haviam dito o que pensavam tinha acontecido com Barry, mas Jillian sabia o que eles pensavam: que Barry saíra no meio da noite, que tinha caído, ficado com medo ou se perdido e estava agora em algum ponto dos bosques, morto.

Mas Jillian sabia que Barry não estava vagueando por ali, perdido, e tinha a certeza de que ele não morreria. Precisava apenas esperar, esperar que "eles" o trouxessem de volta. E era o que ela estava fazendo... esperando... e rezando. Fora por isso que trancara as portas e fechara as janelas e tirara os telefones do gancho. Não queria falar com ninguém — nem com a polícia, nem com o FBI, nem com a imprensa, nem com vizinhos, família ou loucos, milhões e milhões de loucos. Estava à espera. De Barry. De um sinal.

Para ajudá-la a atravessar aquele período de espera, a manter a sanidade mental, Jillian sabia que tinha de pintar. Trouxera o cavalete e as tintas para um canto da sala, sob a luz de um abajur colocado no chão — a luz não era muito boa, mas teria que servir — e, durante toda a semana, pintara quase sem parar. Quatorze, quinze, dezesseis horas por dia.

Sempre o mesmo quadro, ou variações do mesmo quadro. Uma montanha — não uma cadeia de montanhas com vales e *canyons*, mas apenas aquela montanha. Com flancos áridos. Com mato e algumas árvores. Devia ter pintado vinte, não, trinta versões diferentes da mesma montanha. Jillian não achava o seu comportamento obsessivo. Nem sequer estranho. Ia continuar a pintar aquela montanha até conseguir representá-la bem — fosse qual fosse o seu significado — ou até receber um sinal sobre Barry.

E assim Jillian Guiler ouviu os homens tocar a campainha e bater nas portas e nas janelas, sem lhes dar a menor atenção. Eles não tardariam a ir embora, como todos os outros. E Jillian continuou a pintar a sua montanha.

DEZESSETE

Era perto de Huntsville, Texas, numa fábrica abandonada de folhas metálicas, que tudo estava acontecendo. A vasta área estava cheia de caminhões e de turmas de trabalhadores, carregando-os rápida e eficientemente. A carga era uma estranha coleção de caixas e caixotes. As peças menores chegavam trazidas por esteiras; as maiores, por guindastes. A um canto, funcionários usando jalecos imaculados acomodavam recipientes de metal em caixas forradas com isopor, onde estava escrito *Cuidado — Frágil*. Uma fileira de jipes verde-oliva esperava. Nenhum deles tinha qualquer inscrição — e nem os módulos de fibra de vidro, colocados no meio da grande área, junto a mais de trezentos metros de andaimes metálicos por montar.

Um Volkswagen entrou no armazém e dele saíram Lacombe, Laughlin e Robert. Imediatamente, alguns homens se aproximaram e começaram a descarregar malas leves.

— Sr. Lacombe querará tirar alguma coisa da sua bagagem? — perguntou um deles a Laughlin. — Vamos embarcar tudo no avião o mais depressa possível.

Lacombe entendeu a pergunta quase toda e sorriu, dizendo que não, enquanto prosseguia na inspeção dos preparativos. Laughlin parecia preocupado. Afinal de contas, o francês estava em atividade, sem dormir, havia mais de trinta horas.

— Estou demasiado excitado! — disse Lacombe ao intérprete.

— O sono virá quando a excitação acabar.

Laughlin considerou o pouco que sabia e preparou-se para vê-lo não dormir por mais noventa e seis horas.

Noutro canto, afastados do centro das atividades, vinte e quatro motoristas de caminhão rodeavam a mesa do despachante.

Formavam um grupo heterogêneo, alguns deles despindo uniformes militares e enfiando roupas de trabalho e bonés. O despachante era um tenente-coronel de aspecto severo, que usava um ponteiro muito comprido para assinalar um mapa gigante dos Estados Unidos. Os motoristas apinhavam-se em torno dele e alguns mascavam chiclete.

— Vocês, da carga pesada, vão direto, utilizando as rotas marcadas nos seus mapas interestaduais. Os restantes receberão rotas alternativas, tão logo obtivermos todas as informações sobre postos de pedágio ao longo do caminho. Não queremos que vocês cheguem juntos. E vou-lhes pedir mais uma coisa. Nada de paradas não programadas. Se algum de vocês precisar de ir ao banheiro, já sabem o que fazer.

Em meio ao barulho, um grupo de homens olhavam uns para o outros, por sobre o café e a

fumaça dos cigarros. Estavam todos em mangas de camisa e pareciam exaustos. O Major Walsh deu a volta à mesa e contemplou os preparativos, as máquinas e a confusão. Nunca gostara daquele tipo de responsabilidade. Era o seu primeiro ano longe das Operações de Forças Especiais, tanto à superfície quanto clandestina, na Tanzânia, no Zaire e em Angola. Agora, a braços com um problema de segurança, estava furioso porque o chefe da equipe não lhe contara tudo. Tomou um gole de café e deu uma tragada no seu Chesterfield, antes de chutar uma cesta de papéis.

— Você não pode mandar uma previsão de terremoto — rosnou, chupando o cigarro até o fim. — Nunca houve tal coisa. Trata-se de fazendeiros, gado, rebanhos e índios. Não moram em blocos de apartamentos.

Um exausto "cérebro pensante" torceu as mãos e reclinou-se na cadeira.

— Ainda prefiro a inundação — bocejou.

— Onde vamos buscar a água, rapaz? — retrucou outro "cérebro".

— Podemos fazer um levantamento das represas e reservatórios de água da região. Dizer que um deles vai rebentar.

O Major Walsh enfiou a camisa dentro das calças e apertou o seu cinto da Disneylândia, comemorativo do bicentenário dos Estados Unidos.

— Não temos tempo para levantamentos. Vocês sabem disso Ou deveriam saber, a esta altura dos acontecimentos.

Um outro homem, que parecia querer quebrar um novo recorde, pondo e tirando várias vezes os óculos, tossiu e sugeriu:

— Que tal uma doença? Uma epidemia de cólera, por exemplo?

O colega do lado pareceu gostar da idéia e pousou o cachimbo que estava limpando.

— Febre aftosa — entusiasmou-se ele. — Não há um bocado de rebanhos lá em Wyoming?

O Major Walsh acendeu uma cigarrilha e sentou-se.

— Boa idéia — disse. — Mas acho que não fará com que todo mundo saia. Há sempre alguém que pensa que é imune às doenças. Quero algo o suficientemente apavorante para evacuar tudo quanto é criatura de Deus num raio de quinhentos quilômetros quadrados.

No centro da confusão, embaixo, Lacombe viu vários trabalhadores içar decalques gigantes para os lados nus e prateados dos semitrailers. Diziam: Supermercados Piggly-Wiggly, Coca-Cola, Sapatos Kinney, Café Folger e Baskin-Robbins 31 Sabores. Sentindo desejo de algo doce, o francês levou uma pastilha de hortelã à boca e ficou rindo *do.American way of life*. Nesse momento, as portas de aço se abriram, alguém gritou "Embarcar!" e a corrida começou.

DEZOITO

— Não, mamãe, obrigada — disse Ronnie, falando ao telefone. — Eu me viro.

Tinha colocado o fone entre a orelha e o ombro, enquanto remexia, diante do fogão, uma grande panela.

Ronnie virou-se parcialmente, cobriu o bocal do telefone com a mão livre e disse a Toby:

— Vá avisar o seu pai que o jantar está quase pronto.

Toby hesitou e ficou parado na porta da cozinha, escutando o que a mãe dizia.

— Você não está me ajudando, mamãe. Ainda temos o dinheiro da indenização até o fim do mês. Não, ele não foi ao médico. Não tem ido a lugar nenhum.

Ronnie virou-se e olhou pela janela da cozinha. Roy estava sentado na cadeira de armar, sobre a plataforma que construía, no alto do telhado da garagem. Virava lentamente a cabeça de um lado para o outro, enquanto perscrutava o horizonte com o binóculo.

— Ê, ele está procurando — disse ela à mãe. — Está sempre procurando, mas não trabalho. Eu é que estou fazendo isso... para mim, mamãe. Claro que ele gosta de nós.

Ronnie fez que sim com a cabeça com tal ênfase, que teve de segurar o telefone, para ele não cair do seu ombro. Viu que Toby continuava parado na porta.

— Toby, vá chamar o seu pai para jantar.

— Você não está ajudando, mamãe... O garoto obedeceu, mas a contragosto.

— Mamãe, vou ter que desligar — disse Ronnie e desligou mesmo.

Ouviu a voz fina de Toby chamar o pai. Parecia que ele estava com medo de falar alto, por não querer que os vizinhos o ouvissem.

— Papai, mamãe mandou dizer que o jantar está pronto. Ronnie foi de novo até à janela. Roy não parecia ter ouvido

Toby chamar. Não parecia ouvir ninguém, ultimamente. Nesse mesmo momento, a Sra. Harris encostou o carro em frente da casa ao lado e desligou o motor. Roy tampouco pareceu ter ouvido isso, nem os comentários que a Sra. Harris se sentia inclinada a fazer, cada vez que o avistava no seu posto de observação.

— Por favor, papai — choramingou Toby.

Neary deixou o binóculo cair-lhe no colo e olhou para baixo, para o filho. Mesmo através da janela da cozinha e da pouca luz do crepúsculo, Ronnie viu que Roy tinha o rosto úmido. Devia ter estado chorando por trás do binóculo. Pensou em ir ter com ele, mas depois achou melhor não ir e abaixou o fogo.

Passado algum tempo, Neary desceu. Entrou na cozinha e ficou um momento olhando para a mulher. Ronnie viu que ele tinha enxugado os olhos avermelhados. Viu também que estava com a barba por fazer. Neary parecia esgotado e, sem dizer palavra, passou por ela e entrou na sala de estar, a caminho da sala de jantar.

Parou diante da linha férrea em miniatura, fixando-se numa pequena montanha marrom, que se erguia no meio da paisagem. Pegou alguns arbustos e colocou-os no alto da montanha, que transformou num pico alto, com vertentes íngremes. Sentiu-se tomado da náusea da exaustão, procurando descobrir o significado daquela estranha imagem da montanha.

— Não está certo — murmurou e saiu da sala.

Como o jantar ia se atrasar, Ronnie abriu a geladeira estou a guardar a salada. A lâmpada verde que instalara fazia com que toda a comida parecesse verde-acinzentada, tirando a vontade de comer. Ronnie fez uma careta. O que lhe parecera uma ótima idéia havia apenas quinze dias, agora parecia trivial e idiota, diante do visível estado de esgotamento do marido. Tratou de fechar depressa a porta da geladeira.

Quando Neary se aproximou da mesa, Ronnie viu que ele não se tinha lavado nem mudado de roupa. Reparou também que as crianças pareciam evitá-lo. Ela sempre se sentava do outro lado da mesa, em frente a Roy, mas agora as crianças pareciam chegar-se para o lado dela e não saber o que falar com o pai.

Ronnie serviu e passou a Neary o seu prato de croquetes de salmão, milho cozido e purê de batatas, com um pedaço de margarina derretendo-se no meio. Ele ficou olhando para o prato como se não soubesse o que fazer com a comida.

Ronnie percebeu que as crianças não tiravam os olhos do pai, vendo-o remexer o purê de batatas, com o garfo, até formar um montinho.

— Pequeno demais — disse ele e, sem mais nem menos, empurrou o milho e os croquetes para fora do prato, sobre a toalha.

As crianças ficaram perplexas.

Depois, inclinou-se por cima da mesa e pegou a travessa de purê de batatas. Com a colher, serviu-se de uma grande quantidade, que logo transformou num monte maior. Ficou parado, contemplando a obra. Ainda não! Serviu-se de mais uma colherada. Ainda não! Outra colherada, e mais outra, até a travessa ficar completamente vazia. Finalmente, qual ceramista louco, começou a amassar o purê com as mãos, tentando dar-lhe forma.

Ronnie não ousava respirar e Neary olhou para a família. Estavam todos como que petrificados, olhos fitos nele. Quis falar, quis tocar nos filhos, melhorar as coisas.

Sorriu debilmente e procurou caçoar de si mesmo.

— Vocês já devem ter reparado — disse, tentando rir — que o papai está meio esquisito. Mas não precisam se preocupar. Continuo sendo o papai.

Estendeu a mão para fazer um carinho em Sylvia, mas ela afastou-se ainda mais dele, chegando-se para junto da mãe. Tentou de novo, dirigindo-se a todos os filhos

— É como quando a gente sabe a música, mas não sabe as palavras, entendem? — falou. — Não sei como explicar o que estou pensando...

Apontou para o grande monte de purê de batatas.

— Mas isto significa alguma coisa... algo muito importante — disse ele.

Olhou para Ronnie, que a essa altura estava também quase à beira das lágrimas. "Estou bem", disse, mexendo silenciosamente os lábios. "Estou muito bem." Mas as palavras não lhe saíam.

Pôs-se de pé e saiu da sala.

O olhar das crianças fixou-se na mãe.

— Vamos comer — disse ela, num tom amargo, e levou um croquete à boca.

Todos ouviram o chuveiro, mas também a água abafar os soluços de um homem. Ronnie levantou-se.

— Fiquem aqui! — ordenou às crianças e saiu da sala.

Ficou um momento escutando junto à porta do banheiro e depois bateu duas vezes, baixo.

— Querido... Roy, por favor, abra a porta.

Não houve resposta, apenas os terríveis soluços. Ronnie experimentou a maçaneta. Girou, mas a porta estava trancada. Ficou parada, segurando a maçaneta.

— Roy! — chamou ela, desta vez bem alto. — Roy! Ele não respondeu. Provavelmente, não podia ouvi-la. Ronnie tomou uma decisão. Correu à cozinha e tirou uma faquinha de manteiga da gaveta dos talheres.

— Acabem de comer — gritou para os meninos, ao mesmo tempo em que voltava ao banheiro.

Ronnie sabia o que fazer. Todos os seus filhos já se tinham, um atrás do outro, trancado no quarto ou no banheiro. Enfiou a faca de manteiga entre a porta e o marco e conseguiu abrir o trinco. Depois, foi só girar a maçaneta e empurrar a porta.

O banheiro estava às escuras. A água caía no lavatório e a banheira estava cheia pela

metade, com a água jorrando do chuveiro. Neary estava agachado num canto, as mãos tapando a boca, procurando conter os soluços. Ronnie fechou as torneiras do lavatório, mas deixou o chuveiro correr.

Neary procurou sorrir para a mulher. As convulsões foram aos poucos cedendo.

— É como se eu estivesse com soluços — explicou, numa voz infantil. — A coisa começou e não quer mais passar. Que será que está acontecendo comigo?

— Muito bem, Roy — disse Ronnie, tentando controlar-se. — Mamãe deu-me o nome de um médico.

— Estou apavorado — disse ele —, e não sei por quê.

Neary pôs-se de pé e avançou para o chuveiro, metendo a cabeça debaixo da água. Tão logo a tirou, Ronnie fechou as torneiras e passou-lhe uma toalha. Tinha vontade de aproximar-se dele e abraçá-lo, mas estava tão assustada! Outro espasmo de choro silencioso percorreu o corpo de Neary. Assim que sossegou, abriu a porta do armário de remédios, conseguiu destapar um vidro de aspirina e, com mãos trêmulas, tirou para fora dois comprimidos e levou-os à boca. Depois, deixou cair o vidro no lavatório, estilhaçando-o.

— Escute — disse Ronnie, procurando manter-se calma. — Esse médico faz terapia familiar. Todos nós vamos consultá-lo. Você não irá sozinho. E talvez a culpa não seja sua.

— Tudo isto está me parecendo uma piada — disse Neary. — Só que não estou achando graça.

— Roy! Prometa que vai consultá-lo. Você precisa me prometer — disse Ronnie, percebendo que estava falando com o marido da mesma maneira que falava com as crianças. — Promete?

De repente, a porta do banheiro se abriu e Brad entrou.

— Chorão! — gritou ele para o pai. — Chorão! Chorão! Brad saiu do banheiro e correu para o seu quarto, batendo cinco vezes com a porta, como se quisesse tirá-la dos gonzos.

— Você sabe que ele não disse aquilo por mal. Ê que, para ele, você sempre foi tão forte...

Ronnie ajudou Roy a subir para o quarto. Ele parará de chorar, mas o seu tremor aumentou ainda mais quando caiu na cama.

— Não preciso de médico — disse ele. — Preciso é de você. Ronnie não sabia como lidar com aquilo. Começou a bater na

colcha com os punhos.

— Eu não posso ajudá-lo! — gritou. — Não entendo nada!

— Nem eu.

— Toda esta maluquice está pondo a casa de pernas para o ar — disse ela, sabendo que aquilo não ajudava em nada.

— Estou com medo — falou Neary, agarrando-lhe a mão direita.

Ronnie tentou soltar a mão, mas ele não deixou.

— Detesto você assim — disse ela, cedendo ao pânico. Roy estendeu a mão e puxou-a para a cama.

— Abrace-me — pediu. — É só o que você precisa fazer. Se você me abraçar, poderá me ajudar.

Ronnie soltou-se.

— Nenhum dos nossos amigos vem mais até aqui — queixou-se ela, sem olhar para o marido. — Você está desempregado... e nem liga! Roy, será que você não vê, será que você não entende? Você está nos destruindo! — gritou, numa explosão de pânico.

Neary estendeu de novo os braços e estreitou a mulher contra si. O tremor sacudia-lhe o corpo e Ronnie percebeu, de repente, que não lhe era possível suportar mais aquilo.

— Por favor! — soluçou. — Deixe-me chamar um médico. Roy... por favor!

Mas ele fincou os dedos na roupa dela.

— Odeio você, odeio você, odeio você — soluçou Ronnie, odiando o que ele estava fazendo com ela.

Neary agarrou-lhe a blusa, rasgando-a. As pontas esfarrapadas prenderam os braços de Ronnie. Roy puxou as alças do *soutien* para fora dos ombros, fazendo com que ele deslizasse até o estômago da mulher, e se inclinou em direção aos seios, e...

Quase imediatamente, a ansiedade se esvaiu. Virou a cabeça para um lado e ficou a olhar a silhueta dos seios de Ronnie.

Ela começou a tremer, os dentes batendo, soluços secos sacudindo-lhe o corpo. Não sabia o que fazer e estava horrorizada, mas Neary parecia tirar proveito daquilo, algo construtivo!

Sua mente trabalhava sem parar. Não chegara ainda a uma solução, mas estava perto disso. Sentia que estava muito perto. E, meu Deus, de repente apercebeu-se de que Ronnie tinha um corpo lindo.

DEZENOVE

Em Denver, a noite estava fria e límpida. O ar rarefeito assobiava em volta da antena CB do enorme semi-trailer que dava início à longa descida pela auto-estrada inclinada que levava ao norte. Passou brilhando em meio ao crepúsculo, seu gigantesco *trailer* cintilando, vermelho, aos derradeiros raios do sol poente. CAFÉ FOLGER, lia-se, no seu alto flanco de alumínio.

Os dois caminhões Piggly-Wiggly já estavam a trinta quilômetros a leste de Oakland e ganhando velocidade na auto-estrada Nacional 580. À sua frente ficava o Desfiladeiro de Altamont, com mais de setecentos metros de altura.

O sol não estava tão mergulhado no horizonte como em Denver. Os motoristas esperavam chegar a Tracy ao anoitecer e depois varar a noite, enchendo-a de ruído e fumaça, à medida que transportavam a sua carga em direção ao sol poente.

Já era noite na Interestadual 80, que corria para sudeste, saindo de Boise. O grande semi-trailer, com seu potente motor a diesel puxando o *trailer* a uma média de cem quilômetros horários, dirigia-se para Hammett e Mountain Home, em Idaho. O *trailer* ostentava o nome, escrito em letras multicoloridas, e o desenho dos Sapatos Kinney mas, na escuridão, o nome era quase invisível, exceto quando os faróis dos carros que passavam o iluminavam.

O caminhão-trailer parou para reabastecer numa parada de caminhões, a leste de Billings, Montana, onde a Interestadual 90 passa por baixo de uma ponta da Área de Recreação Nacional de Big Horn. Os dois motoristas gostariam de poder tomar um café,

mas o seu horário não permitia. Deveriam passar pelo monumento ao Campo de Batalha de Custer e entrar em Sheridan, Wyoming, por volta da meia-noite.

O homem do posto olhou para o flanco do caminhão.

— Esse aí é novo para mim — falou.

Os motoristas e o empregado da bomba de gasolina olharam para o nome escrito no lado do *trailer*: TIDEWATER HOMES OF VIRGINIA.

— Um bocado longe de casa, hein?

Um dos motoristas ergueu as sobrancelhas. Dos dois, era o mais comunicativo.

VINTE

Neary quase não tinha dormido. E nem deixara Ronnie dormir sossegada. Quando, por volta das cinco da manhã, a ouvira respirar profundamente, sinal de que por fim mergulhara no sono, saíra da cama e foi para a sala de estar.

Olhou em volta, com olhos avermelhados pela insônia. Durante aqueles últimos dias, quase destruíra a sala. Por toda parte, pregados ao longo das paredes, viam-se recortes de jornais e revistas sobre o aparecimento de OVNI's e sobre o misterioso *blackout*.

Neary gemeu e sentou-se numa poltrona, o cotovelo sobre a mesa de pingue-pongue, onde a linha férrea em miniatura — uma ilha de arrumação e de ordem, no seu mundo enlouquecido — esperava por ele. O estranho pico que ele construía, parecendo agora uma caricatura de montanha, pairava grotescamente sobre os trilhos, os pequenos lagos e vales, ameaçador e feio.

Neary olhou para ele e sacudiu a cabeça.

— Não está certo — murmurou.

— Papai?

Virou-se e deu com Sylvia, sua filhinha, os olhos semicerrados de sono. Saíra do quarto, arrastando consigo a boneca predileta, a que fazia xixi.

— Querida, é tão cedo! — disse Roy. — Você devia estar dormindo.

— Papai, você vai gritar mais conosco hoje?

Neary fitou os olhos claros e inocentes da menina. Era assim que ela o via — como um maníaco que gritava com a família. E, porque o amava, ela estava pronta a aceitar mais gritos.

Sentiu-se dominado pelo remorso. Que pai e que marido horrível ele era!

Inclinou-se e pegou-a ao colo.

— Eu já estou bem, querida — disse, beijando a filha na testa.

Sentiu vontade de chorar, mas conseguiu controlar-se

— Está bem, papai.

Neary olhou desesperadamente em volta da sala.

— Tudo isso acabou, meu bem. Juro por Deus que acabou. Pôs a menina no chão e

começou a tirar os recortes e as fotos

das paredes.

— Pronto — disse, jogando tudo numa cesta de papéis. — Tudo acabado.

Sylvia não sabia do que o pai estava falando, mas parecia feliz de ver o pai feliz.

Neary pôs-se a empurrar a montanha absurda que erguera no meio da ferrovia em miniatura. Agarrou o estranho pico e começou a puxá-lo. A coisa não queria ceder e Neary, utilizando ambas as mãos, tentou arrancá-la para o lado.

Tanto fez força, que a parte de cima quebrou, deixando a montanha truncada como se uma faca lhe tivesse cortado fora o pico, formando uma espécie de platô.

— Sylvia! — gritou Neary.

— Sim, papai?

Os olhos de Roy estavam fixos na montanha partida.

— Sylvia! — gritou ele de novo. — *Agora está certo!*

Aquela não era maneira de ninguém acordar.

Ronnie dormira tarde, abatida pelos acontecimentos da noite anterior, pelo esgotamento nervoso de Roy e pela sua própria incapacidade de ser para ele mais do que um peito onde se apoiar e chorar.

Agora, eram dez horas da manhã e o que a despertara fora a risada estridente das crianças. Ficou um momento à escuta, parecendo-lhe que toda a família estava rindo. Inclusive Roy. Ainda tonta de sono, Ronnie julgou ver um arbusto passar pela janela do seu quarto.

Saiu da cama e enfiou um robe, amarrando o cinto a caminho da coz...

— Oh, Deus! — murmurou ela.

A janela da sala estava escancarada e uma escada fora colocada do lado de fora, contra a parede. Diante dos seus olhos estarecidos, um pé de hortênsia entrou, voando, pela janela, espalhando terra preta e indo cair num monte de... de outras plantas e mais terra.

— Roy! — gritou Ronnie.

Correu para a porta da cozinha, a tempo de ver Brad e Toby desencavarem uma azaléia e atirarem-na para o pai, que subiu depressa a escada e jogou a planta pela janela, para dentro da sala.

— Parem com isso! — gritou Ronnie.

— Vamos, garotos! — incitou Roy.

Parecia feliz da vida, feliz como nunca, desde o *blackout*. Toby deu um grito de entusiasmo e começou a ajudar o pai a jogar terra pela janela.

— Depois, será que a gente pode jogar terra para dentro do meu quarto? — perguntou.

— Parem com isso! — gritou Ronnie, pela segunda vez. — Parem!

Correu para fora, certa de que a Sra. Harris estava assistindo a tudo da janela do segundo andar. Um vizinho, do outro lado da rua, parará de cortar o seu gramado e ficara olhando, boquiaberto, imóvel como uma estátua de jardim.

Ronnie limpou a terra das mãos de Toby e dirigiu-se ao marido.

— Vou ligar já para o médico — disse ela. — Daqui a uma hora, estaremos lá.

— Se eu não fizer isto — retrucou Neary, ainda atirando terra pela janela —, *vou* precisar de um médico.

— Se você não fizer o quê? O que está fazendo?

— Ronnie, já matei a charada. Você alguma vez olhou para algo de um certo ângulo e lhe pareceu loucura, e depois olhou de outro ângulo e lhe pareceu perfeitamente sensato?

— Roy, você está nos assustando!

A força da afirmação de Ronnie impressionou as crianças. Neary estava puxando um gerânio, tentando desenraizá-lo. De repente, olhou para a mulher, como se a visse pela primeira vez.

— Não tenha medo, querida. Estou me sentindo muito bem. Tudo vai dar certo.

Desistiu do gerânio, ao ver uma pequena mesa de alumínio. Pegou nela e atirou-a pela janela da sala. A mesa caiu quase sem barulho, o impacto amortecido pelas camadas de terra e arbustos que cobriam o chão, lá dentro.

— Não me diga que tudo vai dar certo — gritou Ronnie — só porque você está jogando o pátio dentro da sala.

Roy deu meia-volta até a frente do pátio. Seus olhos caíram sobre dois grandes latões de lixo verdes, colocados junto a porta de entrada de automóveis. Um caminhão da coleta de lixo estava chegando e dois lixeiros preparavam-se para vir esvaziar os latões de Neary. Roy correu mais depressa e chegou primeiro junto dos latões, agarrou-os e esvaziou-os na calçada e depois correu de volta a casa, passando por Ronnie e as crianças, e deixando duas pilhas de lixo e dois lixeiros atônitos na calçada.

Dirigiu-se para a casa com os latões de lixo, um em cada mão, e jogou-os pela janela, para dentro da sala de estar, onde eles foram bater na mesa de alumínio e acabaram rolando por

cima da terra e dos arbustos.

De repente, uma nova idéia lhe veio à cabeça.

— Arame — disse, em voz alta.

Ronnie viu-o pular a pequena cerca ornamental que separava a entrada da garagem deles da do vizinho. Um rolo de arame era visível na porta aberta da garagem dos Harris. A Sra. Harris pôs a cabeça para fora exatamente na hora em que Neary pegava o rolo de arame e ia saindo com ele.

— Não sei o que o senhor está fazendo — disse ela, furiosa —, mas sei que é contra a lei.

— Ele já vai devolvê-lo, Sra. Harris — gritou Ronnie, desesperada.

Tinha puxado os garotos para junto dela, comunicando-lhes, sem precisar de palavras, que aquela história de ajudar o louco do pai tinha terminado. Agora assustados, Brad e Toby agarravam-se a Ronnie, assistindo ao desenrolar da cena.

— Eu pago o arame — disse Neary à Sra. Harris.

— Fique com ele! Fique com ele! — retrucou a mulher, brandindo o secador de cabelos como se fosse um revólver.

Sylvia começou a chorar, mas Neary não deu mostras de ouvir. Atirou pela janela o rolo de arame e começou a andar pelo pátio, à procura de mais material. Com os três filhos agarrados ao seu robe, Ronnie conseguiu atravessar-se no caminho dele.

— Roy, vou levar as crianças para casa de mamãe — avisou ela, chorando.

De repente, Neary parou. Estava se movendo numa agitação febril e foi como se freasse subitamente.

— Que loucura! — disse, sensatamente. — Você nem sequer está vestida.

— O quê? — gritou Ronnie. — Que foi que você disse?

Foi a vez de ela agir rapidamente. Pegando em Sylvia e empurrando os garotos, arrastou-os até o carro.

— Espere! — gritou Roy, correndo atrás deles.

Ronnie empurrou as crianças para dentro do carro e voltou-se depois para o marido.

— Você não vai me impedir — falou.

E entrou no carro, fechando todas as janelas e trancando as portas.

— Ronnie! — gritou Neary, através da janela fechada do carro. — Fique comigo, por favor!

Não vá embora.

— Para quê? — retrucou ela, numa voz que, aos ouvidos dele, soava abafada, por trás da vidraça. — Para ver você sendo levado numa camisa-de-força?

Roy começou a bater com os punhos nas portas e janelas do automóvel. Ronnie ligou o motor e pôs o carro em marcha à ré.

Neary parou de bater, mas pulou sobre o capo do carro, ao mesmo tempo em que Ronnie o tirava da garagem, por entre os montes de lixo que ele despejara na calçada. Roy viu os olhos dos filhos arregalados de terror, vendo o pai bater com os punhos no capo e gritar. Quando Ronnie começou a andar para trás, cada vez mais depressa, ele teve que se segurar na antena do rádio com uma das mãos, para não escorregar.

Aquilo foi a última gota. Ronnie ficou furiosa. Retrocedeu e parou abruptamente, atirando Roy para fora do capo. Depois, pisando no acelerador, desceu correndo a rua, dobrou a esquina e desapareceu.

Neary ficou caído na calçada, mais atordoado do que machucado no seu pijama todo sujo de terra. Aos poucos, dolorido da queda, pôs-se de pé. Olhou em volta e, pela primeira vez, deu-se conta de que meia dúzia de vizinhos tinham assistido a tudo. Que estariam eles esperando? O repicar dos sinos?

— Bom dia! — disse Roy, acenando para todos.

E voltou para casa, subindo o gramado rumo à escada encostada à janela. Parou para pegar a mangueira e abrir a torneira. Depois, subindo a escada com a mangueira, espalhando água por cima dele e de tudo, entrou pela janela da sala de estar e puxou a escada para dentro.

Uma vez em casa, Roy foi até a janela e, com gesto majestoso, fechou-a com estrondo e puxou as cortinas, deixando de fora os vizinhos e todo o mundo exterior.

Na sala de estar, porém, o *show* continuou durante muito tempo, felizmente longe da vista dos curiosos. Neary passou o resto do dia trabalhando, sem comer nem beber ou falar com ninguém, apenas acompanhado do palavreado idiota das novelas, dos programas de perguntas e respostas, e dos filmes apresentados pela televisão.

A verdade era que Neary nem olhava para a TV, pois dentro daquela sala algo muito importante estava acontecendo. Pusera mãos à obra, como engenheiro que era, e começara por transformar as latas de lixo vazias e a mesa de alumínio numa espécie de suporte.

Depois, com o arame da Sra. Harris, criara um contorno menos esquemático, mais complexo, para a sua criação. E a seguir, fazendo uma pasta com a terra e a água da mangueira, cobrira com ela o arame, até obter o efeito desejado.

Ainda não satisfeito, umedecera alguns jornais e alisara-os sobre a pasta, para formar uma superfície tipo *papier-maché*, manchada de terra, que se parecia extraordinariamente com a

superfície de... do que ele estava fazendo.

— Ainda não está certo — murmurou, insatisfeito, por volta das cinco da tarde.

Construíra a coisa a partir do chão e firmara-a com arbustos desenraizados, escondidos na lama. Agora, ela tinha três metros de altura e tocava no teto. Suas vertentes eram esfriadas em terraços bem marcados. Mas Neary ainda não estava plenamente satisfeito.

Seus olhos caíram sobre a paisagem da estrada de ferro em miniatura. Agarrou nas diminutas árvores e nos pequeninos arbustos de massa e, segurando-os como se fossem peças de xadrez, ficou algum tempo pensando onde colocá-los. Isso mesmo. Dois pinheiros aqui. Exatamente. E, ali, uma fileira de arbustos. Assim.

— Certo — disse para si mesmo, por fim. — Agora está certo. Mal tivera tempo de pensar no que estava fazendo. Não se lembrava, por exemplo, que fracassara três vezes, primeiro com um montinho de creme de barbear, depois com a terra da Estadual 57, quando o pequeno Barry esculpira, pela primeira vez, aquele estranho pico de forma cônica e, finalmente, com o mal-empregado purê de batatas.

Agora, porém, conseguira. Podia muito bem passar pela montanha verdadeira, disse consigo mesmo. Agora, que a lama secara sobre a superfície endurecida dos jornais, parecia mesmo real, principalmente com as árvores e os arbustos nos seus lugares.

As vertentes erguiam-se, em terraços, até uma espécie de platô em forma de mesa. A um dos lados havia um *canyon*, no qual um pacífico Vale Shangri-la era sombreado por mais vegetação tirada da estrada de ferro em miniatura.

Neary passara o dia inteiro trabalhando, ofegante. Agora, contornando lentamente a sua obra, à procura de defeitos, e não os vendo, sentiu a respiração voltar ao ritmo normal. Estava tranqüilo, pela primeira vez desde que fora tomado pela necessidade de... *de fazer aquilo*.

Parou e olhou para o platô. Por trás dele, pela janela, podia ver a vida normal da vizinhança, desenrolando-se lá fora. Um carro parou e dele saíram algumas pessoas, que se dirigiram para a casa de um vizinho, sendo por ele recebidas festivamente. Seus outros vizinhos, todos gente da classe média, aparavam a grama, podavam ou regavam arbustos. Carros passavam. Crianças brincavam.

Tudo normal.

— Meu Deus! — disse Neary em voz alta. — Menos eu. Menos eu.

Só com ele as coisas não estavam normais e, para piorá-las ainda mais, havia a normalidade idiota dos programas de televisão.

Procurando não lhes dar atenção, deixou-se cair numa poltrona e ficou olhando para o pináculo achatado que criara e que tanto trabalho lhe custara.

Deixou que a televisão existisse como uma espécie de rádio, trazendo até ele, durante

horas e horas, apenas as vozes semi-humanas dos enlatados e comerciais.

Por volta das nove da noite, levantou-se da poltrona, foi até a geladeira e pegou uma cerveja. No vídeo, acabara de ver Robert Young realizar uma operação de coração aberto em meio a um *blackout* inesperado. Ficou pensando naquilo, enquanto abria a lata de cerveja. Pousou a lata aberta, dirigiu-se à sala e discou um número.

— Quero falar com ela — disse, após um minuto. Quando Ronnie atendeu, ele pigarreou antes de dizer:

— Você não acha que eu mereço isso? Não desligue, Ronnie... Por favor, não...

Ouviu o clique do outro lado da linha.

— Madge, me diga, como é que você consegue bolos tão fofos e gostosos?

— Agora me sinto segura, mesmo quando o nervoso me faz transpirar.

Neary continuava sem olhar para o vídeo, mas a torrente de comerciais começava a lhe entrar com mais insistência pelos ouvidos. Não parava de examinar a... como lhe poderia chamar?... a montanha.

— ... apetitosas e bem sequinhas!

Resolveu telefonar de novo para a mãe de Ronnie.

— Chame-a, por favor.

— Roy, sinto muito, mas ela não quer falar com você.

— Chame-a! — gritou ele.

Esperou, segurando o fone numa das mãos e olhando, através da porta da cozinha, para a saleta de estar.

Esperou, mas ninguém atendeu, nem Ronnie, nem a mãe. Aguçou o ouvido, a ver se percebia algo do outro lado da linha, discussão, algo. Mas não ouviu nada, embora ninguém tivesse desligado.

Se ela não desligara, é porque havia esperança. Os minutos foram passando. Neary olhou para o relógio da cozinha. Um minuto para as dez. Como se com hora marcada, ouviu alguém desligar suavemente o telefone em casa da mãe de Ronnie. Praguejou e voltou a disar.

Ocupado. Ela tirara o fone do gancho.

Pegou a cerveja e voltou para a saleta, na hora em que estava começando o noticiário das dez. Um homem com um penteado moderno, desses em que os cabelos são eriçados para tapar as orelhas, olhava fixo para a lente da câmera, mal movendo os olhos, enquanto lia o texto.

— Boa noite! Vamos à manchete deste noticiário: Desastre ferroviário!

Neary teve a impressão de que o homem mastigava as palavras com deleite.

— Um descarrilamento de gás químico — prosseguiu ele — provocou a maior evacuação da história desses controvertidos carregamentos ferroviários por parte do Exército. A região de Devil's Tower, em Wyoming, é o cenário deste último acidente. Charles McDonnell, nosso enviado especial, com a palavra.

Neary sentiu os olhos vidrarem-se, mas continuou a olhar para a tela. McDonnell, de capa de chuva, microfone em punho, falava, enquanto por trás dele se viam caminhões descendo uma estrada e, a distância, picos montanhosos se recortavam contra o céu.

— É a hora do pôr-do-sol, nesta zona quente de Wyoming — dizia McDonnell —, e milhares de refugiados civis estão saindo da cena do desastre. Sete vagões-tanque contendo o perigoso gás nervoso G-M, que ia ser destruído por meios químicos, em condições de segurança, viraram há algumas horas, na passagem de nível de Walkashi.

“Não existem cidades nem povoados nestas vertentes das montanhas de Wyoming — prosseguiu o enviado especial —, mas os acampamentos de férias e as casas de veraneio estão sendo evacuados, ao mesmo tempo em que caminhões e helicópteros do Exército e do Corpo de Fuzileiros vasculham uma área de centenas de quilômetros, cujo centro é o pico conhecido como Devil's Tower”.

A câmera recuou, para mostrar o cortejo de caminhões avançando em fila. A seguir, no vídeo surgiu uma telefoto de um pico distante.

— As íngremes vertentes de Devil's Tower — disse McDonnell — têm sido um desafio para montanhistas de todas as partes do mundo, os quais...

— Meu Deus!

Neary pôs-se de pé. De um salto, foi ajoelhar-se diante da televisão. Lá estava ela, a mesma montanha que ele acabara de construir. Lá estava ela, no vídeo. Dentro da sua sala.

Igualzinha. As paredes verticais, o platô, as árvores, na mesma posição em que ele as colocara. Olhou para o vídeo, depois para o modelo de montanha que construía, depois novamente para o vídeo.

— Ronnie! — gritou. — Ronnie! Não estou louco!

Um enorme sorriso iluminou-lhe o rosto, enquanto ele corria para o telefone da cozinha. Errou duas vezes, ao discar. Sentia um tremor de excitação percorrer-lhe o corpo.

Tudo aquilo tivera um significado. Não fora loucura. Ainda não sabia qual o significado, mas sabia que aquela compulsão de construir uma montanha queria dizer alguma coisa, não era apenas o produto de uma mente doente e sim uma mensagem.

Procurando controlar-se, discou o número corretamente.

O mesmo sinal de ocupado.

O sorriso desapareceu do seu rosto. Olhou para a saleta, para o modelo que construía de Devil's Tower. Era uma viagem e tanto, desde Indiana, pensou, uma viagem e tanto, para se fazer sozinho e ansioso.

Olhou, pensativo, para a lista telefônica aberta. Pôs-se a folheá-la ociosamente. Depois, com mais cuidado, até chegar a Harper Valley. Gold. Gowland. Guber. Guiler, J.

Discou o número da casa de Julian. Antes disso, quando tentara telefonar, para saber notícias de Barry, dera sempre sinal de ocupado.

— Sinto muito — disse-lhe, desta vez, uma voz em disco. — Esse número não consta. Queira desligar e discar novamente. Sinto muito. Esse nume...

Desligou, discou de novo e saiu o mesmo disco. .Ia ser uma viagem e tanto, pensou Neary, mas ele ia ter que fazê-la sozinho.

Jillian Guiler não saía de casa, em todos aqueles dias. Exceto para dormir um pouco, ir ao banheiro e comer alguma coisa, Jillian não saía da sala nem largara a pintura.

Seu aspecto não era nada bom. Emagrecera muito, desde que Barry fora levado. Mais do que isso, tinha o ar de quem sofrerá a maior perda imaginável e estava pagando por isso.

O canto da sala onde passara os dias e as noites parecia uma estranha galeria de arte, cheia de telas a carvão e a óleo, representando uma montanha que tinha muita semelhança com a insólita criação de Roy Neary.

Por vezes, durante aquela semana, Jillian ligara a televisão, embora raramente lhe prestasse atenção. Mas, agora, seu interesse fora despertado pelo noticiário da noite. Sintonizara um canal diferente do de Neary mas, graças ao poder mágico da televisão, também ela via agora, pela primeira vez, a montanha chamada Devil's Tower.

— *Unidades do Exército e da Guarda Nacional estão supervisionando a evacuação. As famílias foram avisadas de que o perigo terá passado dentro de setenta e duas horas, assim que a concentração de toxinas tiver sido reduzida a cinqüenta partes de um milhão. Isso significa que a maior parte dos habitantes da região poderá voltar às suas casas no fim de semana... Naturalmente, os rebanhos não estão incluídos, embora se tenha garantido aos fazendeiros que a qualidade da carne deverá permanecer inalterada. ..*

Seguiu-se um comercial e Jillian aproveitou para rever os seus desenhos. Lá estava a montanha, vista do mesmo ângulo que a câmera apresentara. A única diferença era que, nos desenhos, não havia helicópteros rondando os bosques na base do pico gigantesco. Jillian ficou presa diante da televisão até o noticiário terminar. Depois, levantou-se e dirigiu-se ao banheiro. Com gestos precisos, como se fosse um relojoeiro consertando um relógio de pulso, tomou banho, penteou-se, maquilou-se, fez uma pequena mala e saiu de casa, rezando para estar indo ao encontro de Barry.

Um homem que há dois dias não dorme, disse Neary para si mesmo, não deveria passar por tudo isto. Todo ele se sentia trêmulo, mas decidido a que os mínimos detalhes não escapassem ao seu controle.

Sentia muita falta do carro que Ronnie levava, mas não adiantava se lamentar. E nem por não ter dormido. Tomou banho e barbeou-se, o que o fez sentir-se melhor. Mas, às oito da manhã, a ilusória sensação de bem-estar se evaporara. Começou a andar rumo ao centro da cidade, dizendo consigo mesmo que a situação estava longe de ser desesperadora.

Tinha vinte dólares na carteira. Encontrara outros vinte dólares que Ronnie costumava esconder atrás do congelador, onde um ladrão não se lembraria de procurar. Além disso, apesar de se sentir culpado, tirara do cofre de Brad quatro dólares e alguns trocados.

Às oito e meia, já estava na agência do seu banco, retirando quarenta dólares da poupança de \$42.17. As nove estava no banco onde era depositado o seu salário, apresentando ao caixa um cheque para retirar cem dólares. Após consultar a ficha, o caixa devolveu o cheque a Neary.

— Sinto muito, mas o seu saldo não cobre essa retirada. Gostaria de falar com o gerente?

Neary rasgou o cheque em pedacinhos do tamanho de confete e saiu do banco. Que azar! Lembrou-se então da loja de bebidas que havia do outro lado da rua. A esperança acenou-lhe de novo e atirou o confete para o ar, num gesto despreocupado.

Combinando cortesia e desconfiança de comerciante, o gerente da loja acabou aceitando trocar-lhe o cheque por dinheiro vivo.

— Vou ficar sem notas de vinte, Sr. Neary — foi a sua única reclamação.

O ônibus das nove e quinze fez com que Neary chegasse às onze em Cincinnati. Conseguiu chegar ao aeroporto a tempo de expor o seu problema à funcionária encarregada das reservas. A moça consultou duas listas telefônicas, três listas de vôo e o chefe, antes de pôr o nome de Neary num vôo para Denver, em outro de Denver para Cheyenne e, finalmente, num terceiro vôo, em um avião de uma companhia com o estranho nome de Coyote Airlines. Reservou também um carro de aluguel para Neary, assim que chegasse ao seu destino.

Ela levou muito tempo para fazer isso, mas Neary só começou a desconfiar quando a viu olhar furtivamente para dois guardas colocados alguns metros atrás dele.

Virou-se para encará-los. Percebeu que ainda não tinham decidido se ele "passara no teste do perfil" ou não. Como todo o pessoal de segurança do aeroporto, haviam sido instruídos no sentido de reconhecer vários tipos de perturbadores da ordem por meio de um "perfil", que os descrevia em termos físicos: vestidos de uma certa maneira, com um certo ar, falando de um certo jeito. Neary podia jurar que deviam estar prestes a classificá-lo como "terrorista" ou "seqüestrador em potencial".

Voltou-se para a encarregada das reservas.

— Moça — disse ele —, será que pode olhar as minhas coisas um minuto? Volto já.

Pegando sua pasta, dirigiu-se ao banheiro mais próximo. Os dois guardas seguiram-no, mas não entraram atrás dele. Roy lavou o rosto com água e sabão, fez a barba, vestiu uma camisa azul, colocou uma gravata marrom e penteou-se cuidadosamente.

Saiu do banheiro e passou a um metro dos guardas. Apenas um o reconheceu. Neary sentiu o olhar deles acompanhá-lo até o balcão, mas nenhum dos dois se mexeu.

Passar no "teste do perfil", pensou Neary, era bem mais fácil do que à primeira vista podia parecer. O resto também foi fácil. Neary ficou sabendo que um banho, um rosto barbeado, roupa limpa e um cartão de crédito não deixam dúvidas quanto à solvência de um cidadão.

Agora vinha o mais difícil. Pediu um envelope e algumas folhas de papel à funcionária, comprou um selo e sentou-se. Não sabia como começar. Resolveu primeiro endereçar o envelope a Brad, Toby e Sylvia Neary. Os nomes lhe pareceram estranhos. Nunca na sua vida lhes escrevera uma carta.

"Queridos filhos. Vou ficar algum tempo fora de casa. Se eu volt..."

Pestanejou, riscou o "se" e continuou:

"Quando eu voltar, vou ter uma história e tanto para contar. Preciso fazer o que vou fazer. Preciso descobrir algo e esta é a única maneira de fazer isso."

Sentiu a vista turva e descobriu que tinha os olhos cheios de lágrimas. Brad tinha razão. Ele era um chorão. Olhou em volta, mas ninguém estava observando. Enxugou os olhos e continuou a escrever.

"Meninos, ajudem sua mãe. Vocês são bons meninos, responsáveis e..."

Fez uma pausa. Muito mais responsáveis do que o seu pai, pensou.

"Não devo demorar muito a voltar para casa e..."

Não era correto mentir aos filhos, pensou Neary. Mesmo sem mentir, eles provavelmente o estariam odiando, ou não tardariam a odiá-lo. Tinha que procurar explicar-se melhor. Era o mínimo que lhes devia.

"Sei que nada disso faz muito sentido para vocês", escreveu. "Menos ainda para sua mãe. Mas é como a canção que Jiminy Grilo canta. Eu já os levei para ver *Pinóquio!* Não consigo me lembrar..."

Esfregou os olhos.

"Todos temos um desejo secreto. Não sei explicar, só sei dizer que é mais forte do que qualquer outra coisa. Como diz a canção: Quando a gente faz um pedido a uma estrela cadente..."

A carta escorregou-lhe do joelho e caiu no chão. Neary ficou um momento imóvel, as lágrimas escorrendo-lhe pelas faces. Olhou para a carta como se ela estivesse no fundo do mar e quilômetros de correntes marítimas o impedissem de apanhá-la.

Por fim, inclinou-se com esforço e apanhou a carta. Sem a reler, assinou "com um beijo do papai" e enfiou-a no envelope. Levantou-se e dirigiu-se lentamente, como se fosse um velho ou um mergulhador, metido numa roupa pesada, para a caixa do correio.

Enfiou a carta na caixa e ficou muito tempo olhando para ela. CORREIO DOS ESTADOS UNIDOS CORREIO DOS ESTADOS UNIDOS CORREIO DOS ESTADOS UNIDOS.

Quando chamaram os passageiros do seu vôo, ele continuava no mesmo lugar. À segunda chamada, virou-se devagar, endireitou-se e rumou para o portão de embarque.

VINTE E UM

O posto da Hertz Rent-A-Car, ali, não tinha o costumeiro escritório amarelo e preto, com uma bela jovem de uniforme também amarelo e preto. Naquela região de Wyoming, o escritório da Hertz ficava na Garagem do Mutt e era preciso procurar muito para encontrar o pequeno cartaz preto e amarelo.

A não ser lidar com motores, Mutt detestava tudo o mais que se relacionasse com dirigir uma garagem. Detestava encher os tanques de gasolina, consertar pneus furados, substituir lâminas de pára-brisa e alugar carros da Hertz. Para cúmulo, detestava Roy Neary antes mesmo de pôr os olhos em cima dele.

— Ah, você é que é o tal Neary — disse, mal-humorado. — Demorou um bocado para chegar aqui.

— Mas você tem o jipe para mim, não tem?

— Tenho um carro — admitiu Mutt, a contragosto. — Não há mais jipes por estes lados, Neary. Você teve muita sorte em eu ter conseguido segurar esse carro para você. Diabos, podia tê-lo alugado vinte vezes, ontem.

— O pessoal está saindo daqui? — perguntou Neary.

— Se não fosse essa maldita reserva que você fez em Cincinnati, eu já podia ter alugado o calhambeque e caído fora, como todo mundo. Assine aqui — acrescentou, sem mudar o tom de voz. — Ponha a sua rubrica aqui e aqui. Onde está a sua carteira de motorista? OK.

Rabiscou furiosamente o contrato de locação.

— Agora, dê o fora.

— Não esperava um tratamento tão cordial de...

— Caia fora — repetiu Mutt. — Você tem o tanque cheio de gasolina e chega de *papo*. Quando devolver o carro, não estarei mais aqui. Deixe as chaves no cinzeiro.

Mutt saiu da garagem antes de Neary. Pulou para o volante de uma *pickup* Ford e sumiu numa grande nuvem de poeira, antes mesmo que Neary tivesse tempo de pegar as chaves no balcão.

Neary pegou sua maleta e uma cópia do contrato e foi até os fundos da garagem, ver que tipo de calhambeque alugara.

— Um Vega! — berrou, e foi logo entrando e ligando o motor e o rádio.

— ... e milhares de desabrigados — disse a voz do locutor. Era evidente que em Wyoming só se falava na evacuação.

— O Comando de Material do Exército dos Estados Unidos acaba de interditar todas as rodovias ao norte de Crowheart, na Auto-estrada Interestadual 25... todas as estradas que levam ao Grand Teton, a oeste de Meetestse... todas as estradas de pistas múltiplas, de mão única, de cascalho, locais e as estradas históricas do estado, ao norte de Cody, a leste de Burlington e a oeste de Yellowstone Lake... todas elas foram declaradas inseguras e incluídas na Zona Vermelha. Todas são consideradas...

Neary desligou o rádio e examinou o mapa rodoviário que pegara na garagem, quando Mutt não estava olhando. Localizou as estradas que haviam sido interditadas e acompanhou-as, com o dedo, até Devil's Tower.

Ficou algum tempo sentado no carro, estudando as rotas que poderia tomar para chegar lá. Porque, gás nervoso ou não, ele *ia* até lá.

Em Reliance, sob um céu azul sem nuvens, o dia estava perfeito para um piquenique.

Em vez disso, reinava o pandemônio. Durante quilômetros, reparara que o seu era o único carro que se dirigia de oeste para os Tetons. As pistas em sentido contrário estavam cheias de veículos superlotados. Tinha esperado reabastecer o carro em Reliance e seguir caminho, mas encontrou os militares.

Uma barricada fora atravessada na estrada, à altura da estação ferroviária. Soldados da Guarda Nacional, fuzis às costas, rostos úmidos de suor ao sol quente, encaminhavam hordas de refugiados para o que normalmente eram currais de embarque de gado.

— Estamos embarcando apenas os portadores de cartões azuis — berrou um sargento através de um megafone. — Aqueles que têm cartões de embarque azuis aproximem-se, por favor. Os portadores de cartões vermelhos devem aguardar a sua vez por trás daquela barreira.

Fez uma pausa para pigarrear e cuspir, sem desligar o megafone de pilha. Os ruídos, aumentados, ecoaram por toda a estação.

— Queiram formar fila. Todo mundo vai embarcar. Cartões azuis primeiro...

Neary viu um cabo de mais de dois metros de altura anotar a placa do Vega e encaminhar-se para ele com ar de poucos amigos. Mas, antes que pudesse alcançá-lo, um rebanho misto furou a barricada.

Novilhos, misturados com carneiros e ovelhas, tornavam quase impossível avançar. Pairava no ar um forte cheiro a estrume.

— Tire esses malditos carneiros do meio do meu rebanho! — gritou um peão encarregado de tocar os novilhos.

— Deixe em paz os meus carneiros — retrucou o dono —, ou vai haver churrasco daqui até Jackson Hole!

Um helicóptero da Força Aérea baixou sobre o gado e conseguiu provocar um mini-estouro que desimpediou a estrada. A seguir, o helicóptero elevou-se velozmente, como se fosse um balão, rumo aos Tetons.

Neary estava observando-o desaparecer na direção do lugar onde ele desejava chegar, quando a sombra do cabo-montanha caiu sobre ele.

— Tem algum parente na Zona Vermelha? — trovejou o soldado.

— Sue-Ellen, minha irmã caçula — respondeu Neary.

— Sobrenome? — inquiriu o cabo, puxando de uma lista de nomes.

— Hengersdorfer.

Lentamente, acompanhando com a ponta de um dedo gordo os nomes da lista, o cabo chegou à letra H.

— Não tem nenhum Hengersdorfer aqui.

— Meu Deus, então ela ainda está por aí — exclamou Neary.

— Evacuamos todo mundo antes do meio-dia de ontem.

— Todo mundo, menos Sue-Ellen.

— Não adianta — replicou o implacável cabo. — Todo mundo já foi embora. Fomos de casa em casa, evacuando o pessoal. Não tem nenhuma Sue-Ellen aqui. '

— Preciso verificar pessoalmente — disse Neary. — Meu pai e minha mãe nunca me perdoariam se Sue-Ellen morresse por eu não ter feito tudo para entrar e buscá-la aí dentr...

— Bi! — interrompeu o cabo. — Será que você não entende inglês? Não tem mais ninguém aí e ninguém pode entrar. Recebi ordens para atirar em qualquer um que tente saquear, está entendendo, Hengersdorfer?

Neary sorriu imbecilmente.

— Até logo — disse.

Pôs o Vega em marcha à ré e saiu dali, mas ainda ouviu o cabo falar com um soldado.

— Outro saqueador? — perguntou o colega.

— Meu querido — respondeu o cabo, cheio de si —, sinto o cheiro deles de longe.

O sorriso de Neary diminuiu ao sair das redondezas da estação. Não era saqueador mas, se alguém lhe perguntasse qual o motivo por que estava ali, não saberia o que dizer. Que estava fazendo uma pesquisa? Que fora até lá movido por simples curiosidade? Que era um "convidado"?

Talvez fosse mais convincente. Porque, fosse o que fosse que lhe tinha dado a energia e a compulsão lunática de construir aquela reprodução de três metros de Devil's Tower, fosse o que fosse que o levara a fazer aquilo, estava-o agora convidando a ir até Devil's Tower.

O único problema era como chegar lá, agora que estava a oitenta quilômetros do local. Andando, perder-se-ia ou atirariam nele. Além disso, não tinha a certeza de poder escapar ao tal gás.

— Pessoal, não quero assustar ninguém — Neary ouviu um homem dizer, quando estacionava o carro.

Era um homem magro, careca, com um lábio superior comprido e uma boca larga, uma boca de falador, de pessoa que gostava de palavreado e fazia bom uso dele. Já tinha reunido uma pequena multidão à sua volta mas, com a situação de quase pânico que havia em Reliance, a coisa mais fácil do mundo era reunir multidões.

— Permitam-me dizer o que vocês já sabem — prosseguiu o homem. — O gás nervoso G-M é incolor e inodoro. Vocês não vão nem desconfiar de que o estão respirando ou tocando. Mas aí — continuou, com mais ênfase — quando os seus olhos começarem a se dilatar e os seus narizes começarem a escorrer, vocês vão se perguntar: "Meu Deus, por que não compreí um desses sistemas de aviso de que o homem falou?" E vocês vão se arrepender.

Umhas trinta pessoas estavam agora em volta dele.

— E, quando começar a escorrer sangue da boca e do nariz — continuou o homem —, e vocês não conseguirem mais controlar a bexiga, vão se arrepender de não terem seguido meu conselho e tomado esta simples precaução.

E levantou bem alto uma gaiola barata, dentro da qual um pobre pássaro amarelo se empoleirava, assustado.

— Este canário lhes dará um aviso antecipado de uma hora — disse ele. — E é uma verdadeira pechincha, por apenas cinquenta dólares.

Neary saiu do carro e atravessou a rua até onde a multidão rodeava o homem. Várias pessoas começavam a puxar de notas de cinquenta, que a mulher dele trocava por canários engaiolados.

— O dinheiro não chega para comprar um canário? — perguntava o homem em voz alta e fluente. — Tenho também uma oferta de pombas. Não apresentam os sintomas tão cedo quanto os canários, vocês só ficam sabendo quarenta e cinco minutos antes, mas também não custam cinquenta dólares. Só trinta e você leva para casa uma pomba.

Neary abriu caminho para as gaiolas empilhadas.

— Dê-me dois canários — disse.

— Muito bem, dois é mais negócio do que um. Uma pomba é melhor do que nada. Tenho também frangos, a vinte dólares cada e com meia hora de aviso.

Neary remexeu no bolso à procura do dinheiro enquanto, com a outra mão, apanhava os dois canários engaiolados. Estava entrando no carro com eles quando ouviu que o chamavam.

— Roy! Virou-se, surpreso.

— Roy! — disse, de novo, uma voz de mulher.

Neary olhou para a multidão, empurrando-se para embarcar no trem de refugiados. Não havia dúvida de que a voz vinha dali, mas...

- Roy!

Viu-a, finalmente, lutando contra a maré humana, tentando abrir caminho por entre a multidão. Jillian.

Todo o pesadelo da situação parecia centralizar-se nos dois. Procuravam chegar perto um do outro, mas a multidão impedia-os de se aproximarem.

Soldados berravam através dos megafones. Carneiros corriam uns atrás dos outros. Carros procuravam avançar pela rua cheia de gente. O palavreado do vendedor soava como um grito de angústia.

O sol inundava a cena com dolorosa intensidade.

— Aqui! — gritou Neary.

Jillian corria perigo e não se apercebia. A multidão tinha começado a empurrar com força, na ânsia de entrar no trem. Indo contra a torrente humana, ela corria o risco de cair e ser pisoteada.

— Saia daí! — gritou Neary. — Pule para fora da rampa!

Abriu caminho por entre a multidão, empurrando gente a torto e a direito. Jillian tentava avançar obliquamente e por um triz não acabou caindo da rampa.

Neary agarrou-a. Apoiaram-se um contra o outro, enquanto de ambos os lados não paravam de passar pessoas, crianças, gado, gente carregando gaiolas, uma velha com um gato, um garoto com um rádio de pilha grudado ao ouvido, um homem carregando dois bebês, uma mulher com quatro fronhas cheias de objetos pessoais. O barulho era assustador.

Jillian e Neary ficaram agarrados, os corpos colados um no outro. Diziam coisas que não podiam ouvir, balbuciavam e riam. Passado um momento, Roy começou a furar caminho por

entre a multidão, através da fila de novilhos que avançava pela calçada, rumo ao carro.

Ela deixou-se cair no banco da frente e cobriu os olhos com as mãos. Neary sentou-se ao volante e ligou o motor.

— Fique de olho nos canários — disse, enquanto desciam a rua. — Que diabo, nem sequer tenho a certeza de que haja mesmo gás venenoso na região. Você acha que há?

— Roy — gemeu ela —, estou tão feliz de tê-lo encontrado!

— Eu também — riu ele.

— E os seus filhos? Sua mulher?

Neary ficou calado. Já tinha saído de Reliance e o seu carro fazia agora parte de uma longa fila de veículos que se dirigiam para leste. Encostou a um lado da estrada, num cruzamento bloqueado por um jipe e dois soldados da Guarda Nacional.

— Não pode virar aqui — disse um deles. — Continue em frente.

— Estou só descansando. Neary virou-se para Jillian.

— Eles me deixaram — falou. — Ronnie e os garotos foram-se embora. Acharam que eu estava completamente maluco.

A boca de Jillian torceu-se amargamente.

— Maluca. Foi o que o homem do FBI disse que eu era. Vi logo que não acreditava uma palavra do que eu lhe dizia.

Neary assentiu.

— Jillian, escute, nós não viemos até Wyoming para dar meia-volta e desistir.

— Mas eles bloquearam as estradas.

— Há sempre uma saída. Esta é uma região muito grande. A região da cerveja.

Ela ficou um momento sem dizer nada. Depois, pegou a mão de Roy e encostou-a ao seu rosto.

— Estou feliz por nos encontrarmos outra vez — disse.

Foi então que Neary viu o que todo aquele tempo tinha estado procurando. Um trecho da estrada protegido apenas por arame farpado. Em alguns lugares, o arame começava a enferrujar. Neary pôs o Vega em marcha à ré e em segunda. Pisou com força no pedal. Sob o capô, o motor rugiu. As rodas traseiras levantaram uma nuvem de poeira.

O pára-choque investiu contra a cerca. Com um ruído de corda de violão estalando, o

arame farpado arrebitou.

VINTE E DOIS

Agora o Vega balançava, atravessando um descampado. Os pneus pulavam sobre buracos e valas. Jillian amarrara o cinto de segurança e segurava no colo a gaiola dos canários. Mesmo assim, tanto ela quanto os pássaros sacolejavam assustadoramente.

— A polícia dragou o rio à procura dele — falou, procurando distrair a atenção dos buracos. — Disse-lhes que ele não estava no rio, e não estava! Vasculharam todas as casas num raio de oito quilômetros, olhando dentro de despensas e geladeiras. Depois, perguntaram-me se não tinha visto desconhecidos na vizinhança. Meu Deus!

Neary guiava como um doido, manobrando o volante para a esquerda e para a direita a fim de evitar os buracos maiores, pondo-se quase de pé no assento para poder ver os obstáculos à sua frente.

Não havia estradas, nem mesmo trilhas de gado. Só podiam esperar que os pneus e os amortecedores resistissem até eles chegarem à base de Devil's Tower.

Já a vislumbra por trás de umas colinas. Olhando em volta, distinguiu, a distância, a comprida fila de carros que se dirigiam para leste. Ficou pensando se alguém, que o tivesse visto sair da fila e rebentar a cerca, se daria ao trabalho de denunciá-lo a um dos muitos soldados da Guarda Nacional postados ao longo da estrada. Não achava provável.

De qualquer maneira, à sua frente havia algo bem melhor do que o mato cheio de desníveis por onde estavam rodando. Pisou no acelerador e investiu contra outra cerca de arame farpado. O Vega estremeceu e foi cair, com estrondo, numa estrada de cascalho que levava diretamente a Devil's Tower.

Neary parou à sombra de um pinheiro e examinou os pássaros. Pareciam estar tontos, mas ele não podia dizer ao certo se pela corrida ou por algo mais grave.

Dirigiu o carro em marcha reduzida pelo caminho de cascalho, que agora começava a subir, a subir, contornando a base de uma elevação. Nisso, o Vega dobrou uma curva e...

Ambos a viram ao mesmo tempo. O Vega pareceu parar por si mesmo.

Saíram do carro e caminharam até a beira do barranco, a fim de contemplar Devil's Tower, que parecia ter uns mil e poucos metros de altura.

— Meu Deus! — exclamou Jillian.

— É igualzinha... — Neary parou e umedeceu os lábios. — Igualzinha ao que eu imaginei...

Parou de novo, percebendo que palavras nunca poderiam expressar o que ele estava

sentindo, a sensação de, finalmente, *ter conseguido*, de ter interligado tudo para que, por fim, tivesse algum significado.

Os dois ficaram calados diante daquela impressionante visão. Nada em volta se parecia àquela montanha, como que saída dos seus sonhos. Erguia-se sozinha e única, tão diferente de tudo, que Neary sentiu um arrepio ao pensar que fora capaz de reproduzi-la em escultura sem sequer saber da sua existência.

Pigarreou e disse:

— Acho melhor irmos embora, ou acabarão nos descobrindo. O olhar de Jillian voltou-se momentaneamente para baixo.

— Veja — disse ela, apontando para um lugar um pouco à frente, na estrada de cascalho. — Aquilo ali não é um posto de gasolina?

Após alguns minutos, Neary dirigiu o carro para o posto abandonado, que na realidade não era senão uma pequena construção fechada, para venda de *souvenirs* e cachorros-quentes, com uma única bomba de gasolina em frente. Ergueu a mangueira e acionou a alavanca. A bomba funcionou logo.

— Ainda tem eletricidade — murmurou Neary.

Encheu o tanque do Vega e recolocou a mangueira no lugar.

— Nove dólares — disse consigo mesmo.

— Roy!

Ouviu aquilo a que Jillian se referia, o zumbido distante de rotores de helicópteros, aproximando-se. Puxou-a para fora do carro e encostaram-se à soleira do posto de gasolina, rezando para que os helicópteros passassem sem reparar neles.

Uma esquadrilha de helicópteros de transporte Huey, voando perigosamente próximo do chão, passou por cima deles. Voando um pouco mais alto do que os outros, dois helicópteros de escolta carregavam pacotes de vasos sanitários químicos, pendurados dos suportes. Atrás deles, um Cheyenne da Força Aérea pairava protetoramente no céu.

De repente, o Cheyenne desviou-se para o lado e caiu verticalmente, até ficar quase sobre o telhado do posto. Antes que Neary pudesse abrir a porta e puxar Jillian para dentro, um dos homens no helicóptero, usando óculos de aviador e uma espécie de máscara contra gases, ergueu uma máquina Polaroid e apontou-a para Neary e Jillian.

Neary deu de ombros e riu. O fotógrafo parecia estar ajustando a lente especial para um close em *zoom*. Neary saiu da porta e caminhou para o sol. Meteu a mão no bolso e tirou uma nota de dez dólares. Acenando com ela para o helicóptero, foi até a bomba de gasolina e colocou a nota em cima, prendendo-a com uma pedra.

— OK? — perguntou.

Como única resposta, viu o piloto bater no braço do fotógrafo e fazer subir o helicóptero como se fosse um balão. Não tardou que ele quase sumisse na direção de Devil's Tower, onde os outros helicópteros já tinham desaparecido de vista.

— Caso encerrado — disse Neary. — Entre.

Disparou com Vega a mais de cem pela estrada de cascalho, fazendo as curvas em apenas duas rodas, enfiando-o debaixo de uma árvore sempre que um helicóptero aparecia no céu. A certa altura, enquanto esperava que um deles se afastasse, Neary viu um pássaro caído de costas na estrada, de patas para o ar. Apontou-o, em silêncio, para Jillian.

— Quer que eu dê meia-volta?

— Que foi que o matou, Roy?

— Os nossos canários ainda estão OK. Estou lhe dizendo, toda essa história de gás nervoso é uma farsa, uma encenação.

— Então, vamos em frente.

Ficaram um momento em silêncio. Depois, apanharam um lenço e o amarraram na parte inferior do rosto, de modo a tapar a boca e o nariz. Neary pôs o carro em movimento e continuaram avançando a uma velocidade mais prudente, agora que estavam se aproximando da base de Devil's Tower.

De repente, ao dobrar uma curva, ele teve que pisar forte no freio. A sua frente, quatro carros verde-oliva, enfileirados, bloqueavam a estradinha de cascalho. Neary engatou em marcha à ré e espichou o pescoço, a fim de olhar pela janela traseira. Mas, quando começava a retroceder, outros quatro carros pararam atrás dele.

— Oh!

Jillian e Neary subiram as vidraças das janelas e trancaram as portas do Vega sem falar um com o outro. Durante um momento, nada aconteceu. Depois, as portas dos carros se abriram e deles começaram a sair, para a luz do sol, pessoas que pareciam feitas de ouro.

Era impossível dizer se se tratava ou não de militares, mas todas estavam vestidas da mesma maneira, com macacões de plástico dourado, do tipo usado pelos astronautas, com capacetes de *plexiglas*, recobrando-lhe o rosto, e tanques de oxigênio amarrados às costas. Pareciam hermeticamente fechados dentro do plástico brilhante e metálico. Neary achou que ficariam bem num comercial anunciando folha de alumínio para forrar fôrmas.

Um dos vultos avançou cautelosamente até se colocar em frente do Vega e ergueu um pequeno quadro-negro, no qual uma pergunta fora escrita a giz:

— COMO VOCÊS SE SENTEM?

A futilidade da pergunta acabou com a tensão de Neary. Abaixou a vidraça da sua janela e berrou:

— Muito bem! E vocês, seu palhaços?

O homem do macacão dourado pôs de lado o quadro-negro e gesticulou com eles para que saíssem do carro.

— Ora bolas! — retrucou Neary. — O único gás existente nesta região é o que vocês mesmos soltam.

Outro sujeito dourado, com uma insígnia da Cruz Vermelha no braço direito, tirou a gaiola da mão de Jillian. Encaminhou-se para o lado do volante e mostrou-a a Neary. Ambos os canários estavam deitados de costas, imóveis.

Neary rendeu-se.

Tão logo ele e Jillian saíram do Vega, receberam cada um uma máscara e foram levados para carros diferentes.

— Ei! — gritou Neary, vendo o carro que levava Jillian afastar-se, mas o dele pôs-se logo em marcha.

Por dentro, os carros haviam sido transformados em postos médicos móveis. Os homens dos macacões dourados podiam realmente ser médicos,- pensou Neary, mas achava que funcionavam mais como guardas do que outra coisa. Não podia olhar para fora, e tudo o que sabia, pelo sacolejar do veículo, era que ainda estavam em terreno acidentado.

Quando, por fim, a viagem terminou e o guarda-médico abriu a porta traseira, Neary viu que o sol estava começando a se esconder. Seus raios, agora horizontais, batiam obliquamente numa espécie de acampamento de *trailers*, barracas verdes e carros como aquele em que fora levado até lá.

A distância, difícil de distinguir devido à escuridão crescente, técnicos descarregavam equipamentos pesados dos *trailers*. Neary não teve tempo de ver mais nada.

Um dos médicos dourados ajudou-o a entrar num dos *trailers* hermeticamente fechados. Como o homem continuava usando o capacete de astronauta, ele nada disse, e nem Neary. O tempo foi passando. Neary olhou para o seu relógio. Sete da noite.

De repente, as portas do *trailer* se abriram de par em par. Dois homens de máscara entraram e o de macacão dourado saiu imediatamente. Neary estava sentado na beira de uma mesa de exames. Olhou para o homem alto, magro e grisalho e, depois, para o outro, mais jovem, que retiravam as máscaras.

— Então? — perguntou Neary. — Vocês é que são os mandachuvas?

O homem de cabelos brancos franziu a testa e virou-se para o outro.

— *Comment?*

O outro riu e voltou-se para Neary.

— Dispomos de muito pouco tempo, Sr. Neary. Este aqui é o Sr. Lacombe. Precisamos que o senhor nos dê respostas francas, diretas e objetivas.

— Eu também — retrucou Neary. — Onde está Jillian?

— Sua amiga não corre perigo algum — respondeu Laughlin. Lacombe sentou-se diante de Neary. Seus olhos azuis-esverdeados pareciam contrair-se ligeiramente de — Neary não poderia dizer ao certo — aborrecimento, espanto? Lacombe disparou uma série de palavras em francês, que Laughlin traduziu quase simultaneamente.

— Acaso não tem noção do risco que o senhor e sua amiga correm?

Neary ficou confuso com o francês e o inglês falados quase ao mesmo tempo. Com quem deveria ele falar, com o homem que era visivelmente a autoridade, ou com o que falava inglês?

— Quer risco? — replicou, por fim.

— Há toxinas na região — disseram-lhe os dois homens, ao mesmo tempo.

— Mas nós estamos vivos. Eu estou vivo e falando. Laughlin continuou a traduzir rapidamente.

— Se o vento estivesse soprando para o sul, nós não estaríamos aqui conversando.

— Não há nada de errado com o ar — insistiu Neary.

O francês passou os dedos pelos rebeldes cabelos grisalhos. Tirou um lápis do interior do paletó e colocou uma prancheta na beira de uma mesa.

— Algumas perguntas, Sr. Neary. Tem alguma objeção a que eu lhe faça algumas perguntas?

— Que espécie de perguntas?

Lacombe olhou para uma folha em xerox. Laughlin traduziu.

— Por exemplo: o senhor sofre de insônia?

— Não.

— Dores de cabeça?

— Não.

— Já teve alguma doença mental?

— Ainda não.

A risada de Neary não obteve resposta.

— E alguém da sua família?

— Também não.

O lápis de Lacombe não parava de fazer anotações na folha de papel.

— Pesadelos?

— Não.

— Teve algum problema de pele recentemente?

— Não. A menos que...

— Sim? — pressionou o francês.

— Tive uma espécie de queimadura só de um lado do rosto. Mas não peguei sol nem nada.

Os penetrantes olhos azuis-esverdeados fitaram-no, pensativos, durante um momento. Laughlin traduziu.

— A respeito dos pesadelos, deseja reconsiderar a sua resposta?

— Não. Bem... — Neary fez uma pausa. — Eu tinha esta... esta coisa que não me saía da cabeça.

Lacombe ficou à espera, lápis em riste.

— Por favor, explique-se melhor. Neary deu de ombros.

— Nada de especial... Apenas uma idéia.

O francês franziu a testa e consultou o relógio de pulso. Percorreu a lista com o lápis e passou para a pergunta seguinte:

— Alguma vez ouviu vozes?

— Nunca. Nem vi homenzinhos verdes.

— Sr. Neary — disse Lacombe, lenta e cautelosamente —, o senhor alguma vez teve um encontro, um encontro com algo muito fora do comum?

Neary esboçou um sorriso débil e perguntou:

— Quem são vocês?

Havia algumas verdades que ele precisava saber, que eles podiam lhe esclarecer. Mas faltava *fair play*, só lhe diziam uma coisa de cada vez.

Lacombe olhou para ele e fez outra pergunta-revelação.

— Alguma vez escutou uma espécie de campainha nos ouvidos?

Laughlin traduziu.

— Um toque agradável, uma série de tons melódiosos?

— Quem são vocês? — insistiu Neary.

Lacombe murmurou algo a Laughlin. Comparavam anotações em francês, enquanto Neary ficava ali, sentado num banco, completamente isolado do resto do mundo.

— É só isso? — perguntou ele. — É só o que vocês vão me perguntar?

A frustração daquelas semanas de loucura explodiu, por fim.

— Pois bem... eu tenho mil perguntas a fazer! O senhor é o chefe disto aqui? Quero fazer uma queixa. Vocês não têm o direito de enlouquecer as pessoas! Pensam que eu investigo pessoalmente todas as reportagens apresentadas nos noticiários da televisão? Se se trata apenas de uma nuvem de gás... por que é que eu conheço essa montanha nos mais mínimos detalhes sem nunca ter estado aqui?

Neary falara as palavras mágicas e agora era Lacombe quem "mordera a isca".

O francês estacou e olhou para aquele americano desconhecido. Ouvia-se bater à porta. Má ocasião — e outro homem dourado, sem distintivos médicos, entrou.

— Com-Sec diz para levá-los até EvacReliance e, de lá, de ônibus para casa — disse o sujeito, de capacete de astronauta, e saiu.

Lacombe sentou-se e fez um gesto para que Neary e Laughlin fizessem o mesmo. Parecia muito excitado.

— Está querendo me dizer — falou ele, num inglês lento e hesitante —, que o senhor imaginou esta montanha antes mesmo de saber da sua existência? Ela se manifestou para o senhor de diversas maneiras: sombras na parede, idéias, imagens geométricas, que pareciam progredir para algo familiar mas que, durante muito tempo, não teve sentido, até que, finalmente, se revelou?

Neary conteve as lágrimas com grande esforço e assentiu, debilmente.

— E o senhor sente-se...

Lacombe fez uma pausa, claramente à procura da palavra exata, que acabou encontrando:

— ... *compelido* a estar aqui?

— Acho que se pode dizer isso — respondeu Roy, com uma ironia que nunca julgara possuir.

Fingindo não ter entendido, Lacombe tirou um envelope das mãos de David Laughlin, abriu-o e retirou uma dúzia de Polaroids coloridas, que entregou a Neary.

-Reconhece essas pessoas? Todas elas tentaram chegar à montanha. Conhece-as?

Roy passou em revista as fotos.

— Não — disse. — Só conheço esta aqui. E mostrou a foto de Jillian.

Lacombe tomou as fotos de volta, colocou-as no envelope e devolveu-as a Laughlin.

— E que é que o senhor espera descobrir aqui? — perguntou o francês, calmamente.

Neary teve dificuldade em formular uma resposta. Afinal, que diabo estava ele fazendo ali?

— A resposta — disse, por fim. — Não é loucura, é? Lacombe levantou-se para sair.

— Não, Sr. Neary, não é.

Já na porta, voltou-se e disse, simplesmente:

— Quero lhe dizer que o senhor não está só. Gostaria que soubesse disso. O senhor tem muitos amigos e... eu o invejo.

Os três homens pararam na saída do *trailer* para colocar os capacetes. Numa mesa comprida, presa à parede, havia cinco ou seis máscaras extras, alguns pares de luvas de borracha de cano comprido e uma gaiola barata, na qual se viam dois canários. Os pássaros estavam juntos, a um canto, e vigiavam os movimentos de Neary com olhos demasiado brilhantes. Laughlin abriu a porta e os três homens saíram para a noite.

O céu, a oeste, ainda tinha um clarão vermelho, mas em cima o firmamento já estava de um azul aveludado e profundo. Roy olhou para o alto e viu estrelas surgindo, em grupos, através do ar fino da montanha.

Lacombe e o intérprete conduziram-no a um helicóptero Huey, com os motores funcionando, mas o rotor ainda parado.

— Não! — exclamou Neary. — Não vou voltar. Não vou voltar de ônibus para casa!

Uma mão enluvada abriu a porta do helicóptero. Neary viu que lá dentro havia sete ou oito civis, todos usando máscaras. Jillian ergueu desanimadamente a mão, como se as forças a tivessem deixado. Neary subiu a bordo. Um dos pilotos entregou um pacote a Laughlin, que estava de pé, no chão, junto ao helicóptero.

Laughlin abriu o embrulho e examinou os papéis e cartões. Depois, entregou-os a Lacombe.

— Está vendo? Todos desenharam sua versão da montanha, antes de vir para cá.

O francês estudou os desenhos, alguns não mais do que rabiscos, outros caprichadamente

feitos a *crayon* ou pincel atômico. Após um momento, olhou pela porta aberta do Huey para as pessoas lá dentro. Depois, seu olhar penetrante pousou no piloto e ele falou em francês com Laughlin.

— Não parta — traduziu este para o piloto.

— Mas eu tenho ordens do Com-Sec.

— Pois agora tem ordens minhas. Não parta!

— Sinto muito, senhor — retrucou o piloto, teimosamente. Havia algo no "sinto muito" que transmitia a intenção oposta, e algo no "senhor" que o transformava num epíteto.

— Cinco minutos ao menos! — atalhou Lacombe. O piloto transigiu e ergueu três dedos.

Lacombe e Laughlin saíram correndo na direção de um *trailer*, estacionado cem metros mais perto de Devil's Tower.

VINTE E TRÊS

O *trailer* de comunicações tinha uma das extremidades escurecida, para permitir aos especialistas em radar ver as telas. Na outra extremidade, onde, por uma janela, se via, a distância, o helicóptero, dois civis — Lacombe e Laughlin — discutiam com um oficial de segurança do projeto, que eles conheciam pela alcunha de Wild Bill.

Devia ter aproximadamente a mesma idade de Lacombe, calculou Dave Laughlin, por volta dos cinqüenta — ou, pelos menos, parecia tê-los. Wild Bill era baixo, atarracado e barulhento. Tinha um modo de falar monótono, como se uma conversa cara a cara entre seres humanos fosse o mesmo que a comunicação entre a torre de controle e os aviões, ou entre o controle de missões da NASA e os astronautas de um projeto espacial.

— O senhor não pode mandá-los embora! — explodiu Lacombe, agitado como o intérprete nunca o vira. — Eu me responsabilizo pela permanência deles aqui.

— Deste lado da Operação Mayflower, a sua responsabilidade cessa — respondeu Wild Bill, quase mecanicamente. — Como Com-Sec, é minha responsabilidade por tudo o que acontece no acampamento.

— Major Walsh — disse o francês. — Queira me escutar. Wild Bill interrompeu:

— A cinco quilômetros daqui, o senhor é quem manda. Meu Deus, gastamos um bocado de dinheiro com a segurança e o projeto, mais de dez milhões de dólares. A responsabilidade aqui é minha.

— O senhor não está entendendo — atalhou Laughlin, procurando acabar com o conflito irreversível que ameaçava formar-se entre os dois homens. — Tudo o que o senhor está fazendo aqui, no acampamento, só tem um motivo: que o projeto do Sr. Lacombe possa ser seguido sem contratemplos.

— Sei disso.

Os olhos de Wild Bill, engastados numa meia-lua de carne gordurosa, quase se fecharam numa careta.

— Mas vocês têm que compreender o que é a disciplina militar.

— Não quero que essas pessoas sejam removidas — repetiu o francês.

Wild Bill respirou fundo.

— Temos uma cadeia de comando muito comprida — prosseguiu o major. — Esta incursão no acampamento... Como podemos saber que não se trata de sabotadores, fanáticos ou

membros de seitas estranhas? Esta é a única maneira que o nosso comando tem de lidar com uma incursão. É demasiado tarde para pensar noutra maneira.

— Mas trata-se de um pequeno grupo de pessoas — disse Lacombe, falando muito devagar e pedindo, de vez em quando, socorro a Laughlin, que foi realmente magnífico, fornecendo os termos emocionais e lingüísticos equivalentes, sempre que a excitação fazia com que Lacombe passasse para o francês.

Lacombe fez um gesto indicando o helicóptero parado.

— Todas essas pessoas tiveram a mesma visão. A razão por que se sentiram compelidas a vir até aqui é um mistério para elas e para mim.

Wild Bill sacudiu os ombros corpulentos, como se fosse um touro.

— Se quiser passar por cima de mim, vai ter que se encarregar de transmitir a mensagem. As comunicações aqui estão tão bloqueadas, que nem eu sei o que está acontecendo.

O francês entregou ao major um punhado de desenhos.

— Por que só agora me mostram? — reclamou.

O militar pegou-os e espalhou os pedaços de papel em cima da mesa.

— Interessante — comentou.

— Sabemos muito pouco acerca dessas pessoas — disse-lhe Lacombe. — Apenas o que responderam aos nossos questionários. *Quem são elas? Por que* todas elas fizeram esses desenhos? *Por que* se sentiram compelidas a vir até aqui, quando viram Devil's Tower na televisão?

O major deu novamente de ombros.

— Deve ser coincidência.

Evidentemente desgostoso com a idéia, continuava a empurrar os desenhos com um dedo gorducho.

— São pessoas como outras quaisquer — acabou por dizer, surpreendentemente. — Não há nada de especial a respeito delas. Esse tal de Neary, que falou com o senhor, é um João-ninguém. A mulher que estava com ele disse que tinha vindo à procura do filho. Quem pode garantir?

— E este aqui? — perguntou Lacombe, apontando para um desenho maior e mais detalhado.

O major virou-o do avesso, onde estava escrito o nome do autor.

— Larry Fownen. Já o investigamos. É de Los Angeles. Corretor de imóveis. Fez algumas

pontas em filmes de *cowboy*. Outro ilustre desconhecido.

— E este? — insistiu o francês.

Wild Bill olhou para o esboço a *crayon*.

— Uma tal Sra. Rosen, de Kansas City. Avó. O marido acompanha-a. Aposentado, de férias. Verificamos todas essas pessoas e não encontramos nada. Algumas multas de trânsito, mas nada de antecedentes criminosos.

— E este aqui?

— George Fender. Mecânico de uma garagem em Forth Worth, Texas. Veterano da Segunda Guerra Mundial. Foi ferido em Guadalcanal.

— Este?

— Não temos tempo para desperdiçar — disse o major. — Vá por mim, são todos joões-ninguém.

— Esta aqui também? — insistiu Lacombe.

— Elaine Connelly, professora, natural de Bethesda, Maryland. Viúva. Filho casado, três netos.

Wild Bill estava ficando irritado.

— Imagino que o senhor queira saber quem são os outros dois?

— Naturalmente! — disse Lacombe.

— Sr. e Sra. Arthur Penderecki, de Hampramck, Michigan. Ele é açougueiro, ela é secretária. Estão em lua-de-mel. Ela leciona catecismo numa igreja.

Respirou fundo.

— Chega! — bradou.

— Mas não há conexão — disse o francês.

— Se há ou não há, não me diz respeito. Minha responsabilidade é pôr todo mundo para fora daqui. Agora!

— Mas o senhor mesmo disse que não são pessoas perigosas, que são gente comum.

— Isso é o que *parecem* — retrucou o major. — Numa checagem rápida, foi o que conseguimos investigar.

— Nove pessoas que tiveram a mesma visão.

— Ou assim dizem.

— Que tiveram a mesma compulsão de vir até aqui.

— Estamos desperdiçando tempo — disse Wild Bill, controlando a custo a impaciência. — Tempo que não é meu e sim seu. O senhor é que tem um programa a cumprir. Vamos resolver logo isso. Agora!

Lacombe ficou um momento sem dizer nada. Seus cabelos grisalhos tinham se arrepiado completamente durante a discussão. Agora, parecia estar mais calmo.

— Preciso descobrir o significado dessa estranha compulsão. Por que razão se viram compelidos a vir até aqui. Talvez...

— Não tem jeito — atalhou Wild Bill.

— *Écoutez-moi!* — rosnou Lacombe, zangado. — Para cada uma dessas pessoas, deve haver milhares que também tiveram a mesma visão.

— Mera coincidência — sugeriu o major.

— Um acontecimento sociológico — corrigiu o francês —, de surpreendente importância. A resposta à compulsão de virem até aqui talvez seja a informação mais importante que possamos obter em toda a existência do projeto.

— Vou dar esta conversa por encerrada.

Lacombe esticou o braço e seus dedos agarraram o uniforme de Wild Bill.

— O senhor vai me ouvir, Major Walsh!

Wild Bill arregalou os olhos. Ninguém o segurara pelo uniforme desde que era um tenente, acabado de sair da Academia Militar de West Point.

— O senhor vai chegar atrasado ao DSM — avisou ele ao francês.

— *Écoutez-moi, tête-de-merde!* Wild Bill virou-se para Laughlin.

— Que foi que ele disse?

VINTE E QUATRO

Dentro do grande helicóptero, Neary, Julian e os outros civis que haviam "invadido" o acampamento sentavam-se, calados e desanimados, com suas máscaras de gás afiveladas. Apenas os seus olhos se moviam de um lado para o outro, procurando compreender o que estava acontecendo.

O que ia acontecer, pensou Neary, era evidente. Dali a alguns minutos, o helicóptero levantaria vôo e seria o fim de toda aquela aventura. Ele jamais saberia o que significava a montanha. Jillian nunca mais encontraria Barry. Nenhuma daquelas pessoas ficaria sabendo de nada.

E tudo porque a estratégia desenvolvida pelo acampamento para impedir a entrada de visitantes era difícil de iludir. O anunciado perigo de gás nervoso podia ser verdadeiro. Seria mesmo próprio de militares, pensou ele, espalhar um pouco de gás na região e acabar com alguns bichos para convencer os céticos — ou estariam os bichos apenas tontos? Neary lembrou-se dos dois canários na gaiola barata, dentro de um dos *trailers*. De quem eram os canários? Dele? Mas tinham-lhe mostrado os seus canários mortos. E se não estivessem mortos?...

Estava sentado ao lado de Jillian, sua perna contra a dela, os olhos dela fechados. Jillian tinha vindo de tão longe, pensou Neary, para nada! Todos tinham feito os maiores esforços para chegar até ali. E agora a aventura ia terminar antes mesmo de ter começado.

Pôs-se de pé. Os outros sete civis olharam para ele. Jillian abriu os olhos e também os fitou nele.

Devagar, movendo-se com grande precisão, Neary começou a tirar a máscara contra gases. As pressões estalaram como se fossem tiros de fuzil. Arrancou a máscara e jogou-a no chão. Se aquela era a coisa mais corajosa que ele jamais fizera, fora também a mais impulsiva e a mais fácil. Além de fazer o maior sentido.

Respirou fundo, muito fundo.

Os outros olhavam, horrorizados. De repente, com gestos ainda mais rápidos, Jillian arrancou a máscara do rosto. Ficou de pé ao lado de Neary e respirou fundo, também.

— Vocês vão ficar envenenados — disse um velhinho.

— Meu senhor — retrucou Neary —, não há nada de errado com o ar. Os militares estão pondo todo mundo para fora daqui porque não querem testemunhas.

Uma velhinha, talvez esposa do velho que falara antes, disse, com voz trêmula:

— Se o Exército não quer a gente aqui, não devemos ficar.

— Só queríamos ver a montanha — explicou o velho., em tom de quem pede desculpa. — Foi uma tal coincidência eu pintá-la! Ninguém nos falou nada a respeito do ar.

— Como foi o que o senhor encontrou este lugar? —, perguntou Jillian.

— Não tive dificuldade. Procurei nas *Montanhas Famosas do Hemisfério Ocidental*. Sabia que o Presidente Theodore Roosevelt proclamou Devil's Tower o primeiro monumento nacional do país, em 24 de setembro de 1906?

Um sujeito de quarenta e poucos anos levantou-se e arrancou a máscara. Estava bronzeado, usava cabelos compridos e agia como se tivesse muito dinheiro. Respirou fundo e exclamou:

— Nossa! É melhor do que o ar de Los Angeles.

Duas outras pessoas — um homem e uma mulher — levantaram-se e, com dedos trêmulos e nervosos, tiraram também as máscaras. Seus rostos eram magros e chupados e tinham o ar de pessoas à beira da exaustão física, de quem tinha sido socialmente criticado durante meses. Pareciam arrasados e incapazes de olhar de frente para Neary ou os outros.

Roy virou-se a fim de olhar para os companheiros.

— Quem é a favor de ficar? — perguntou bem alto, para ser ouvido acima do barulho dos rotores.

Jillian levantou a mão, logo seguida pelo sujeito de Los Angeles e pelo casal de velhos, nessa ordem. Os outros viraram a cara.

— OK — disse Neary. — Vão ter que vir comigo e correr muito depressa.

Nesse momento, a porta do helicóptero começou a fechar-se atrás dele. Roy enfiou desesperadamente o braço, para servir de calço. O guarda do lado de fora abriu a porta para ver o que estava acontecendo e deparou com um grupo de detidos já sem as máscaras. Enquanto olhava, espantado, o sujeito de Los Angeles correu para junto de Neary.

— *Agora!* — gritou Roy. — *Corram para a montanha!* Conseguiram abrir metade da porta e Neary acertou um pontapé no pescoço do guarda, logo abaixo da máscara contra gases. Roy, Julian e o homem de Los Angeles pularam desajeitadamente por cima do soldado caído e correram para a fileira de árvores.

Caminhões Piggly-Wiggly e Baskin-Robbin, de onde técnicos — sem capacetes, máscaras ou macacões espaciais — descarregavam equipamento eletrônico e muitos caixotes com a etiqueta Lockheed e Rockwell Frágil — passaram diante dos olhos deles.

Os outros detidos, inclusive o casal de velhos, que tinham resolvido fugir com eles, foram impedidos pelos demais guardas, a dois passos da porta do helicóptero. Neary corria com todas as forças de que dispunha, olhos fixos na montanha que o perseguira em sonhos.

Finalmente teriam a chance de esclarecer o pesadelo.

Enquanto isso, no *trailer* das comunicações, Lacombe, completamente frustrado pela ignorância e a intransigência de Wild Bill, dizia, no seu inglês capenga:

— O senhor não entende!

E logo a seguir, no seu francês ultra-rápido:

— A montanha foi a chave. E o presente, no deserto mexicano, foi uma pista. Para que nos resolvêssemos a abrir as nossas mentes e a deixá-los entrar.

Laughlin terminou de traduzir, mas logo Lacombe teve uma nova idéia, que ele próprio traduziu do francês.

— *Eles foram convidados!* — gritou. — *Eles foram convidados!*

Laughlin percebeu que nada disso encontrou eco.

Mas algo do lado de fora da janela atraiu a atenção de Lacombe. Aproximou-se e viu os três detidos dirigindo-se para as árvores. Não falou nada, mas um sorriso lento se espalhou pelo seu rosto.

Enquanto isso, Wild Bill estava discutindo com David Laughlin.

— Segundo ouvi dizer, o seu trabalho é dos mais importantes, aqui. O meu não é assim tão importante mas, sem os serviços que nós executamos, você não poderiam fazer nada. Neste circo não há vedetes, entendeu bem?...

Lacombe percebeu mais ou menos do que se tratava e depois deixou de ouvir. Ficou vendo, muito satisfeito, os três fugitivos desaparecerem no meio das árvores.

Tão logo eles tinham sumido, virou-se para Laughlin, ainda sorridente, e disse:

— Traduza.

David tinha perdido a paciência. Voltou-se para Lacombe e, em francês, disse:

— *Une merdel*

— Foi o que eu pensei — retrucou o francês, sorrindo ainda mais.

Movendo-se entre as sombras do crepúsculo, Neary conduziu os seus dois companheiros ao redor de uma pista de aterrissagem de helicópteros e rumo ao matagal na base da montanha. Atirou-se no chão, para retomar o fôlego e dar aos outros uma chance de o alcançarem. Tão logo os outros chegaram perto, começou a tirar o macacão e fez sinal aos outros para que o imitassem.

Estendeu a mão sem luva.

— Oi! Meu nome é Roy.

— Larry Butler — disse o homem de Los Angeles. Ainda ofegante, Neary falou:

— Não podemos ficar aqui. Sigam para as árvores e esperem lá por mim.

Larry e Julian partiram imediatamente. Roy ficou ainda um momento, recuperando o fôlego e olhando para o que se passava lá embaixo, no acampamento da base da montanha. Depois, começou também a correr montanha acima, rumo à fileira de árvores, a duzentos metros de distância.

Uma sirene rompeu a escuridão. Holofotes começaram a varrer o campo de aterrissagem. A porta do *trailer* de comunicação abriu-se com estrépito e um guarda, lutando para respirar dentro do seu capacete, entrou, cambaleando.

— Eles me dominaram, major.

— Quantos eram? — rosnou Wild Bill.

— Três, major. Pegamos os outros.

Wild Bill agarrou num binóculo que estava sobre a mesa, olhou furiosamente para Lacombe e Laughlin e saiu depressa, seguido dos outros.

Ao fundo, três helicópteros já erguiam vôo verticalmente, testando seus poderosos holofotes de iodeto de quartzo. Cerca de uma dúzia de soldados da Força Especial, em uniforme comum, inclusive máscaras contra gás penduradas dos cintos, carregavam os seus fuzis. Todos portavam M-14 semi-automáticas, com visores infravermelhos.

Wild Bill varreu o renque de árvores com o binóculo. Tinham instalado um quartel-general improvisado perto dos heliportos. O major e Lacombe falavam em telefones de campanha.

— Vou expulsá-los da montanha em uma hora — gritou Wild Bill ao telefone.

— Façam uma análise fotométrica da face norte — replicou uma voz, do outro lado. — Usem os infravermelhos.

— Já mandei fazer.

— Se não saírem da montanha até às 8 da manhã, espalhem E-Z Quatro na face norte. E voltem a contatar-me.

— Que é isso de E-Z Quatro? — perguntou Lacombe, alarmado.

— Um aerossol que faz dormir — respondeu-lhe Wild Bill pelo telefone, embora estivessem a menos de um metro de distância. — É de ação rápida, local e deve se desintoxicar em algumas horas. Eles ficarão umas seis horas fora de combate, até o nascer do sol.

Num inglês cuidadoso, o francês falou, no telefone:

— Não escolhemos este lugar. Não escolhemos este momento. Não escolhemos estas pessoas. Não podemos detê-las.

— Isto aqui era um perfeito vácuo estratégico antes de colocarem ar dentro dele — respondeu Wild Bill ao telefone.

— O lugar pertence mais a eles do que a nós — retrucou Lacombe, tristemente.

Através dos abetos, o cume de Devil's Tower recortava-se contra o céu noturno, parecendo intransponível aos três fugitivos, que subiam por uma vertente íngreme, escorregando no tapete das agulhas de pinheiro.

Jillian tropeçou e caiu, deslizando para trás e para baixo, antes de se agarrar a uma planta rasteira. Larry Butler também caiu, mas logo se levantou. Roy parou, esperando que os outros o alcançassem. Mas aí ouviu o já familiar zumbido sobre sua cabeça.

De repente, três helicópteros iluminaram a parte superior da montanha, à frente deles, e começaram a manobrar ao redor das áreas parcialmente escondidas, focalizando-as com seus brilhantes faróis.

— Até que nos deram um bocado de crédito — disse Larry, ofegando. — São bem umas duas horas a pé.

— Está vendo aquela abertura na montanha? — perguntou Neary, apontando para a escuridão.

Havia, realmente, uma passagem estreita para o outro lado da montanha.

— Provavelmente, podemos chegar lá num abrir e fechar de olhos — disse ele, tentando animar a si e aos outros.

Butler preparou-se para a travessia.

— Eu nunca deveria ter deixado de fazer o meu Cooper — disse ele, rindo.

Uma formação de luzes verdes e vermelhas pairou sobre o platô e desapareceu, à medida que os helicópteros começavam a vasculhar o outro lado da montanha.

— Lá vão mais quatro — contou Julian. — Há outra ravina que leva até o alto da montanha — acrescentou, hesitante. — Lembro-me do quadro que pintei... É uma subida bem mais fácil. Começa na face nordeste e...

— Não adianta — atalhou Neary. — São uns cem metros a pique, desde o alto. Teríamos que ser alpinistas experimentados. Por este lado, a subida é bem menos íngreme.

— Que é que você acha que há do outro lado? — perguntou Butler.

— Um *canyon*. Cercado de árvores e cortado por trilhas. Jillian olhou para Neary.

— Nunca imaginei isso — disse ela. — Limitei-me a colorir o outro lado.

— Nos meus rabiscos também não havia nenhum *canyon* — concordou Larry.

— Da próxima vez — disse Neary, dando uma risada —, tentem a escultura.

No acampamento, perto do heliporto, um grupo de engenheiros do Exército transportava latas de dez galões de E-Z-Quatro para os helicópteros. Os homens trabalhavam em silêncio, sob os rotores uivantes, e lidavam com o gás como se pudesse espalhar-se a qualquer instante e cair sobre eles.

Wild Bill ficou de lado, assistindo à operação. Consultou o relógio e olhou para a montanha. Sabia que o batalhão de soldados das Forças Especiais se tinha espalhado e estava subindo a montanha, parando de vez em quando para varrer a floresta com as luzes infravermelhas montadas nas suas M-14.

Um ajudante de campo passou a Wild Bill um telefone de campanha.

— Pirâmide para Bahama.

— Bahama — atendeu Wild Bill. — Pode falar.

— Nada a comunicar por enquanto. Quando eles chegarem à pedra, vão ter mil lugares onde se esconder. Precisaria de três vezes os homens que tenho para cobrir toda esta montanha em uma hora.

Wild Bill afastou o telefone da orelha e ficou um momento pensativo. Depois, falou rapidamente:

— Voltem para a base.

O major devolveu o aparelho ao ajudante, pensou um pouco mais e disse:

— Faça com que todo mundo saia da face norte. Chame o lado escuro da lua e diga que vamos pulverizar.

Lacombe saiu do *trailer* das comunicações, segurando um paletó esporte num cabide coberto de celofane. Atravessou o campo rumo a um helicóptero de transporte, com Laughlin no seu encalço. O francês parou para ver Wild Bill dar ordens aos helicópteros carregados de E-Z Quatro. Os três começaram a zumbir e depois, um a um, levantaram vôo verticalmente e se dirigiram, um atrás do outro, rumo à noite escura, luzes verdes e vermelhas piscando.

O francês olhou fixamente para Wild Bill, mais com pena do que com raiva. Depois, acompanhou Laughlin e cinco civis de terno, que pareciam ter surgido por encanto, para Huey. A porta fechou-se imediatamente, e, num segundo, o enorme helicóptero também se ergueu verticalmente e mergulhou na noite.

Roy, Jullian e Larry já estavam muito além da exaustão, após terem quase dado a volta até o outro lado da montanha. Pelo que Neary se recordava do modelo que tinha feito, o *canyon*

não podia estar muito longe. E ele tivera razão a respeito dos helicópteros. Não estavam pulverizando aquela parte. Por enquanto.

À frente deles havia uma clareira.

— Vamos dar uma corrida até lá — disse ele a Julian e a Larry.

Julian fez que sim com a cabeça, a fim de não se cansar ainda mais falando, mas Larry, que já não podia mais, ofegou:

— Vão à frente, que eu pego vocês.

— OK — disse Roy. — Esperamos por você do outro lado. Começou a correr, abaixado, com Julian logo atrás. Em

menos de um minuto, tinham atravessado o espaço aberto e se atirado sobre as agulhas de pinheiro, ofegantes e arquejantes. “Estavam com muita sede, pingando de suor e com as mãos e os rostos arranhados pelo mato e os galhos das árvores. Neary tinha machucado o ombro e o braço esquerdos, possivelmente na porta do helicóptero. Quando parava para pensar naquilo, sentia bastante dor e começava a não poder mexer o braço”.

Estavam deitados de bruços, esperando Larry aparecer.

— Ali! — murmurou Jillian, apontando para a esquerda. Viram Butler emergir dentre as árvores, uns cem metros mais abaixo.

— Larry! — chamou Roy. — Aqui!

Uma terrível explosão de barulho e de luz fez com que a sua voz não se ouvisse, ao mesmo tempo em que um helicóptero passava roçando as copas das árvores e varrendo a clareira com suas potentes luzes.

Roy e Jillian levantaram-se e começaram a acenar para Larry. O barulho aumentou ainda mais mas, mesmo assim, Neary gritou:

— Você está na clareira... eles vão ver você!

O helicóptero passou por cima deles. Não havia dúvida de que Larry fora descoberto.

Tampouco havia dúvida de que ele ouvira não só o helicóptero, como também Neary, pois gritou para eles, com toda a força dos seus pulmões:

— E daí? Que é que eles podem fazer? Pousar em cima de mim?

O helicóptero passou por cima deles e dirigiu-se para a clareira, mais embaixo. Os passarinhos começaram a cair das árvores. Neary e Jillian compreenderam que tinham de ficar contra o vento. E depressa. Estavam a apenas cinquenta metros da passagem. Demasiado exaustos para andar, começaram a arrastar-se.

Atrás deles, o helicóptero pairou, zunindo, bem em cima de Larry, que parecia totalmente despreocupado, apesar do barulho, do pequeno ciclone de agulhas de pinheiros, mato e folhas, e do invisível E-Z Quatro. Ergueu o polegar, como se estivesse pedindo carona, e gritou:

— Los Angeles?

Mas, quando Roy e Jillian conseguiram rastejar até o alto e olharam para trás, Larry Butler, apesar de continuar andando, estava começando a tremer espasmodicamente. Primeiro a cabeça, depois os braços. E também cambaleava.

Jillian fez menção de se levantar e de correr até onde ele estava. Mas Neary segurou-a.

— Não! — gritou-lhe ao ouvido. — Não olhe para baixo! Jillian deixou-se cair para trás.

Viram Larry tombar, tentar levantar-se, contorcer-se horrivelmente e, finalmente, ficar quieto e caído.

Ficaram como que grudados onde estavam, olhando para a clareira. O capim alto estava abaixado no lugar onde o corpo de Larry jazia.

— Não devíamos deixá-lo ali — disse, por fim, Jillian.

— Se ele estiver dormindo, tanto faz lá como aqui.

— E se ele estiver morrendo? — perguntou Jillian.

— Se ele estiver morrendo... — Neary respirou fundo, expelindo o ar com força... — nós também estamos.

A mão de Jillian apertou-lhe o braço.

Avançaram através dos altos pinheiros, rumo à saliência que rodeava o *canyon*, um lugar cheio de árvores, que Neary recordava por ter esculpido em barro, jornais e arame.

Antes mesmo de lá chegarem, viram uma luz forte que parecia vir de baixo, um clarão que se refletia na noite escura e úmida. Ao se aproximarem da beira, deitaram-se de bruços e arrastaram-se cautelosamente, a fim de olhar.

Era uma subida de dez metros, que eles fizeram rastejando. Neary podia ouvir o helicóptero voltando e circundando a montanha. Estendeu a mão para agarrar-se a um arbusto, mas não conseguiu e escorregou vertente abaixo.

— Roy! — gritou Jillian, do alto da saliência. — Vamos, Roy! Coragem!

Ele suava. As pernas doíam-lhe. Seus dedos pareciam ter perdido toda a força.

— Por favor, Roy! O helicóptero está vindo!

Neary olhou para cima. Jillian estendia a mão para ele. Começou a rastejar, num esforço desesperado, que lhe roubava todo o fôlego. Avançava apenas alguns centímetros de cada vez, por sobre a terra arenosa e escorregadia.

— Roy, são só mais uns metros.

O zumbido do helicóptero aumentara. O suor escorria da testa de Neary, entrava-lhe nos olhos. Estava a apenas um metro da mão estendida de Jillian. A meio metro.

O barulho dos rotores encheu o ar. A qualquer momento, ouviriam o esguichar do gás. O corpo de Neary arquejou, convulsivamente. Atirou-se para a frente. Jillian agarrou-lhe a mão.

Ajudou-o a subir para o ressalto da vertente. Caíram em cambalhotas por uma encosta abaixo e foram parar na beira do *canyon*.

O helicóptero passou por cima deles. Neary olhou para o alto por entre o suor que lhe caía da fronte. Nada de gás. Estavam demasiado perto do *canyon*. Estavam salvos.

Soltou um enorme suspiro e respirou fundo. A seguir, ele e Jillian avançaram até a beira do *canyon* e olharam para baixo. O que viram fez com que Neary exclamasse:

— Jesus!

— Meu Deus! — disse Jillian, por sua vez. — Meu Deus!

VINTE E CINCO

A Natureza terminara e o Homem tomara conta.

Parecia um porto celeste, uma espécie de escala cósmica, construída por seres humanos. Havia luzes de pouso que se estendiam até o horizonte, numa extensão que Neary calculou em cerca de oito quilômetros. Bem no meio da incrível base, as luzes de pista levavam a uma enorme cruz dupla iluminada e orlada por pequenas luzes em forma de cone. Aos olhos de Neary, aquilo parecia um lugar onde se esperava que alguma coisa fosse acontecer.

Toda a área, que fora dinamitada e aplainada com trator, estava cercada por grandes holofotes, pendurados de postes metálicos. Debaixo das luzes brilhantes, Roy e Jillian viram que toda a base estava rodeada por uma parede de aço, com dois metros de altura. Dentro havia três níveis e, em cada nível, cubículos modulados, todos com duas portas, alguns com janelas grandes e outros sem janelas. Os cubículos eram de diferentes tamanhos e alturas, empoleirados em andaimes de metal e alcançados por meio de escadas móveis.

No centro e ao alto da enorme arena havia um quadro sonoro e colorido, com cerca de treze metros de comprimento e dois de altura, armado sobre um suporte de cinco metros e ligado, por uma porção de cabos e fios, a um grande sintetizador Moog, na parte de baixo do campo.

Sem se virar, Neary perguntou:

— Você viu isso?

— Vi, claro! — murmurou Jillian.

— Ótimo! — exclamou Roy, aliviado por receber confirmação de que não estava sendo vítima de alucinações, ou que, pelo menos, não estava tendo alucinações sozinho.

Numa extensão de cerca de cem metros acima do grande estádio tinha sido escavado do *canyon* e, à medida que os seus olhos e suas mentes se ajustavam à cena fantástica que se desenrolava lá embaixo, Roy e Jillian, sem nada dizerem, decidiram descer e aproximar-se. Foram se esgueirando pelas bordas de granito até chegarem a uma espécie de poleiro, uns quinze metros abaixo, onde o mato alto proporcionava uma excelente cobertura.

Agora, podiam distinguir homens, aparentemente técnicos, trabalhando dentro e próximo dos cubículos. Estavam todos de macacão — branco, com "McDonnell—Douglas" escrito nas costas; azul, com "Rockwell"; ou vermelho, com "Lockheed". Os cubículos pareciam pequenos laboratórios. Roy e Jill não sabiam dizer para que era todo aquele equipamento, mas puderam reconhecer alguns aparelhos *laser*, alguns instrumentos bioquímicos, aparelhos para tomar medidas térmicas e eletromagnéticas, semelhantes a bazucas montadas em tripés, um par de aparelhos de análise espectrográfica e vários instrumentos de aspecto complicado, feitos para

monitorizar e medir só Deus sabia o quê.

No interior de três dos cubículos havia homens de roupa preta, todos usando óculos escuros, sem dúvida alguma VIPs, guardados por militares, os militares que Neary podia ver. Ao redor da base havia grandes discos de radar, constantemente girando e só de vez em quando parando para logo recomeçarem a rodar. Por todo lado se viam monitores de TV e pelo menos cem máquinas de filmar, cinquenta cameras fixas e vinte e cinco cameras de *videotape*. Havia uns trinta operadores e técnicos. O resto das cameras devia ser operado por controle remoto e ligado ao radar.

Apesar do tamanho, toda a área estava em desordem. Havia máquinas de Coca-Cola e sanduíches espalhados indiscriminadamente, WCs portáteis e uma pequena área coberta por uma lona, que Roy achou parecida com uma cozinha de campanha. Havia também um bocado de caixotes fechados, com McDonnell Douglas, Rockwell e Lockheed estampados nos lados, e lixo: copos, guardanapos e pratos de papel, pedaços de papel higiênico, latas de refrigerantes vazias. Alguns dos homens de macacão estavam varrendo o recinto, quando um grupo de homens, que pareciam executivos, de óculos escuros e guiados por um homem de cabelos brancos e vestindo macacão, atravessou a área.

Um grupo de técnicos estava aglomerado em volta do sintetizador e um deles, instigado pelos outros, sentou-se diante do grande aparelho e começou a tocar *Moon River* com um dedo só. As notas ecoaram pelo *canyon* e vagas formas de luz e de cor apareceram no painel gigante. Mas logo o "músico" foi vaiado pelos outros técnicos.

— Eu sei o que é isto! — exclamou Neary, mais para si mesmo do que para Jill. — Eu sei o que é isto! Incrível!

Uma espécie de carrilhão soou um pouco abaixo deles.

— Senhoras e senhores...

Uma voz se ouviu através do sistema de alto-falantes. O dono da voz devia estar dentro de um dos cubículos, talvez no cubículo das comunicações, o que tinha todos aqueles computadores. Mas não, lá estava ele.

Um sujeito de macacão branco, segurando um pequeno microfone, fio arrastando, encaminhava-se para o centro da arena.

— Senhoras e senhores. Queiram tomar as suas posições. Não se trata de um treino. Repito: isto não é um treino. Seria possível baixar as luzes para 60 graus? Por favor. Luzes a sessenta graus.

Aos poucos, as luzes do estádio foram diminuindo e as luzes da pista aumentando. Numa extensão de cerca de oito quilômetros — até o horizonte — Roy e Jillian viram as luzes aumentar de intensidade. De repente, repararam que, dentro dos módulos, as luzes dos instrumentos e dos computadores passavam de branco a vermelho. Não tardou que em quase todos os cubículos brilhassem luzes vermelhas.

— Ótimo, ótimo! — disse o homem que funcionava como uma espécie de mestre de cerimônias. — Acho que não podíamos pedir uma noite mais bonita. Vocês não acham?... Bem, se todo mundo está pronto...

Neary deduziu que aquelas várias centenas de cientistas e de técnicos tinham passado várias noites fazendo vigília e que cada uma delas fora um falso alarme. Nada acontecera. Ninguém tinha vindo. Agora, reparava que todos os discos de radar tinham parado de girar e estavam focalizados numa mesma direção, que era a deles.

— Estão olhando para nós — murmurou Jillian, agachando-se ainda mais contra a rocha.

— Não é para nós. É para o céu. Olhe! Roy e Jill ergueram o rosto para as estrelas.

Algo estava começando.

A princípio, Neary e Jillian não tinham idéia do que fosse. Seus olhos foram lentamente se ajustando do clarão forte das luzes do estádio para a escuridão quase total acima deles. A primeira coisa que distinguiram foi a Via Láctea, e depois, a constelação de Orion. Ficaram olhando fixo para grupos de estrelas que tantas vezes tinham visto.

Elas estavam se movendo. As estrelas estavam se movendo.

As estrelas que compunham a constelação moveram-se a princípio lentamente, depois mais rápido, algumas se afastando e abandonando a constelação.

Neary virou-se para observar o céu. Descobriu outra Orion, no lado oposto do horizonte.

— Aquela ali é a verdadeira — disse ele, apontando-a para Jillian.

Quando voltaram a olhar para a Orion em mutação, ela já se transformara em algo diferente, com suas "estrelas", que não eram estrelas, mudando constantemente de posição. Várias delas tinham formado quase que uma linha curva e espaçada. Depois, a partir da "estrela" da ponta, e como se atraídas por ela, mais três se moveram com velocidade majestosa, para formar um retângulo.

A Ursa Maior.

Neary caiu na risada. Já não sentia o menor medo. Sentia-se — isso sim — muito feliz.

Abaixo deles, as centenas de cientistas e de técnicos reagiam como simples mortais diante de um espetáculo de fogos de artifício, soltando exclamações de admiração e acabando por aplaudir, quando a Ursa se formou.

— Nós somos os únicos a saber. Os únicos — disse Roy. — Você viu? — perguntou a Jillian.

— Vi — tranqüilizou-o ela.

— Ótimo!

De repente, o que parecia ser três estrelas cadentes surgiu no céu, a oeste. Dispararam e pararam abruptamente, como se tivessem freios, no meio do espaço, revogando, num momento, todas as leis conhecidas da gravidade e da física. As estrelas executaram — num abrir e fechar de olhos — uma volta completa de 180 graus e depois cada ponto de luz se dividiu em quatro pontos diferentes e riscaram o céu noturno.

Dentro do estádio, a assistência enlouqueceu, como se o seu time acabasse de marcar um gol.

Roy e Jill olharam um para o outro.

— Você viu *isso*?

— Vi.

— Ótimo!

Mas o espetáculo ainda não terminara. Pelo contrário, estava apenas começando.

Uma nuvem, o que parecia ser uma nuvem simples e solitária, flutuou sobre a base, escoltada por dois pontos de luz azul e muito brilhante. As duas luzes azuis começaram a girar cada vez mais depressa em volta da nuvem, que por sua vez começou a perder a forma original e a se transformar numa nebulosa em espiral.

Uma das luzes penetrou a nebulosa e ficou ainda mais brilhante, fazendo com que toda a nuvem se iluminasse por dentro. Não mais de azul, mas de um âmbar profundo. Depois, a outra luz tomou posição no braço exterior da espiral e começou a piscar, acendendo e apagando.

Era uma visão extraordinária, que parecia ter um significado oculto, além da compreensão deles. Não havia dúvida de que se tratava de uma demonstração. Mas uma demonstração cósmica do quê? Do lugar, na galáxia cósmica, onde nós vivemos? Sim! Talvez fosse isso. Um modelo, em escala diminuta, da localização do nosso planeta. Incrível!

Roy e Jillian não falavam. Procuravam recuperar o fôlego, assimilar todas aquelas visões e percepções. Estavam agachados num pequeno promontório. Atrás deles não havia nada, apenas o céu noturno e a distância. De repente, nuvens começaram a se mover no céu, de ambos os lados atrás deles. E, dessas nuvens, surgiu uma luz — como um relâmpago por trás delas, só que, quando a luz piscava conicamente, o clarão permanecia.

Depois, a luz ficou ainda mais brilhante num lado da nuvem, até que dela saiu uma espécie de ponta de lápis de luz cor-de-laranja, seguida de duas pontas de lápis ainda mais brilhantes. Vendo as luzes se aproximar a uma velocidade incrível e em formação de asa, Neary e Jillian mal tiveram tempo de cobrir o rosto, antes que elas passassem, zunindo lentamente, por cima das suas cabeças.

Eram as mesmas — as monstruosas lâmpadas *Kleig*, o belo pôr-do-sol colorido, os relâmpagos, a intensa iluminação que lhes tinham aparecido, de maneira tão espetacular,

naquele cume em Indiana, havia tantas noites atrás.

À medida que aquelas enormes luzes quentes — veículos sem asas ou física, luzes coloridas e brilhantes, que punham em risco a segurança da pessoa, a crença na própria existência e na do mundo "real" — passavam sobre eles, um grande deslocamento de ar e calor espalhou poeira para todos os lados. Os cabelos deles voaram em todas as direções, a eletricidade estática fez com que o cabelo dos braços e do peito de Neary se pusesse em pé.

De novo se sentiram arrasados pelo calor. De novo foi como se não pudessem respirar. Tiveram o tempo justo para encher os pulmões de ar, enquanto cada um dos três veículos, gemendo sinistramente como um milhão de sirenes, passava por cima deles. Desta vez, o barulho que faziam era assustador. Como se fossem mil vozes estridentes chorando, fazendo com que ficassem arrepiados apesar do intenso calor. Neary percebeu que os sons provinham da estranha maquinaria, mas isso não o fez sentir-se mais tranqüilo.

Quando Roy e Jillian estava acabando de limpar o pó e as lágrimas dos olhos, os monstruosos veículos de cores brilhantes sobrevoavam a área do estádio, fazendo com que o painel se transformasse num pandemônio de cores e os técnicos e cientistas corressem a se proteger. As câmaras acompanharam as evoluções dos objetos e os discos do radar puseram-se a girar sem parar.

Os brilhantes objetos passaram sobre a área de aterrissagem em forma de cruz dupla, que lhes transmitia coordenadas de pouso, sobrevoaram mais algumas centenas de metros de faixa de concreto, onde não havia ninguém, pararam abruptamente, como se tivessem freado e... ficaram pairando.

Ficaram pairando numa espécie de formação em triângulo, suas luzes tão intensas, brilhantes e firmes, que era quase impossível fitá-las. Os objetos ficaram pairando bem perto da pista, talvez a menos de dois metros acima dela, e depois subiram a oito metros de altura. Pareciam estar flertando com o solo, brincando, provando-o, lambendo um pouco de poeira e lixo, para depois subir de repente, como se com medo.

Neary estava perplexo. Queria subir a um lugar mais perto, mas compreendeu que Jillian estava por demais apavorada para se mexer.

Enquanto isso, algo que Roy percebeu ter sido planejado e ensaiado, cem, mil vezes só para aquele momento histórico, teve início. O sintetizador estava rodeado por um grupo de técnicos usando fones de cabeça e microfones portáteis, que ligaram ao aparelho. Arrastando os fios de sete metros, reuniram-se com suas pranchetas e lanternas à mão.

Um dos homens, sem dúvida o chefe da equipe, disse, em meio a um silêncio quase reverente:

— Meus senhores, trinta anos de planejamento e preparação chegam agora ao seu término. Façamos cada qual a nossa tarefa.

Parou de falar a fim de encarar cada homem individualmente.

— Muito bem, senhores. Vamos começar?

Na cabine das comunicações, um técnico falou, ao microfone portátil:

— TC estéreo. Tempo e resistência... Pronto. Interpolação de tom em ligação.

Outro técnico falou:

— ARP ligar agora! Velocidade a sete e meio. Todas as funções positivas. Pôr-do-sol!

— Podem começar.

Vestindo macacões brancos, Lacombe e David Laughlin também estavam junto ao sintetizador. Sentado diante do teclado duplo via-se um jovem que parecia William Shakespeare. Era evidente que estava muito nervoso, suando copiosamente, enxugando as mãos e o rosto com um lenço, muito consciente da tremenda responsabilidade que tinha pela frente, dos meses e anos de pesquisas, trabalho e esperanças, condensados naquelas poucas notas que se preparava para tocar. Não podia tocá-las errado.

O mestre de cerimônias disse-lhe em voz baixa:

— OK. Comece com o tom. Shakespeare tocou a primeira nota.

O técnico da cabine falou ao microfone portátil:

— Tang... toque!

Uma luz âmbar apareceu no painel gigante, desaparecendo gradativamente à medida que a nota se perdia no *canyon*.

— Suba um tom — ordenou o mestre de cerimônias, e Shakespeare tocou a segunda nota.

O painel iluminou-se de um rosa intenso.

— Desça uma terça.

Nova nota e nova cor — roxo, desta vez.

— Agora, desça uma oitava.

A quarta nota ecoou e um belo azul profundo surgiu no painel.

— Azul profundo... Outra — ordenou o técnico, da cabine.

— Suba uma quinta — disse o mestre de cerimônias.

A última nota soou e desapareceu. O painel ficou vermelho brilhante, mas a cor também não tardou a sumir.

— Nada. Absolutamente nada — disse o chefe do grupo. O mestre de cerimônias dirigiu-se

a Shakespeare:

— Dê-me um tom.

Uma nota soou, uma cor apareceu no painel e a seqüência de cinco notas — cinco cores foi repetida, segundo as instruções do mestre de cerimônias.

Da cabine, o técnico ordenou:

— Ré para a segunda. Mi para a terceira. Dó para a primeira. Si para a quinta.

As notas e as cores morreram na arena sem que houvesse resposta dos três objetos, que continuavam pairando, piscando e luzindo inescrutavelmente.

Lacombe aproximou-se do sintetizador e disse:

— *Encore. Unefois.* De novo. Só mais uma vez.

A seqüência de cinco notas soou e ecoou através da noite e as cinco cores dançaram no painel.

— Falem comigo, falem comigo — suplicou o chefe do grupo.

— *Plus vite* — comandou Lacombe. — *Plus vite.* Shakespeare fez o que lhe pediam. Desta vez, as notas e as cores cascatearam em redor da arena.

Lá em cima, no seu poleiro, Julian Guiler trauteou duas vezes a seqüência de cinco notas.

— Eu conheço essa música — disse ela a Neary.

Oh, meu Deus — pensou ela. É a canção de Barry. Jilliam estava quase em estado de choque, lágrimas nos olhos, mas Roy não reparou.

Lá embaixo, Lacombe dizia:

— Mais depressa, Jean Claude. *Plus vite.* Mais depressa. Pôs-se a descer a faixa de aterrissagem na direção dos veículos.

— *Plus vite. Plus vite* — repetiu.

O suor escorria de Shakespeare e caía nas teclas do sintetizador. Agora, tocava as notas muito depressa e muito alto e o painel passava de âmbar para cor-de-rosa, depois sucessivamente para roxo, para azul e para vermelho.

Lacombe subiu a faixa até ficar a cerca de cento e cinqüenta metros dos veículos, que apenas pairavam e não respondiam. O técnico aumentou o volume do sintetizador e as notas reverberaram através das paredes do *canyon*.

O francês estava muito impaciente.

— *Qu 'est-ce qui se passe?* — perguntou aos objetos. — *Allez, allez, allez. Allons-y. Vamos!*

Lacombe berrava acima do sintetizador, fazendo com as mãos os movimentos das cinco notas.

— Digam olá! — comandou o técnico. — Vamos! Lacombe acenou para os veículos, disse ao músico *Plus vite, plus vite* — e depois voltou para o sintetizador.

Shakespeare estava se esforçando ao máximo e o painel refletia as cores do espectro, desde ultravioleta até infravermelho.

De repente, os veículos responderam. Não por meio de sons, e sim de cores. Começaram a repetir as cores do painel. Cada objeto repetia separadamente as cores que apareciam no quadro. Shakespeare parou de tocar. À medida que as notas iam sumindo no *canyon*, fez-se um silêncio profundo. Durante muito tempo, só se ouvia o vento soprando.

Lacombe apontou então para Shakespeare e disse:

— Vamos, não pare, não pare.

O chefe da equipe exortou o seu homem:

— Vamos, garoto!

O músico-engenheiro começou a tocar muito, muito depressa, e o painel e os três veículos acompanharam o ritmo, mudando de cor em idêntica variação e em toda sincronia. Os homens à sua volta também suavam profusamente, concentrando-se ao máximo enquanto os objetos mudavam de cor. Via-se que estavam cheios de júbilo. Mais do que isso, não cabiam em si de alegria, experimentavam uma sensação jamais sentida ou descrita anteriormente. Pois aquele era o primeiro contato, *o primeiro contato* de que se tinha notícia na história.

Súbito, os três objetos deixaram de responder e voaram em diferentes direções. Um deles disparou para cima e desapareceu, as luzes apagadas, aparentemente engolido por uma grande nuvem. Os outros dois sumiram de vista, por cima da beirada do *canyon*.

A música parou. O painel ficou negro. Silêncio. Apenas o vento se ouvia.

No estádio, foi um total pandemônio, todos aplaudindo e gritando, como no Controle de Missões depois da aterrissagem da Águia. Todos aqueles sisudos técnicos e cientistas davam pulos de alegria, se abraçavam, se apertavam as mãos, batiam nas costas uns dos outros. As luzes do estádio voltaram a se acender e os homens de macacão e terno começaram a sair dos seus cubículos. Aparentemente, tudo terminara.

Os técnicos saíram da cabine e foram ao encontro de Lacombe e do chefe de equipe.

— Lindo! — exclamou ele. — Uma beleza. Lacombe disse a David Laughlin, em inglês:

— Estou muito feliz, esta noite.

O chefe da equipe apertou a mão de todos, inclusive a de Shakespeare:

— Parabéns! Foi um espetáculo inesquecível.

Lá em cima, no seu poleiro rochoso, Roy estava entusiasmado e Jillian banhada em lágrimas.

— Conheço essa música — repetia ela. — Sei que conheço. Já a ouvi antes.

Embaixo, num dos cubículos de comunicação e radar, vários instrumentos estavam vermelhos. As enormes telas do radar tinham novamente parado de girar e focalizavam, todas, a montanha acima de Neary e Jillian. Algo estava acontecendo no céu, para além da montanha.

No estádio, um dos técnicos aproximou-se do francês:

— Sr. Lacombe — disse e apontou para cima. Lacombe e Laughlin afastaram-se e olharam para o céu.

— Que é aquilo? — perguntou David Laughlin. — Que está havendo?

— *Je ne sais pas.*

Roy e Jillian também olharam para onde todos os homens lá embaixo olhavam e apontavam. O que viram assustou-os.

Um grande número de cúmulos se formara no céu, por cima da montanha. Dentro das nuvens havia como que um espetáculo de fogos de artifício. Parecia uma tempestade elétrica, diferente de todas as que já tinham visto, e apavorante pelo tamanho e pela intensidade.

Simultaneamente e sem que fosse necessário falar, Neary e Jillian sentiram que precisavam se afastar daquelas luzes, aproximar-se da base e dos outros seres humanos. E iniciaram a perigosa descida. Jillian estava apavorada. Aquelas nuvens e os relâmpagos recordavam-lhe o dia em que Barry fora levado. Sem dizer nada, comunicou o seu terror a Roy.

As nuvens estavam agora muito perto do cume da montanha. Pareciam ter aumentado de número. Inesperadamente, emergindo das nuvens, um dos objetos, brilhantemente iluminado, atravessou a arena, parando no mesmo lugar onde antes havia pairado. Ficou de novo planando e, de repente, todas as luzes se acenderam. Vermelhas. Três vezes.

Tratava-se, evidentemente, de um sinal qualquer.

A parte maior da formação de nuvens ficou vermelha três vezes seguidas. Depois, ficou outras três vezes branca e azul.

Houve uma breve pausa, durante a qual todos os técnicos se entreolharam, apreensivos. Que iria acontecer agora?

Foi então que a invasão teve início.

Uma formação de cinquenta pontos de luz saiu das nuvens e transformou-se, rapidamente, em objetos voadores de cores e formas bizarras, que começaram a executar acrobacias aéreas para os espectadores. Uma espécie de exibição da Esquadrilha da Fumaça combinada com um número de circo aéreo.

Três deles pararam no meio do ar e se precipitaram na direção do solo. Quando parecia que iam chocar-se, pararam por completo e ficaram pairando, provocando uma tremenda deslocação de ar, que causou uma série de trovões e roncões através do *canyon*.

Os objetos não faziam barulho, mas suas manobras desafiadoras da gravidade criavam vibrações que sacudiam os cubículos e os instrumentos dentro deles, provocando curto-circuitos em vários dos computadores e nos cérebros dos homens que observavam. Que luzes! Que calor! Tão grande, que alguns pedaços de papel pegaram fogo, à passagem em vôo rasante dos veículos sobre o campo.

Duas formações avançaram direto uma contra a outra. Quando parecia inevitável uma colisão de frente, os objetos passaram simplesmente um pelo outro, subiram e voltaram a descer.

Embaixo, no campo, os cientistas corriam para todos os lados, procurando sair do caminho das coisas e gritando: "Cuidado!" e "Droga!"

Alguns daqueles objetos pareciam ter sido desenhados por um gênio cósmico, outros lembravam árvores de Natal voadoras, de tão cheios de luzes coloridas.

Aos poucos, um novo objeto — semelhante ao fundo de uma grelha elétrica, com uma luz vermelho-vivo piscando — passou por cima da base, a menos de oito quilômetros por hora. Voava muito baixo e atraía — como um ímã gigante — tudo o que era de metal e não estava preso: pranchetas, canetas, óculos e fones de cabeça, isqueiros e latas de refrigerantes. Um dos homens levou a mão à boca, demasiado tarde para evitar que uma obturação solta saísse voando e fosse prender-se ao fundo da estranha coisa.

De repente, o veículo ficou azul e tudo o que ele tinha sugado tombou, numa pilha, para o chão.

Lacombe aproximou-se e pôs a mão para cima. Colocou-se bem debaixo da coisa e tocou-lhe o fundo. Não estava quente, mas parecia ser muito sensível porque, tão logo Lacombe a tocou, ela deu um pulo, assustando os técnicos que, munidos de cameras e aparelhos para medir o calor e outros instrumentos, tinham ido atrás do francês, e levantou vôo tão de repente, que o deslocamento de ar estilhaçou várias janelas e afugentou todo mundo.

Neary estava mais curioso do que assustado.

— Preciso chegar mais perto — disse a Julian.

— Entendo — retrucou ela —, mas eu já acho que estou perto demais.

— Tenho de ir lá embaixo. Você não quer vir comigo?

— Não, Roy. Vou esperar aqui.

— Preciso ir até lá — repetiu ele, quase pedindo desculpas.

— Eu sei — disse Jillian. — Eu entendo. Entendo o que você quer fazer.

Olharam um para o outro fixamente, tristemente. E, pela primeira vez desde que se conheciam, beijaram-se.

Mas logo se separaram.

Jillian retrocedeu uns dez metros, até chegar a um pequeno bosque onde achava que ficaria mais protegida e correria menos perigo de ser vista pelos homens lá embaixo.

Neary deu início à longa e arriscada descida.

VINTE E SEIS

Assim que Roy desceu pela montanha, percebeu que o espetáculo terminara. Como se obedecendo a um sinal, todos os objetos tinham desaparecido na noite.

Agora, saindo das nuvens baixas, uma centena de pontos de luz surgiam em redor do perímetro de mais de trinta quilômetros que englobava o *canyon*. Embora esses pontos de luz pairassem a pelo menos quinze quilômetros de distância, Neary podia ver que se tratava de veículos grandes, em forma de porcas e parafusos, que pareciam guardar, pairando, toda a área da base. De repente, ergueram-se ainda mais no céu e diminuíram a intensidade das suas luzes. Agora, Roy mal podia distinguir as formas pretas por trás do clarão. Era uma visão fantástica.

Mas as coisas ficaram ainda mais estranhas.

Lá embaixo, no estádio, todos estavam exaustos e, ofegantes, recolhiam o equipamento, ao mesmo tempo em que tiravam o pó das roupas. Embora fossem cientistas, tinham sido submetidos a um grande choque cultural e cada um deles procurava assimilar a coisa, assumi-la.

Ninguém falava. O vento cessara completamente e o silêncio era total.

Neary descera sem parar e estava agora na base da montanha, procurando aproximar-se sem ser visto, quando alguma coisa o fez estacar e olhar para cima.

De trás da montanha e de dentro de uma nuvem, algo começava a sair, alguma coisa inteiramente preta. Não só preta, mas também enorme. Tão enorme, que Roy não poderia fazer uma idéia do seu tamanho. Vendo aquela enorme forma preta descer do alto da montanha, ocultando a lua e formando uma sombra que poderia cobrir todos os que estavam no *canyon*, Neary pensou que fosse desmaiar.

Dentro da base, o mestre de cerimônias murmurou:

— Oh, meu Deus! E caiu de joelhos.

— Diabos! — exclamou Laughlin, sem saber o que dizia. Lacombe limitou-se a olhar, como que petrificado.

— *Mon Dieu!* — disse, por fim, compreendendo que, se pudessem medir aquela forma, aquela coisa, veriam que a sua largura seria de mais de quilômetro e meio e que o seu comprimento, que cobria todo o céu, ainda não podia ser calculado, porque a sua extremidade continuava encoberta.

De repente, a coisa virou. Uma faixa cirúrgica de luz orlava a parte inferior da coisa e,

então, algo se abriu — um círculo explodiu, como uma coroa de luz.

Era do tamanho de uma cidade, pensou Neary. De Indianapolis. Não, maior ainda. De Detroit. A parte de cima parecia uma refinaria de petróleo, com enormes tanques e oleodutos, chamas e luzes. A massa fantasma, deslizando através do *canyon*, parecia velha e suja, como uma cidade antiga ou uma imensa nave, que tivesse percorrido os céus durante centenas, milhares, milhões de anos. Nem Roy nem qualquer dos cientistas ou técnicos — nem nenhuma outra pessoa na Terra — vira jamais, ou imaginara coisa parecida.

Quando se aproximou da base, uma tremenda explosão de luz irrompeu atrás dela e a dividiu no que parecia ser mil vaga-lumes brilhantes, só que cada vaga-lume era um pequeno veículo, que funcionava como um rebocador. Cada "rebocador" emitia diferentes cores e os mil rebocadores juntos formavam uma espécie de armação de luzes multicoloridas, sobre a qual a massa fantasma — com cerca de três quilômetros de extensão e quilômetro e meio de largura — parecia assentar. A massa estremeceu ligeiramente, quando a armação, de vigas formadas por cores que piscavam, a escoltou para uma área de aterrissagem, no extremo do campo.

Neary pulara por cima do muro de dois metros e estava agora no meio dos técnicos e dos cientistas, todos absolutamente perplexos diante do que viam.

A armação guiou a massa, que desceu a cerca de quilômetro e meio das luzes que delimitavam o local de aterrissagem. Era tão grande que, ao pousar, a beirada formou um teto por sobre todo o acampamento.

A massa criara seu próprio campo de gravidade negativa e, não demorou para que as pessoas e as coisas perdessem cerca de quarenta por cento do seu peso. Isso fez com que todos se animassem, se pusessem a dar pulos no ar, sendo que alguns davam cambalhotas e saltos mortais. Seus colegas de macacão esgueiravam-se e saltitavam por baixo deles com as cameras, tirando fotos do incrível acontecimento.

Depois que a massa desceu, o grupo que estava junto do sintetizador sentiu-se individual e coletivamente enfraquecido. Experimentavam todo o impacto do choque cultural, apesar dos anos de espera e preparação para aquele momento.

Lacombe e o chefe do grupo foram os primeiros a se recuperar parcialmente. Resolveram aproximar mais o sintetizador, que era montado sobre rodas, da massa. Depois de o arrastarem cerca de vinte e cinco metros pelo campo e apesar de se sentirem num outro mundo, todos se reanimaram.

O mestre de cerimônias falou, com a maior frieza possível, ao microfone portátil:

— Todos os departamentos em operação durante esta fase queiram se manifestar por meio de dois sinais.

Dois tons ecoaram pelo *canyon*, quebrando o silêncio reinante.

O técnico da cabine perguntou:

— O analisador de áudio está pronto?

Recuperando um pouco de equilíbrio, agora, que estava fazendo algo, o mestre de cerimônias disse:

— Se tudo estiver pronto aqui, no lado escuro da lua, toquem as cinco notas.

Shakespeare tocou as cinco notas bem devagar. Não houve resposta da massa fantasma.

— *Encore* — ordenou Lacombe.

As cinco notas soaram através da noite. A grande nave emitiu um som que parecia o grunhido de um porco.

— Deve ter sido algo que ela comeu — disse, nervoso, o chefe da equipe.

O músico-engenheiro começou a tocar de novo as cinco notas. Desta vez, não houve nenhuma resposta.

— De novo — disse o chefe da equipe. Shakespeare obedeceu.

Súbito, as últimas duas notas foram completadas pela nave-mãe. O estrondo foi incrível. Fez com que os homens fugissem e estilhaçou todas as janelas dos cubículos. Nas cabines, os técnicos tentaram escapar aos estilhaços e alguns sofreram cortes, mas não se importaram com isso.

— OK — disse o chefe da equipe, passado um momento. — Toque de novo.

O sintetizador soou e a nave respondeu. Desta vez, luzes — iguais às do painel — brilharam em toda a sua superfície.

Jillian Guiler sabia que não podia agüentar mais sozinha. Mesmo cheia de medo, achou preferível tentar descer e juntar-se a Neary. Precisava estar com alguém que a ajudasse a sobreviver a tudo aquilo. Pegou a sacola e a máquina fotográfica, e iniciou a descida, seguindo o mesmo caminho que Roy tomara.

O mestre de cerimônias dirigiu-se a Shakespeare e ao técnico da cabine:

— Toque seis colcheias e depois faça uma pausa. O músico tocou as notas.

A nave ecoou-as e depois tocou um grupo de notas que nenhum deles tinha ouvido antes. O técnico falou:

— Ela tocou quatro colcheias. Um grupo de cinco colcheias. Um grupo de quatro semicolcheias.

Shakespeare imitou as notas emitidas pela nave, que logo acrescentou cinco novas notas e cinco cores diferentes.

No interior dos cubículos, os técnicos estavam numa espécie de Nirvana. A nave estava lhes ensinando o seu vocabulário cromático e musical!

À medida que as trocas aumentavam de complexidade e velocidade, os computadores assumiram o trabalho de Shakespeare. Tirou as mãos do teclado e o Moog foi tocado pelos computadores como se fosse um piano.

— Imitem a nave em tudo — instruiu o mestre de cerimônias. — Acompanhem-na nota por nota.

A nave-mãe explodiu em sons e cor, e o Moog, ligado com o computador e o painel cromático, repetia. Durante vários minutos extasiantes, a grande nave, o Moog e o painel deram uma espécie de concerto cósmico.

Era uma música muito estranha — passando de melódica a atonal, depois lembrando *jazz*, a seguir música folclórica e, logo depois, algo tão grotesco e antimusical, que todos tinham de tapar os ouvidos.

Neary sorria, sem reparar que Jilliam abria caminho através da multidão. Alguns dos técnicos batiam palmas; outros levavam as mãos à cabeça. Lacombe tinha uma expressão de perplexidade.

De repente, a nave parou. Deu alguns grunhidos e depois calou-se. Todas as luzes se apagaram.

A base ficou às escuras e em completo silêncio durante alguns momentos.

Então, a nave começou a se abrir.

Toda a parte de baixo, a partir de uma linha de luz branca, se abriu para uma fornalha de luz.

Todos se afastaram, colocando óculos escuros. Mas, mesmo com óculos, era difícil olhar para aquela luz incandescente.

A coisa abriu-se mais um pouco.

Aquilo era demais. Todos recuaram rapidamente, querendo afastar-se daquela luz enervante, que tinha agora cerca de cento e cinquenta metros de largura.

Mas a abertura continuava aumentando.

Primeiro Lacombe, depois Neary e então os outros foram-se aproximando outra vez. A luz branca emitiu um calor intenso e depois parou.

Dentro do calor ofuscante, distinguiram movimentos.

A luz era tão forte, que mandava raios em todas as direções. Agora, parecia haver oito vultos saindo do meio da luz. Seu aspecto era completamente inumano, porque a luz branca

lhes cortava os corpos em tiras finas.

Mas logo saíram da nave, colocando-se fora do alcance da luz.

Lacombe avançou para eles.

Viram que se tratava de pessoas. De homens.

— Meu nome é Claude Lacombe — disse o francês, mal chegou perto deles.

Os homens pareciam em estado de choque. Todos vestiam uniformes de pilotos navais da década de 40. Eram todos muito jovens e vários deles seguravam capacetes de couro e óculos de aviador.

Continuaram a avançar às cegas, ainda em estado de choque.

O primeiro homem parou, fez continência e apresentou-se:

— Tenente Frank Taylor, reservista da Marinha dos Estados Unidos. 064199.

O mestre de cerimônias deu um passo à frente e apertou-lhe a mão.

— Bem-vindo à pátria, tenente. Por aqui, por favor. Dois homens afastaram-se com o tenente.

Neary não estava entendendo nada. Pela primeira vez, reparou num grande quadro luminoso, onde estavam afixadas cerca de cem fotografias em preto e branco.

— Harry Ward Craig. Capitão da Marinha dos Estados Unidos. 043431.

— Capitão, quer fazer o favor de vir por aqui?

— Bem-vindo à pátria — disse o chefe da equipe.

— Craig, Harry Ward — disse um homem de terno.

— Capitão da Marinha dos Estados Unidos, 043431 — disse um outro, consultando uma prancheta. — Dado como desaparecido ao largo de Chicken Shoals. Vôo número 19.

O primeiro civil foi até o quadro luminoso e colocou um pedaço de fita Durex sobre o retrato de Craig.

— Matthew McMichael. Tenente reservista do Corpo de fuzileiros Navais dos Estados Unidos. 0909411.

— Tenente, prazer em tê-lo de volta.

Mais e mais vultos emergiam da intensa luz. Um dos civis, impressionado, comentou com o chefe da equipe:

— Eles nem sequer envelheceram! Einstein *tinha* razão!

— Einstein provavelmente era um deles.

Havia agora mais de duzentos homens saindo, estonteados, da nave. Eram imediatamente cercados por técnicos, médicos e funcionários civis, e levados para cubículos sem janelas. No alto de cada cubículo, Neary notou que havia um grande gancho. Deduziu que as pessoas e os próprios cubículos seriam carregados pelos enormes helicópteros do Exército, tão logo tudo aquilo terminasse.

Roy virou-se e viu Julian Guiler avançar, correndo. Uma figurinha minúscula, de um metro, se tanto, de altura, estava emergindo da luz. Era Barry.

Julian ria e chorava, ao mesmo tempo em que corria. Abraçou e beijou o garoto, exclamando:

— Sim! Sim!

Barry também parecia muito feliz de rever a mãe. Vendo-os beijar-se e abraçar-se, Neary ficou emocionado.

Jillian puxou o filho para o lado. Sentaram-se todos a uma pequena mesa e Barry disse:

— Eu subi no ar e vi a nossa casa.

— Eu vi você subindo — retrucou Jillian. — Você me viu correndo para tentar alcançá-lo?

— Vi.

Roy Neary aproximou-se de Lacombe, que ainda não reparara nele. O francês ficou impressionado, ou antes, encantado por Neary ter conseguido chegar até ali.

— Sr. Neary — disse ele —, que é que o senhor deseja?

— Só quero ter a certeza de que tudo isto está realmente acontecendo.

Lacombe achou que aquela era a resposta certa, porque estava convencido de que, à sua maneira, Neary era ainda mais importante do que todo aquele encontro. Deixou-o olhando para a grande nave e foi ter com David Laughlin e vários funcionários do Projeto Mayflower.

— Precisamos falar sobre o caso do Sr. Neary — começou Lacombe em francês.

Enquanto Laughlin traduzia, repararam que a gigantesca abertura da nave começava a se fechar. Barry também notou.

— Eles vão embora? — perguntou ele à mãe.

— Vão, sim, Barry. E você, vai ficar comigo? — perguntou-lhe Jillian.

— Vou.

— Para sempre, até você ser grande?

O garotinho limitou-se a rir, feliz da vida. Lacombe, Laughlin e os funcionários do Mayflower estavam discutindo acaloradamente, todos falando ao mesmo tempo. Laughlin levantou a mão, pedindo silêncio, e disse:

— Ele afirma que se trata de pessoas comuns em circunstâncias incomuns. *Não* são casos especiais.

Lacombe voltou a falar rapidamente em francês. Laughlin traduziu:

— Essas pessoas abdicaram das suas vidas, das suas famílias, para vir até aqui, a este encontro. Ficaram obcecadas com a visão desta montanha. É muito importante que o Sr. Neary, o mais depressa possível e voluntariamente, faça também parte deste projeto.

O mestre de cerimônias protestou:

— Mas nós submetemos a nosso pessoal a noventa e sete meses de treinamento intensivo. Não pode esperar que alguém se equipare a eles. Como é que ele vai se adaptar, como é que vai reagir?

A abertura da nave fechara-se completamente. Barry começou a chorar.

— Adeus! — disse ele, acenando e Jillian também chorou. Aparentemente, Lacombe conseguira convencê-los, pois o

francês afastou-se do grupo e aproximou-se novamente de Roy.

— Sr. Neary, eu o invejo — disse ele, apertando a mão do espantado americano.

Nesse momento, a grande nave abriu-se de novo com uma explosão de luz e som. BING-BONG, BING-BONG — como se para chamar a atenção. Tudo o que havia de metal na base retiniu.

Algo se estava outra vez fundindo no incandescente interior da nave-estrela. Lampejos de energia entrelaçavam-se em formas helicoidais, até parecerem... gelificar-se.

Um vulto surgiu. Depois, outro e, a seguir, um terceiro.

Deram um passo à frente. Uma única nota saiu da nave-mãe, como se fosse o som de mil trombetas. Os três vultos deram outro passo à frente.

Eram enormes, com quase três metros de altura e terrivelmente magros. Demasiado magros para terem o aspecto de corpos humanos, embora se movessem sobre coisas semelhantes a pernas e agitassem coisas que pareciam braços.

Jillian colocou Barry no colo — apesar dos seus protestos — e começou a andar mais

depressa em direção à parte de trás da base. Não queria correr mais riscos. Pensava que poderia enfrentar qualquer coisa, agora que tinha Barry de novo, mas aquelas criaturas eram demais.

Os estranhos seres deram outro passo, e depois pararam e tocaram-se. Quando se tocavam, iluminavam-se todos, irradiavam luz do corpo. De repente, um deles estendeu um tentáculo incrivelmente longo e apontou para Roy.

Neary ficou confuso e deu vários passos para afastar-se do estranho braço. Mas ele seguiu-o. Não havia dúvidas de que apontava para ele.

Lacombe também apontava para Roy, além de encorajá-lo com acenos de cabeça.

— Sr. Neary — falou o mestre de cerimônias —, disseram-me que podemos contar com toda a sua cooperação. Qual o seu tipo de sangue?

— Não tenho a menor idéia — respondeu Neary.

O mestre de cerimônias conduziu Roy até um dos cubículos.

— Qual a sua data de nascimento?

— Quatro de dezembro de 1947.

— O senhor alguma vez foi vacinado contra varíola, difteria...? Alguém na sua família sofre do fígado?

Jillian, com Barry ao colo e a sacola pendurada no ombro, saíra do acampamento e estava se dirigindo outra vez para a montanha, quando ouviu um novo barulho abaixo dela e se virou para olhar.

De dentro da grande nave espacial saía uma espécie de tremendo zumbido. O interior da nave parecia convulsionado, contorcendo-se de energia. Pequenos vultos começaram a emergir e a abrir caminho através da abertura incandescente.

Pareciam ter mais ou menos um metro de altura e lembravam seres humanos pelo fato de terem braços, pernas e uma espécie de cabeça bulbosa. Mas era difícil distinguir cada vulto, transformado em mera silhueta contra a fornalha branco-amarelada da nave-mãe. Seus braços e suas pernas eram incrivelmente flexíveis, de um jeito que nenhum ser humano poderia imitar.

Eram também infinitamente extensíveis, como Lacombe não tardaria a descobrir. Um dos diminutos visitantes passou um braço em volta dele e o braço só parou de crescer depois de rodear inteiramente a cintura do francês.

A princípio, os visitantes pareciam hesitar, comparar as suas forças com as dos humanos e também testar a recepção que os humanos lhes dariam.

Tocavam em tudo. Tocavam em todas as coisas, em todos os lugares. E, como cada ser humano reage de maneira diferente ao toque, alguns dos técnicos de macacão recuavam e

outros reagiam de maneira mais amistosa.

Dentro de um dos cubículos maiores, que fora planejado a fim de parecer uma pequena capela, um estranho serviço se desenrolava. Doze homens de macacão vermelho, segurando capacetes e com coletes salva-vidas, ajoelhavam-se diante de outro homem, metido num macacão branco.

— Louvado seja o Senhor em todas as ocasiões — falou o sacerdote.

— Que Deus nos dê uma viagem feliz — responderam os astronautas.

— Senhor, indica-nos o Teu caminho.

— Eleva-nos pela Tua mão.

— Orienta as nossas vidas.

— E faz com que sigamos os Teus preceitos.

Em outro cubículo, Neary enfiava um macacão vermelho, semelhante ao dos astronautas.

— Sr. Neary — disse o mestre de cerimônias —, a nossa equipe preparou alguns documentos básicos, que precisam da sua assinatura. Este aqui declara que o senhor solicitou uma posição especial dentro do Projeto Mayflower e não foi coagido a participar.

Lá fora, os toques eram não só gerais, mas específicos. Os visitantes apalpavam os ventres, os rostos e as costas dos homens. Quando a pessoa não gostava, passavam para outra, que não desse sinais de se incomodar. E, quando os humanos reagiam tocando-os

por sua vez, os visitantes davam a impressão de desmaiar por um instante, passando por várias cores e vibrando da escuridão até o brilho.

Assim que perceberam que estavam entre "amigos", entregaram-se a uma verdadeira orgia de apalpação, carícias, tapinhas. Um dos chefes de equipe, de macacão branco, abriu um caixote de latas de Coca-Cola e começou a distribuí-las pelos pequeninos seres e a mostrar como se bebia.

Os humanóides reagiram derramando Coca-Cola nas mãos, onde o refrigerante não tardou a desaparecer. O resultado foi imediato: puseram-se a pular como se fossem bolas de pingue-pongue, excitados pela Coca-Cola.

Do alto de um platô, Jillian e Barry assistiam àquela cena incrível. Jillian enfiou a mão na sacola e, retirando uma pequena máquina fotográfica, começou a bater fotos. Barry ria de novo às gargalhadas, contando à mãe como eram os seus amiguinhos, lá embaixo.

Lacombe parecia ser o centro das simpatias dos humanóides, provavelmente por reagir à moda deles, acariciando quando acariciado, apalpando quando apalpado. Ria sem parar. David Laughlin, imitando-o, ria também.

Dentro da capela, o padre continuava a entoar:

— Deus encarregou os Seus anjos de zelar por vocês. Rezemos para que o Senhor conceda a estes peregrinos uma boa viagem.

Mas a atenção dos doze astronautas desviaram-se para a grande janela, através da qual podiam ver e ouvir algo dos extraordinários acontecimentos que se desenrolavam lá fora. Nem sequer os propalados noventa e sete meses de treinamento intensivo os preparara para aquilo. Rezar trazia conforto, sentiam eles, mas uma coisa era isso e outra ver-se no espaço, entregue à própria sorte. Não havia um só que não estivesse apavorado.

No interior do cubículo de Neary, o mestre de cerimônias continuava falando:

— Este último documento é uma simples formalidade. É muito possível que tenhamos problemas na área do Direito comum e canônico, fora da alçada da astronomia. Poder-se-ia alegar que o senhor está, na verdade, tecnicamente... morto. Este documento apenas atesta que, no caso de ser feita essa alegação, o senhor a acatará. Mera formalidade.

Roy não sabia de que diabos o sujeito estava falando ou que papéis estava assinando. Só queria sair dali. Receava estar perdendo alguma coisa.

Viu os doze astronautas saindo, em fila, da capela e, depois, ele e o mestre de cerimônias saíram também do cubículo e incorporaram-se à procissão. O mestre de cerimônias continuou a instruí-lo febrilmente, entregando-lhe um gravador e uma sacola cheia de fitas. Enquanto caminhavam, um médico auscultava-lhe o coração através de um estetoscópio e outra pessoa verificava os eletrodos do seu macacão e testava o transmissor portátil, que estava ligado, por uma caixa de bateria, aos computadores do cubículo médico.

O padre retomara as suas orações:

— Oremos para que, guiados por uma estrela, estes peregrinos tenham uma feliz viagem e dias de paz, para que, com o Teu divino anjo como guia, possam chegar ao seu destino e alcançar o porto da eterna salvação. Deus, que guiaste o Teu servo Abraão para fora de Ur, na Caldéia, e o conduziste a salvo em todas as suas andanças, vela também por estes Teus servos...

A procissão foi cercada por dezenas de pequeninos visitantes, chilreando e piscando. Evidentemente, queriam que a fila parasse.

O sacerdote parou de andar, mas continuou a orar, num cantochão ainda mais alto. Não havia dúvidas de que também ele estava terrivelmente assustado.

— Senhor, sê para eles uma ajuda nos preparativos, um conforto durante a travessia, sombra no calor, abrigo na chuva e no frio, carruagem, quando eles estiverem cansados, um escudo na adversidade, um bastão quando eles se sentirem inseguros, um porto em meio ao naufrágio, para que, guiados por Ti, possam alcançar o seu destino e voltar sãos e salvos aos seus lares.

Dois dos humanóides enroscaram-se em Roy e o separaram dos outros. Depois, deixaram-no sozinho, como se em liberdade para tomar uma decisão. Neary voltou-se, à procura de Jillian e de Barry, mas não os encontrou. Em vez deles, avistou Lacombe. Os dois olharam um para o outro durante muito tempo e por fim o francês acenou encorajadoramente com a cabeça e sorriu.

Roy virou-se e deu o primeiro passo. Depois, começou a andar, primeiro lentamente e logo mais depressa, na direção da zona de gravidade negativa da nave e da abertura incandescente. Os doze astronautas puseram-se a segui-lo.

Os pequenos humanóides formaram duas filas chilreantes que piscavam em torno da coluna de astronautas, e acompanharam-nos, pela escada brilhantemente iluminada, rumo ao reluzente interior da nave-mãe.

Uma das criaturinhas afastou-se dos outros e dirigiu-se para Lacombe. Estendeu um tentáculo e fez o primeiro dos sinais, correspondentes à primeira nota. Profundamente emocionado, Lacombe respondeu e logo o francês e a criatura passaram aos outros quatro sinais.

Lacombe olhou para... o seu rosto. Estava se transformando — de algo embriônico, sem forma, no rosto de uma coisa com mil anos de idade. De repente, Lacombe percebeu que toda a sabedoria, toda a superinteligência, toda a experiência necessária para construir aqueles veículos, para viajar aqueles milhões de anos-luz, estavam ali, no rosto envelhecido e no... sim, no sorriso... daquela fantástica criaturinha. Lacombe sorriu também e o pequeno ser deslizou atrás dos outros e entrou na nave fantasma.

Neary deu mais um passo na rampa brilhante, que levava ao centro da nave-mãe. À sua volta, o clarão era quase ofuscante, mas ele parecia poder ver... tudo.

Roy voltou-se, para ter a certeza de que os doze astronautas continuavam com ele. Depois, acenou pela última vez para Lacombe, Julian e Barry, esperando que eles ainda o pudessem ver..

Lá fora, na faixa de cimento, os vultos de Neary, dos astronautas e das pequenas criaturas desmaterializavam-se em luz e energia.

Neary avançou de novo, liderando a procissão para o interior luminoso do mistério.

A grande abertura começou a fechar-se.

Lacombe, Laughlin e os outros ficaram a olhar, em silêncio.

E, então, a princípio lentamente, e depois mais depressa, a gigantesca nave espacial foi levantando vôo da sua plataforma de luz, que por sua vez começou também a se erguer no ar. Não tardou que formasse uma escada multicolorida para o céu e que a enorme nave negra, agora só com as bordas brilhando, atravessasse camada após camada de nuvens, até aquela cidade celeste se transformar na mais brilhante das estrelas.

Julian e Barry ficaram acompanhando com o olhar tudo aquilo. Ela tirou uma derradeira foto, a última das fotos mais importantes de toda a história do mundo. A prova irrefutável.

Fim.